



Departamento de História

Jornal de Viagens: a iconografia dos territórios estrangeiros  
na imprensa portuguesa oitocentista

Mariana Teixeira Pascoal Simões

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em História Moderna e Contemporânea,  
Especialidade Cidades e Património

Orientadora:  
Doutora Maria João Mendes Vaz, Professora Auxiliar,  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017



## RESUMO

A publicação de jornais na segunda metade do século XIX contribuiu para uma comunicação mais fluída e regular, promovendo a divulgação ampla de ideias e de conhecimentos, nomeadamente do espaço físico das cidades e territórios estrangeiros. A presente dissertação aborda a temática da representação visual dos territórios estrangeiros através do exemplo dos jornais ilustrados de viagens oitocentistas, com vista à análise da construção do imaginário específico deste período. O objeto de estudo selecionado – *À VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos*, com direção de Teófilo Braga e Abílio Costa Lobo, publicado entre 1880 e 1883 – constitui um instrumento privilegiado para a criação e difusão de um imaginário próprio na cultura visual portuguesa referente aos territórios «além-fronteira». A publicação é ilustrada com diversas gravuras que representam paisagens, cidades, monumentos, retratos, história natural, costumes e povos e acompanham descrições de viagens e lugares distantes, aventuras passadas em ex-colónias portuguesas e ainda cenas e costumes em Portugal. A iconografia que ilustra os textos surge como objeto de análise e interpretação através de um exercício de «desconstrução» das representações visuais associadas aos territórios divulgados, estrangeiros e portugueses, questionando se estas imagens são maioritariamente fiéis aos territórios ou se são «alteradas» ou «fantasiadas» nas suas formas de representação e, conseqüentemente, de que maneira contribuem para a construção de um «conhecimento» mais – ou menos – realista do mundo contemporâneo.

Palavras chave: Viagens, África, Imprensa, Gravura, Fotografia.



## ABSTRACT

The development of the newspaper industry during the second half of the nineteenth century has strongly contributed to a wider and more fluid way of communicating, promoting the dissemination of ideas and knowledge, namely regarding the physical territories of cities and foreign landscapes. This investigation is concerned with the subject of visual representations of foreign territories by the Portuguese press, taking as an example the nineteenth century illustrated travel journals, with a view to analyse the construction of the specific imagery of this period. Our case of study – *À VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos* [*AROUND THE WORLD: journal of travelling and geographical subjects*], directed by Teófilo Braga e Abílio Costa Lobo and published between 1880 and 1883 – stands out as a privileged instrument for the fabrication and communication of a specific imagery which can be recognised amongst the Portuguese visual culture of the foreign territories. The journal is widely illustrated with a variety of pictures which represent natural landscapes, cities, monuments, portraits, natural history, people and their habits, along with the literary descriptions of journeys and distant places, adventures taking place in old Portuguese colonies or even scenes and traditions from Portugal. The iconography is further analysed and interpreted through an exercise of «deconstruction» of these visual representations posing the questions of whether these pictures are mostly faithful to the original territories or perhaps modified or fantasized in their forms of representation, and thus how they contribute to the construction of a more or less realistic «knowledge» of the contemporary world.

Key words: Journey, Africa, Press, Engraving, Photography.



# ÍNDICE

## 0. INTRODUÇÃO

0.1 TEMA .....	01
0.1.1 Problemática	
0.1.2 Definição do Objeto de Estudo	
0.1.3 Metodologia	
0.2 ESTADO DA ARTE .....	07
0.3 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	09

## 1. CONTEXTO

1.1 PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS .....	11
1.1.1 Contexto político e social	
1.1.2 A imprensa periódica ilustrada oitocentista	
1.1.3 A gravura	
1.1.4 A fotografia	
1.2 A VIAGEM E O SEU ENTENDIMENTO CONTEMPORÂNEO .....	23
1.2.1 Literatura de viagens	
1.2.2 A ilustração dos novos mundos	

## 2. O JORNAL *À VOLTA DO MUNDO*

2.1 A PUBLICAÇÃO .....	33
2.1.1 Abílio Costa e Teófilo Braga	
2.2 O IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO DIVULGADO .....	39
2.2.1 Territórios coloniais	
2.2.2 Outras regiões	
2.2.3 Portugal	
2.2.4 História/ ciência/ tecnologia/ opinião	
2.2.5 Notícias	
2.3 A ICONOGRAFIA CONSTRUÍDA .....	46
2.3.1 Mapas	
2.3.2 A experiência do protagonista	
2.3.3 Retratos	
2.3.4 Paisagem	
2.3.5 A visão nacional	

## 3. CONCLUSÃO .....

113

## 4. FONTES E BIBLIOGRAFIA .....

117

4.1 FONTES ICONOGRÁFICAS	
4.2 OUTRAS FONTES E BIBLIOGRAFIA	

## 5. ANEXOS .....

125



## 0. INTRODUÇÃO

### 0.1 TEMA

A temática da viagem assume um papel crucial no que diz respeito ao registo e divulgação de paisagens e arquiteturas desconhecidas. O século XIX foi um período de grandes viagens, iniciadas mais de meio milénio antes na descoberta de novos mundos e é por estas expedições a lugares já conhecidos – mas ainda distantes – que se inicia a presente proposta de dissertação.

«Neste período lato produziram-se relatos de viagens de carácter mais científico ou existencial, de forma mais ficcional ou objectiva, sempre transmitindo aos que ficam relatos ou impressões (...). A itinerância de alguns foi gerando a experiência do mundo de outros, ampliando a percepção do espaço universal, gerando aquilo que se pode chamar de «memória virtual» ou «representação ficcional» de um mundo que desconhecemos mas que construímos lenta e imperceptivelmente dentro de nós.»<sup>1</sup>

Toma-se como ponto de partida o caso da publicação dos jornais no século XIX que contribuíram para uma comunicação mais fluida e regular, promovendo a divulgação ampla de conhecimentos, nomeadamente do espaço físico das cidades e territórios estrangeiros – caso que interessa estudar através dos jornais ilustrados de viagens.

#### 0.1.1 Problemática

O objeto de estudo particular que se pretende analisar – *À VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos*, com direção de Teófilo Braga e Abílio Costa Lobo, publicado entre 1880 e 1883 pela Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Lisboa –, constitui um instrumento privilegiado para a criação e difusão de um imaginário próprio na cultura visual portuguesa referente aos territórios «além-fronteira». As publicações são ilustradas com diversas gravuras que representam paisagens, cidades, monumentos, retratos, história natural, costumes e povos e acompanham descrições de viagens e lugares distantes, aventuras passadas em ex-colónias portuguesas e ainda cenas e costumes em Portugal. A iconografia que ilustra os textos – elemento com importante presença ao longo de toda a publicação – surge como o principal objeto de estudo desta dissertação, com vista à análise das representações feitas dos territórios estrangeiros e da sua divulgação através da imprensa portuguesa, questionando se estas são maioritariamente fiéis aos territórios ou se são «alteradas» ou «fantasiadas» nas suas formas de representação e, consequentemente,

---

<sup>1</sup> Silva, João Gomes da (2007), «O viajante», *Jornal dos Arquitectos N°227 ABRMAIOJUN-Férias*, pp.32-33.

de que maneira contribuem para a construção de um «conhecimento» mais – ou menos – realista do mundo contemporâneo.

### 0.1.2 Definição do objeto de estudo

Para a definição do objeto de estudo foi feita uma pesquisa para a qual contribuiu a importante compilação executada pela Biblioteca Nacional de Portugal que identifica os jornais e revistas portuguesas do século XIX, limitado aos títulos existentes no fundo documental da Biblioteca Nacional que foram identificados como detentores de carácter jornalístico.<sup>2</sup> A escolha do período do século XIX é justificada pela sua importância ao nível social, político, económico e cultural em Portugal:

«De facto, verificou-se neste século um aumento na produção de jornais, motivados quer pela contestação às Invasões Francesas, quer pela posterior Revolução Liberal e lutas liberais. Por outro lado, na imprensa periódica portuguesa ocorreu um facto inovador: o aparecimento dos primeiros diários e dos jornais especializados. Estes ultrapassam o carácter marcadamente político para se destinarem também à defesa de interesses sociais, à divulgação de actividades intelectuais, científicas, religiosas e até recreativas.»<sup>3</sup>

Considerando que os jornais «passam a desempenhar uma relevante função social, constituindo uma fonte histórica de primeira importância» e dada a sua especialização,<sup>4</sup> constitui interesse, entre os vastos periódicos da sociedade oitocentista listados, a identificação de fontes de estudo relativas ao tema que nos propomos estudar. Foram desta forma identificados todos os periódicos presentes no referido catálogo relacionados com o tema das «viagens»: *A FOLHA DE HOJE: jornal de viagens, notícias e de recreio*, 1881-1882, propr. A. Carneiro, Lisboa: A. Carneiro; *A FOLHA DE HOJE*, 1881, propr. A. Ferreira de Brito, Porto: A. F. Brito; *O EXPLORADOR: viagens, ciências e letras*, 1885, propr. Ernesto de Carvalho, J. D. Rodam Tavares, F. Soares Victor, Lisboa: Typographia e Sterotypia Moderna; *A VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos*, propr. A. de Sousa Pinto / dir. lit. Teophilo Braga e Abilio Eduardo da Costa Lobo, 1880-1883, Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira; *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRAS E MAR*, 1879-1898, dir. Emydio d'Oliveira, Porto: Imp. Internacional. Verificou-se que as publicações identificadas remetem aproximadamente para as duas últimas décadas do século XIX, período que se propõe estudar e cujo contexto será analisado. É de

---

2 Rafael, Gina Guedes e Manuela Santos (Org.) (1998-2002), *Jornais e revistas portuguesas do séc. XIX*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

3 *Idem*, p.15.

4 *Idem*, p.9.

referir que são identificadas na introdução deste catálogo as dificuldades que o jornalismo oitocentista coloca, principalmente para quem o tencione abordar como fonte histórica, patente no elevado número de títulos, não rara ocorrência de semelhantes designações, imprecisões sobre classificações de números e títulos, bem como dificuldade de classificação de natureza e periodicidade de muitos casos, sendo crucial a sua contextualização.<sup>5</sup> A autora Soledade Rodrigues explica que os jornais de aventuras e viagens surgem em Portugal à semelhança do que se passava em outros países, nomeadamente em França que fornecia os modelos editoriais, apresentando textos e ilustrações de elevada qualidade e que tiveram grande aceitação por parte do público:

«Em 1879, surgiu no Porto o *Jornal de Viagens e Aventuras de Terra e Mar*, ilustrado, sob a direcção de Emídio de Oliveira, que durou até 1883 e teve uma segunda série de 1896 a 1898. Numa altura em que a maioria dos jornais era efémero esta duração indicia muito boa aceitação do público, tendo em conta que a produção e o conseqüente preço de um periódico desta natureza era bastante elevado.

Em Lisboa, não tarda a ser publicado o periódico *À Volta do Mundo: jornal de viagens de assumptos geographicos*, em 1880, com direcção literária de Teophilo Braga e Abílio Lobo, com desenhos de Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro, que se publicou até 1883.»<sup>6</sup>

A autora faz ainda referência a outras tentativas de menor sucesso de periódicos dedicados à viagem como *O EXPLORADOR*, com apenas dois números em 1885 por falta de descrições de viagens e de gravuras, que era hábito acompanhar este género.<sup>7</sup> As explorações geográficas, portuguesas ou estrangeiras, adquiriram grande relevo no espaço informativo da imprensa nas últimas décadas do século XIX. Contribuíram para o seu impacto junto do público a utilização de um tipo de linguagem mais próxima do registo popular, bem como o recurso à ilustração, cujas gravuras legitimavam testemunhos e estimulavam a imaginação.

Dado o estado de conservação das publicações acima referidas, listadas pela Biblioteca Nacional, foram consultados apenas os três periódicos encontrados disponíveis e que coincidem, simultaneamente, com publicações de cadência superior à diária: *O EXPLORADOR*, *À*

---

5 Rafael (1998-2002), *Jornais e revistas portuguesas...*, p.10.

6 Rodrigues, Soledade Amaro (2009), *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda., p.90.

7 São ainda referidas pela autora outras revistas de vulgarização de conhecimentos e de recreio, geralmente publicadas em fascículos, que dedicavam números à temática colonial, contribuindo com o relato de viagens e aventuras, reais ou imaginárias, para a recuperação dos conceitos de Viagem e Descoberta. Constituem exemplos a *Biblioteca Geographica Illustrada* ou o *Almanaque Ilustrado de Viagens Contemporâneas*. (*Idem*, p.91).

*VOLTA DO MUNDO* e *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRAS E MAR*. Relativamente ao *O EXPLORADOR*, de periodicidade bimensal, foi possível consultar apenas o primeiro número de apresentação (15 de janeiro de 1885) sem qualquer ilustração e que propõe, para os números seguintes, uma «série de narrações palpitantes, sob o título de «DRAMAS GEOGRÁFICOS» entre outras surpresas:

«A Geographia, a Historia, as grandes viagens d’exploração e todas as divisões da sciencia popular, tão descurada no nosso paiz, terão secções especiaes no *Explorador*, encryptas de modo a serem lidas e comprehendidas até pelas classes menos illustradas. Diffundir conhecimentos necessarios e de que ninguem pode precindir na epoca actual, é o fim altamente civilizador da nossa revista; e, por isso mesmo, despreza o mercantilismo d’outras publicações, anunciadas pomposamente.»<sup>8</sup>

O *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRA E DE MAR*, editado entre 1879 e 1898, de periodicidade semanal e com textos ilustrados, revelar-se-ia uma fonte de análise demasiado extensa na sua totalidade para o âmbito do presente trabalho, estando contudo apenas disponíveis para consulta os volumes referentes aos dois primeiros anos de publicação.

«Está tudo a postos. As vellas, meio soltas, batem impacientes contra a enxarcia. Principiamos dentro em pouco a nossa viagem ao redor do globo. De quanto tempo será? Esperamos as ordens dos passageiros. Elles dirão até que ponto poderemos romper as balizas do oceano, até que altura subir o aerostato, até que fronteiras devem ser lançados os rails do nosso trem. Por mar e por terra, pelas regradas civilisações europeas, bem como pelas mysteriosas e sombrias florestas da Africa, a romantica; pelas activas industriaes e progressistas cidades da nova America, ou pelas ruas desertas dos grandes focos extinctos, chamados Pompeia, Herculanium e Troia — pelos sombrios e assombrosos rios de origem desconhecida, ou pelas planicies de gelo que se estendem até ao polo — ao redor d’este globo azul — nós caminharemos incansaveis à voz entusiasta dos nossos passageiros.»<sup>9</sup>

Entre os temas propostos na apresentação do jornal realçamos a referência aos «exploradores modernos» como Cameron, Stanley, Grant, Schweinfurth e ainda o português Serpa Pinto; aos relatos e descrições de Jacolliot, Schweinfurth, Franklin e Cook sobre povos e culturas visitadas; e ainda às descrições de paisagens como «as margens umbrosas do Tanganyka, as cataratas do Zamzebe, a rapida corrente do Nilo, o Far-West, a California, os decantados Mormons, as geleiras da Suissa, as cabanas da neve dos esquimós, as ruínas do Egypto e da Persia, os chalets de Yedo, as grandes cidades geladas da Russia (...) tudo quanto há de curioso, de brilhante, de

---

8 Assinado por *A Empreza*, in *O EXPLORADOR: viagens, sciências e letras*, 1885, Lisboa: Typographia e Sterotypia Moderna, N.1, p.1.

9 *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRAS E MAR*, dir. Emydio d’Oliveira, Porto: Imp. Internacional, 1879, N.1.

notavel (...).»<sup>10</sup> As gravuras que o ilustram, não obstante a potencial riqueza de análise do seu conteúdo, não se encontram devidamente legendadas e identificadas.

Finalmente, o periódico *À VOLTA DO MUNDO*, publicado entre 1880 e 1883 e de periodicidade quinzenal, está disponível integralmente para consulta em três volumes publicados pela Empresa Litteraria Luso-Brazileira (1880-1883). Como anteriormente referido, as publicações são profusamente ilustradas com desenhos de variados artistas estrangeiros e portugueses, entre os quais Raphael e Columbano Bordallo Pinheiro, e ainda cópias de fotografias de Carlos Relvas. Encontramos, entre os textos, referência a realidades tão distintas como as viagens de atravessamento de África por Serpa Pinto ou a construção da ponte de Brooklyn, em Nova York.

«Se seguíssemos as velhas formulas, começaríamos esta revista da quinzena fazendo uma apresentação do nosso jornal bem lardeada de modestias e de promessas a que teríamos o cuidado de faltar no decurso da publicação; mas nós preferimos, por serem contra a nossa consciencia e contra os nossos interesses, abandonar esses velhos habitos de burla e singelamente dizer ao publico: – Havemos de fazer todos os esforços para que esta publicação adquira o máximo numero de leitores – satisfaremos assim a nossa ambição de sermos uteis ao paiz e o desejo vehemente de que os esforços da empresa sejam convenientemente recompensados. Posto isto, a traços largos, vamos dar ao leitor uma resenha dos factos que, mais estreitamente relacionados com a indole d’este jornal, durante a ultima quinzena preocuparam o mundo scientifico, industrial e commercial.»<sup>11</sup>

Acrescenta-se ao facto do intervalo temporal da publicação viabilizar uma análise detalhada do seu conteúdo no presente trabalho, a relevância do diretor literário Teófilo Braga que assume a liderança do jornal juntamente com Abílio da Costa Lobo. Relativamente à iconografia, elegida como principal objeto de análise, realçamos o facto de a maioria das ilustrações serem legendadas com identificação de respetivos autor e técnica, contribuindo assim para a definição final do nosso caso de estudo: *À VOLTA DO MUNDO, Jornal de viagens e de assumptos geographicos*.

### **0.1.3 Metodologia**

Considera-se como ponto de partida para o presente trabalho o entendimento de que a construção da imagética dos territórios estrangeiros, através dos jornais de viagens do final do século XIX, constitui uma forma de interpretação de determinada realidade que a torna acessível a um público mais vasto. A iconografia das viagens surge como objeto de estudo com vista ao apro-

---

<sup>10</sup> *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS...*, 1879, N.1.

<sup>11</sup> *À VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos*, dir. Teophilo Braga e A. Costa Lobo, Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira, 1880, V.1, p.20.

fundamento da investigação das relações que a sociedade oitocentista estabelece com os territórios do restante mundo, inclusive das suas próprias colónias, e das relações entre os territórios físicos reais e as suas representações visuais contemporâneas, difundidas através da imprensa.

Inicialmente, a investigação partiu da análise do contexto da sociedade portuguesa de final de Oitocentos – a nível político e social, cultural e tecnológico – por forma a conseguir interpretar de maneira rigorosa o objeto de estudo selecionado. Paralelamente, foi identificado o significado e relevância da «imagem» como instrumento crucial de construção, difusão e interpretação da realidade, promovendo uma abordagem crítica do objeto de estudo. A investigação incluiu o enquadramento do significado de viagem na sociedade oitocentista, das suas formas de registo e difusão contemporâneas.

Posteriormente, a análise do jornal baseou-se, numa primeira fase, na recolha de dados e informação aí constante. Foi executado o levantamento dos textos e iconografia da publicação integral, feito sob a forma de tabelas onde foram listados – por volume e número de publicação – cada texto, respetivo autor, breve descrição de conteúdo e página correspondente; assim como as gravuras que os ilustram, respetivo título/ legenda, autor, tipografia e breve descrição e página correspondentes. Numa segunda fase, procedeu-se à interpretação dos dados recolhidos e à categorização dos mesmos. Os textos – relatos pessoais de viagens, artigos científicos, histórias de ficção, entre outros – foram identificados, de acordo com o seu conteúdo, com uma das seguintes categorias: *territórios coloniais, outras regiões, Portugal, artigos de história/ ciência/ tecnologia/ opinião, e notícias*. As gravuras, de acordo com a origem dos desenhos – feitos a partir de observação direta ou esboço do viajante, a partir de relatos ou outros textos, ou a partir de fotografias concretas – foram associadas às seguintes categorias: *mapa, desenho, fotografia, texto, sem indicação*. (ver ANEXOS A e B)

Sempre que possível e relevante, tentou-se estabelecer a análise comparativa dos desenhos e fotografias originais que constituem base de determinadas gravuras – é o caso dos esboços de Serpa Pinto, cujos cadernos de viagem pertencem ao espólio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Relativamente às fotografias, foi consultado o acervo fotográfico da Casa-Estúdio Carlos Relvas, que permitiu o confronto com alguns originais das gravuras e outras imagens contemporâneas; ou a obra de Augusto da Cunha Moraes, disponível para consulta digital no Instituto Português de Fotografia. Outras fotografias originais foram identificadas, pela legenda das gravuras ou conteúdo dos textos, como é o caso das fotografias apresentadas de George Morache e John Thomson, cuja consulta permite uma comparação direta com as gravuras conseqüentes. Perante a inexistência das fotografias originais exatas de algumas gravuras

relevantes, recorreu-se a fotografias contemporâneas que permitem uma análise comparativa do objeto em causa.

Finalmente, à luz do contexto da sociedade que integram, pretendeu-se interpretar os dados analisados por forma a traçar o «mapa imaginário» construído, na tentativa de averiguar qual a sua configuração, nomeadamente em termos de grau de realidade ou fantasia patente na iconografia identificada. Pretende-se responder às questões colocadas pela problemática inicial, descortinando as relações visuais criadas entre a sociedade oitocentista portuguesa e os territórios do restante mundo e a sua influência num imaginário coletivo futuro.

## 0.2 ESTADO DA ARTE

Sobre a temática exclusiva dos jornais de viagens não foram encontrados estudos específicos. O já referido *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*, editado pela Biblioteca Nacional no seguimento de um rigoroso levantamento bibliográfico do seu acervo, introduz e enquadra o interesse e a relevância dos jornais no século XIX, abordando o processo de «democratização cultural», consequência de uma maior divulgação de ideias e conhecimentos a um grupo mais alargado da sociedade; os jornais oitocentistas, não obstante todas as limitações que apresentam, cumprem a função de ultrapassar as contingências da comunicação direta e interpessoal.<sup>12</sup>

Sobre o tema da imprensa portuguesa em geral, destaca-se a importante *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, de José Tengarrinha,<sup>13</sup> enquanto as «Fichas Históricas» de alguns jornais e revistas portuguesas, disponibilizados através dos Estudos Internos da Hemeroteca Municipal de Lisboa, constituem valiosas fontes de informação.<sup>14</sup> Alguns periódicos particulares do período oitocentista são abordados em diversos estudos, como «O *Archivo Pittoresco* e a evolução da Gravura de Madeira em Portugal» de Graça Afonso, que cruza o tema da gravura com o tema da imprensa;<sup>15</sup> ou *Um Império de Papel: Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*, de Maria Leonor Pires Martins,<sup>16</sup> que desenvolve a temática da representação das viagens coloniais na imprensa periódica deste período, nomeadamente através do exemplo da revista *O OCCIDENTE: revista ilustrada de Portugal e do*

---

12 Rafael (1998-2002), *Jornais e revistas portuguesas...*, p. 10.

13 Tengarrinha, José (1989), Lisboa: Editorial Caminho.

14 Estudos disponíveis para consulta em: «[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/HIPP/EstudosInternos\\_HIPP.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/HIPP/EstudosInternos_HIPP.htm)».

15 Afonso, Graça (2007), Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências *Arquivo Pittoresco, 150 Anos Depois (1857-2007)*, 2.<sup>a</sup> Conferência (Hemeroteca Municipal de Lisboa, 20 Setembro 2007).

16 Martins, Maria Leonor Pires (2014), Lisboa : Edições 70.

*estrangeiro* (1878-1915). A análise da figura do herói colonial explorador e a sua divulgação na imprensa são também investigados por Soledade Amaro Rodrigues em *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, investigação relevante para a presente proposta de trabalho,<sup>17</sup> assim como a análise de Manuela Cantinho em «Livros de Viagem da Expedição Portuguesa ao Interior da África Austral em 1877».<sup>18</sup> A imagem como importante fonte histórica, no que diz respeito aos territórios coloniais, é ainda objeto de investigação da autora Filipa Lowndes Vicente que organiza *O Império da Visão. Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, importante investigação onde estão reunidas diferentes abordagens sobre a cultura visual destes territórios.<sup>19</sup>

Relativamente à temática da narrativa e literatura de viagens destacam-se duas obras coordenadas por Fernando Cristóvão, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*<sup>20</sup> e *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*,<sup>21</sup> que constituem dois conjuntos de textos de vários autores sobre o tema. O catálogo da exposição organizado pela Biblioteca Nacional de Portugal *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*,<sup>22</sup> constitui também um importante enquadramento sobre a categoria da literatura de viagens e o seu desenvolvimento no país.

A relação geral entre viagem e fotografia tem sido abordada na disciplina de História por diversos autores e evocam-se, como relevantes consultas para a presente investigação sobre o tema da fotografia oitocentista em Portugal, a importante *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*, de António Sena<sup>23</sup> e os catálogos das exposições *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*<sup>24</sup> e *Portuguese Photography since 1854. Livro de viagens*,<sup>25</sup> que constituem não só um importante enquadramento teórico sobre o tema, mas também um significativo conjunto de exemplos iconográficos. Como distinta fonte iconográfica, salienta-se ainda o título *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Des-*

---

17 Rodrigues, Soledade Amaro (2009), Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda.

18 Cantinho, Manuela (2001), in *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, coord. Alfredo Dias, Lisboa: Sociedade de Geografia, INAPA, pp.15-19.

19 Vicente, Filipa Lowndes (org.) (2014), Lisboa : Edições 70.

20 Cristóvão, Fernando (1999), Coimbra: Almedina.

21 Cristóvão, Fernando (2003), Coimbra: Almedina.

22 Rêgo, Manuela e Miguel Castelo-Branco (Coord.) (2003), Lisboa: Biblioteca Nacional.

23 Sena, António (1998), Porto: Porto Editora.

24 Medeiros, Margarida e Emília Tavares (2015), Lisboa: Distribuição Nacional da Casa da Moeda / DGPC / MNAC.

25 Siza, Tereza (coord.) e Peter Weiermais (ed.) (1998), Zurique: Edition Stemmler.

*cobrimentos*, de Marília dos Santos Lopes,<sup>26</sup> que revela representações gráficas iniciais dos territórios descobertos em primeira mão.

Como refere Maria Leonor P. Martins na introdução do seu livro, as representações visuais do império português carecem ainda de um recenseamento sistemático, apesar de ser profícua a sua ocorrência nos mais variados formatos, «jornais e revistas, relatos de exploração e viagem, livros mais ou menos ficcionados de temática colonial, álbuns fotográficos, postais ilustrados, gravuras, pinturas», entre outros.<sup>27</sup> A profícua relação entre *História e Imagem* é evidenciada por José-Augusto França, que esclarece a importância que o documento visual tem na disciplina da Historiografia.<sup>28</sup> Dada a lacuna de estudos sobre a especificidade dos jornais de viagens, e, considerando a importância da construção de uma «cultura visual portuguesa» acerca dos territórios estrangeiros que começou a ser difundida mais profusamente através da imprensa no final de Oitocentos, considera-se pertinente desenvolver a presente análise proposta.

### 0.3 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação estrutura-se através de dois capítulos principais: o primeiro dedicado ao contexto e o segundo ao objeto de estudo em análise, sendo o terceiro capítulo de conclusão. No primeiro capítulo do «Contexto» é feito o enquadramento histórico da temática em causa, através de dois temas: «Portugal na segunda metade de Oitocentos», onde serão referidos o contexto político e social do país, a importância da imprensa periódica ilustrada oitocentista, assim como os desenvolvimentos relativos à gravura e fotografia; e paralelamente o tema «A Viagem e o seu entendimento contemporâneo», onde se desenvolverá, por um lado, o tema da Literatura de viagens, e por outro, a ilustração dos novos mundos e relevância dessa iconografia.

O segundo capítulo, «Jornal *À VOLTA DO MUNDO*», é introduzido através da apresentação da publicação e dos seus autores, desenvolvendo-se, de seguida, a sua análise e interpretação através dos dois pontos: «O imaginário geográfico divulgado» e «A iconografia construída». Na temática do imaginário geográfico procede-se à descrição e análise do conteúdo literário do jornal, através da definição das categorias atribuídas: *Territórios coloniais*, *Outras regiões*, *Portugal*, *História/ ciência/ tecnologia/ opinião*, e *Notícias*. A temática da iconografia construída divide a análise do conteúdo das gravuras nas categorias de *Mapa*, *Experiência do*

---

26 Lopes, Marília dos Santos (1998), Lisboa: Quetzal Editores.

27 Martins (2014), *Um Império de Papel...*, p.11.

28 França, José-Augusto, «História e Imagem», Comunicação feita em Assembleia Geral ordinária de Maio de 1976, *Anais da Academia Portuguesa de História*, Volume 24, T. II, 1977, p.179-190.

*protagonista, Retratos, Paisagem, e Visão nacional*. Este constitui o corpo principal de análise da dissertação, que tem por base o conjunto significativo iconográfico selecionado – gravuras do jornal e desenhos e fotografias relevantes para a sua (des)construção.<sup>29</sup> São cruzados, nas categorias identificadas das gravuras, temas e conteúdos diversos, que serão desconstruídos à luz do enquadramento teórico anterior.

Finalmente, um capítulo conclusivo, pretende refletir sobre a análise e interpretação anterior, por forma a responder às questões inicialmente colocadas na definição problemática do presente estudo.

---

29 Optou-se por identificar, ao longo dos capítulos, as figuras apresentadas com o respectivo título/legenda correspondente, indicando sempre que possível o seu contexto de produção original. No capítulo 4.FONTES E BIBLIOGRAFIA é indicado, para além da fonte original, a bibliografia consultada de onde se extraiu a figura, quando não coincidente.

## 1. CONTEXTO

### 1.1 PORTUGAL NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS

Para que o estudo proposto na presente dissertação não se revele impreciso, torna-se necessária a consequente análise do sistema referencial de significados a que o objeto de estudo pertence. As representações de imagens do estrangeiro revelam relações interculturais entre realidade observada e observador; essas representações pertencem a um determinado contexto histórico que determina e enquadra a sua criação:

«[...] a representação de um espaço, seja ele nacional ou estrangeiro, procede de toda uma ideologia que lhe está subjacente num determinado período histórico-literário. Essa ideologia manifesta-se na valorização de determinados aspectos, em detrimento de outros ou, se quisermos, na cristalização de toda uma imagética ou, ainda, na (des)construção de um imaginário que a precedeu e influenciou.»<sup>1</sup>

Neste sentido, é feito neste capítulo o enquadramento histórico-cultural de Portugal – o seu contexto particular integrado num referencial global – local de produção e consumo do objeto de estudo que se pretende analisar.

#### 1.1.1 Contexto político e social

É a partir de meados do século XIX que se efetuam em Portugal fortes esforços de modernização do país no sentido de acompanhar o ritmo da Europa. O país é caracterizado neste período pelo rescaldo de uma forte conflitualidade política e social, pelo fim das guerras civis que pautaram as primeiras experiências do Liberalismo (1820-1823 e a partir de 1832) e que dá lugar a um novo ciclo da História, com início da autodenominada Regeneração a partir de 1851 (ciclo prolongado até 1890-1891), a par do triunfo do capitalismo, da atenuação dos conflitos sociais e afirmação da burguesia. O tempo dos magistrados do Antigo Regime é substituído pelo tempo dos engenheiros e reconhece-se ainda o crescimento económico possível para Portugal com aumento significativo da população e da produção total. São vários os fatores que contribuem para este processo de desenvolvimento, entre os quais se destacam a «modernização do sistema de transportes e comunicações, a codificação jurídica, a expansão da banca, a imprensa escrita e a estatística.»<sup>2</sup>

---

1 Cabete, Susana Margarida Carvalheiro (2010), *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional*, Dissertação de Doutoramento em Literatura Comparada, FCSH-UNL/ Univ. Paris III – Sorbonne Nouvelle, p. 10.

2 Marques, A. H. de Oliveira e Joel Serrão (coord.) (2004), *Nova História de Portugal, Volume X: Portugal e a Regeneração (1851-1900)*, Lisboa: Editorial Presença, p.9.

Até à segunda metade do século XIX o conceito de «partido político» ainda não se encontrava bem definido, no sentido moderno de organismos estruturados com programas delineados. O republicanismo português que, a partir de 1855, desenvolveu o ideário básico que defendia uma república descentralizada, socialista e federalista – à semelhança de outras ideologias de cunho republicano pela Europa – sofreu um segundo impulso com a geração de 1865-1870. A esta geração pertencia Teófilo Braga que, entre outros, teve uma ação decisiva na difusão da ideologia republicana, onde foram incutidos elementos filosóficos, políticos e sociais.

«Os Republicanos incluíram no seu ideário o desenvolvimento integral das províncias ultramarinas, fundindo, de certa maneira, nacionalismo português com imperialismo colonialista português. O país poderia assim comparar-se a outros pequenos Estados da Europa como a Bélgica e a Holanda, engrandecidos pela extensão e as potencialidades dos seus «impérios» além-mar.»<sup>3</sup>

O final de um ciclo colonial, na sequência da independência das colónias inglesas (1776-1782), do Brasil (1822) e sucessivamente das colónias espanholas (1808-1833), desencadeou a viragem do expansionismo europeu para os territórios inexplorados da África Austral:

«O interior do continente africano, que tinha primeiramente sido visitado por navegadores, exploradores e aventureiros portugueses, era praticamente desconhecido das potências coloniais e transformar-se-ia, a breve trecho, no palco de lutas pela posse da maior parcela de território possível.»<sup>4</sup>

Nas últimas décadas do século XIX a política e a opinião pública nacionais relativas aos territórios coloniais africanos agitavam a vida metropolitana. O exemplo das pressões por parte de Inglaterra, em alguns territórios coloniais do seu interesse, revelam essa polémica perante a aceitação ao recurso a arbitragens internacionais relativas à disputa de posses ou da assinatura de convénios por Portugal que não refletiam claros benefícios para o país.<sup>5</sup> A Conferência Internacional de Berlim (1884-1885) estabeleceu o fim do direito histórico de ocupação do território, resultando na partilha do continente africano entre as potências europeias e o estabelecimento de novas regras para a «Corrida à África». A partir de 1885 a política portuguesa em África foi balizada com regras do direito internacional público e pela multiplicação de esforços diplomá-

---

3 Marques (2004), *Nova História de Portugal, Volume X...*, p. 241.

4 Rodrigues, Soledade Amaro (2009), *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda., p.20.

5 É o caso do Tratado de Lourenço Marques com a Grã-Bretanha, em 1879, que visava a construção de caminho-de-ferro com ligação ao Transvaal aberto ao comércio e navegação ingleses, no qual Portugal perde as vantagens conseguidas em 1875 pela arbitragem internacional do presidente de França Mac Mahon.

ticos com as restantes potências coloniais, como França e Alemanha, que implicavam por vezes concessões de territórios tradicionalmente considerados de influência portuguesa.<sup>6</sup>

«A construção de um império em África achava-se no espírito de muita gente e o interesse pelos negócios africanos em geral permeabilizava a nação. No regresso à Metrópole, os exploradores e heróis de múltiplas aventuras, Serpa Pinto, Hermegildo Capelo, Roberto Ivens e outros tinham encontrado multidões entusiásticas à sua espera, que delirantemente os aplaudiam.»<sup>7</sup>

A conhecida questão do *mapa cor-de-rosa*, parte do tratado luso germânico de 1886, refletia as pretensões portuguesas na África austral, de constituir um território único desde Angola a Moçambique, e que colidiam com os interesses britânicos. A disputa terminou com o «ultimato britânico de 1890» ao qual Portugal cedeu, acontecimento que contribuiu para o desprestígio da monarquia e dos seus governantes.

Como no resto do mundo, este é também o período do desenvolvimento das ciências físicas e naturais, na continuidade do movimento iluminista do século anterior, através de novas disciplinas como a Arqueologia, Antropologia, Etnologia, ou Ciências Naturais. A criação da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875, ocorre com algumas décadas de desfasamento das congéneres europeias – a de Paris é criada em 1828, as de Berlim e Londres em 1830. Impulsionada pela figura de Luciano Cordeiro (1844-1900),<sup>8</sup> o papel primordial desta instituição é destacado pela autora Soledade Rodrigues, nomeadamente no que diz respeito à promoção e patrocínio de empresas de exploração e ocupação do território africano; à divulgação dos resultados de experiências e estudos; à elaboração de uma ideologia nacionalista e expansionista; bem como ao estabelecimento de relações com as restantes agremiações estrangeiras, assumindo o papel interlocutor do lado português.<sup>9</sup> A atuação das sociedades antiesclavagistas marca também este período, no entanto, mantém-se a conceção europeia como civilização superior aos demais povos, importante na perspetiva de como são percecionados os territórios ultramarinos. A referência à barreira do «etnocentrismo europeu, tido por absoluto e universal pelas ciências do século XIX, mau grado as ideias de relativismo e diversidade a despontar no horizonte», é desenvolvida por

---

6 Marques (2004), *Nova História de Portugal, Volume X...*, p. 499.

7 *Idem*, p.499.

8 Luciano Cordeiro foi um escritor, historiador, político e geógrafo português, que desenvolveu no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa extensa atividade. Foi um grande impulsionador na divulgação de notícias dada a sua posição de prestígio e colaboração com vários periódicos.

9 Rodrigues (2009), *O mito do herói explorador...*, pp. 26-27.

Alberto Carvalho, que conclui sobre as motivações das viagens de exploração deste período:

«Ao mecenato protagonizado por instituições particulares e científicas, diversamente vocacionadas, e a empresas comerciais se fica a dever o patrocínio destes empreendimentos, ponto de aplicação de uma forma de aliança entre a generosidade humanista, a vocação autonomista do conhecimento e o sentido prático das actividades orientadas para o lucro.»<sup>10</sup>

### 1.1.2 A imprensa periódica ilustrada oitocentista

Também na segunda metade do século XIX se registam progressos espetaculares no jornalismo de opinião e informação. Esta é a idade de ouro da criação intelectual da imprensa quando se verifica a sua transformação em produto industrial, a par da lenta elevação do nível cultural da população portuguesa, curiosidade pelo presente e diversificação de gostos. A estes fatores é acrescentada a democratização da vida política, o triunfo do regime parlamentar e alargamento progressivo do corpo eleitoral, que leva ao conseqüente interesse das classes populares pela vida política e torna os jornais em instrumento privilegiado de informação.<sup>11</sup>

O historiador José Tengarrinha analisa o fenómeno de desenvolvimento da imprensa especializada nacional na importante obra *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Os primórdios da imprensa portuguesa são remetidos pelo historiador para o período entre 1641 e 1820, com génese no carácter «noticioso» e técnica ainda rudimentar e imperfeita dos jornais que, apesar de não apresentarem grau de importância tão elevado como, por exemplo, em França, constituíam já instrumentos dos poderes políticos e religiosos.<sup>12</sup> A preocupação em agradar o leitor surge mais evidente nos finais do século XVIII, no entanto a influência da imprensa neste período era ainda exígua sendo a sua difusão restrita às poucas camadas instruídas. Após a revolução de 1820 observa-se o súbito desenvolvimento da imprensa periódica e surgimento da «imprensa de opinião». A segunda metade do século XIX revela o amadurecimento dos processos jornalísticos a nível técnico, a par da multiplicação dos jornais de especialidade em variados ramos: políticos, literários, científicos e recreativos, agrícolas, comerciais, industriais e artísticos, de medicina, farmácia, jurisprudência e administração, militares, de teatro, belas-artes e moda, satíricos, burlescos e críticos, de anúncios; entre 1861 e 1890 fundaram-se cerca

---

10 Carvalho, Alberto (2003), «Ética, ciência e estética do olhar na Viagem de Capelo e Ivens», in *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, p. 152.

11 Marques (2004), *Nova História de Portugal, Volume X...*, p. 13.

12 Tengarrinha, José (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, pp.116-117.

de 3300 publicações periódicas, entre os quais *Álbuns, Anais, Arquivos, Boletins, Crônicas, Recreios, Revistas*.<sup>13</sup>

Nos séculos XVII e XVIII o periódico surgia por iniciativa de um particular, geralmente proprietário da tipografia num formato de apresentação próximo dos livros ou fascículos; ao longo do seu desenvolvimento vai adquirindo características distintas, mais individualizadas. O relativo atraso do jornalismo português verifica-se até meados do século XIX seguindo-se uma rápida evolução nos finais do terceiro quartel, quando se começaram a abandonar os antigos processos manuais e a introduzir processos mecânicos inovativos.<sup>14</sup>

Relativamente à influência dos jornais na opinião pública, esta varia de época para época. O seu papel durante a segunda metade do século XIX é identificado da seguinte forma:

«Os jornais, então, eram como que o centro da vida política e social. Por eles se liam os debates nas câmaras, se conheciam as disposições oficiais, se discutiam as directrizes dos partidos ou da facção expressa nos artigos de fundo, se sabiam os principais acontecimentos dos mais longínquos países, se adquiriam conhecimentos sobre as mais variadas matérias, se dispunha de um meio de distracção e divertimento.»<sup>15</sup>

É ainda feita referência ao interesse do público português pelos acontecimentos internacionais, patente no crescente número de jornais estrangeiros, e a preferência do público pela informação objetiva assim como o pendor sensacionalista que a mesma começa a adquirir:

«Este novo público, ou, melhor, este público com uma nova atitude mental, é especialmente permeável aos relatos de aventuras ou de histórias de amor, como que buscando uma fuga emocional à estreita rotina do dia-a-dia.»<sup>16</sup>

É precisamente neste contexto da imprensa nacional que se insere o periódico *A VOLTA DO MUNDO* que constitui o presente objeto de estudo.

---

13 Tengarrinha (1989), *História da Imprensa...*, pp. 184-185.

14 Contribuem para esta evolução a passagem dos prelos de madeira para os prelos de ferro, o uso dos rolos para impressão, as máquinas de impressão a vapor que permitiam tiragens mais perfeitas e rápidas, bem como a ultrapassagem de dificuldades relacionadas com a má qualidade do próprio papel e seu elevado custo. O conseqüente aumento da tiragem com as despesas conservadas as mesmas, permitiu um preço de venda menos elevado, a abrangência de maior público e anúncios mais bem pagos. O período entre 1865 e 1885 é assim identificado como o período em que se estabelecem as condições propícias à transformação industrial da imprensa no país. (*Idem...*, p.211).

15 *Idem*, p.205.

16 *Idem*, p.218.

### 1.1.3 A gravura

A ilustração e a gravura tiveram um papel importante na história da imprensa. A autora Graça Afonso define a «gravura» como sendo

«[...] o resultado de um método de transferência de um suporte (matriz) para outro (papel, velino, tecido), permitindo a sua reprodução. A sua classificação advém da matéria-prima que é utilizada para fazer a matriz (a madeira, o metal ou a pedra). Assim temos as xilogravuras, as calco gravuras, as zincogravuras e as litografias.»<sup>17</sup>

Não interessa à presente dissertação uma abordagem exaustiva da técnica e da história da gravura, no entanto, uma breve referência ao seu desenvolvimento no país neste período torna-se relevante perante o objeto de estudo que se pretende analisar. Conforme descreve Graça Afonso, no início do século XIX o florentino Francisco Bartolozzi veio para Portugal fundar uma Escola de Gravura, à qual se sucede a Academia de Belas Artes em 1836. Apesar das escolas ensinarem a técnica da gravura em metal, observa-se no século XIX o renascimento da gravura em madeira, ligada às publicações periódicas cuja técnica era menos dispendiosa, mais rápida de execução e permitia grandes tiragens. As xilogravuras predominantes na imprensa são as «gravuras de topo»:

«Na gravura de topo, a madeira é cortada em pequenos quadrados colados uns aos outros, sendo alisada e polida a matriz, ficando semelhante em dureza ao metal. É talhada com riscos finos, superficiais ou profundos, conforme o efeito de luz ou cor que se quer dar, com pontos e picotado.»<sup>18</sup>

A gravura de topo foi introduzida em Portugal em 1837, com a revista *O PANORAMA* (1837-1867), quando permaneciam a cópia e o decalque da gravura estrangeira, sendo as publicações periódicas da primeira metade do século XIX ilustradas com gravuras de madeira de traço incerto. Na segunda metade do século XIX regista-se um desenvolvimento da gravura em madeira que alcança o seu auge de produção nacional, e onde a publicação *ARCHIVO PITTORESCO* (1857-1868) desempenhou um papel essencial:

«Nesta revista publicaram-se gravuras de topo de alto valor artístico. Toda a revista é um verdadeiro e «valioso repositório literário, científico e artístico para a cultura portuguesa» e sobretudo para o estudo iconográfico da Lisboa oitocentista.»<sup>19</sup>

---

17 Afonso, Graça (2007), «O Archivo Pittoresco e a evolução da Gravura de Madeira em Portugal», Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências *Arquivo Pitoresco, 150 Anos Depois (1857-2007)*, 2.ª Conferência (Hemeroteca Municipal de Lisboa, 20 Setembro 2007), p.1.

18 *Idem*, p.5.

19 *Idem*, p.6, apud Soares, Ernesto, *Evolução da Gravura de madeira em Portugal: séculos XVI a XIX*, Lisboa, 1951.

A revista *ARCHIVO PITTORESCO* formou uma futura geração de gravadores, precedendo, no que diz respeito à continuidade da gravura na imprensa periódica, diversas publicações ilustradas como *O OCCIDENTE* (1878-1915), *UNIVERSO ILLUSTRADO* (1877-1880), *A ILLUSTRACÃO PORTUGUESA* (1884-1890), entre outras identificadas por Graça Afonso, à qual se adiciona o presente objeto de estudo com as suas páginas ilustradas, *À VOLTA DO MUNDO* (1880-1883).

Conforme esclarece ainda Graça Afonso, os desenhos eram geralmente produzidos por artistas e abertos por gravadores, poderia no entanto ocorrer o mesmo ser autor das duas coisas. São vários os desenhadores e gravadores identificados nas gravuras de *À VOLTA DO MUNDO*, sendo a maioria de nacionalidade estrangeira dada a publicação de artigos internacionais, já existentes em livros ou publicados originalmente no jornal francês *LE TOUR DU MONDE*, com as respetivas gravuras. São identificados, na maioria das gravuras, os autores dos desenhos que lhes serviram de base – gravuras executadas a partir de desenho de *determinado autor*, que por sua vez seria feito com base nos relatos ou nos esboços à vista do viajante. Quando as gravuras são identificadas como executadas a partir de fotografias, os autores das fotografias originais são raramente mencionados, salvo exceções de fotógrafos reconhecidos, mantendo-se o destaque para a autoria do desenho. Grande parte das gravuras apresenta, simultaneamente, a indicação da tipografia onde foram executadas, ou na legenda ou através de assinatura na própria imagem.

Destacam-se, entre os autores estrangeiros mencionados ao longo da publicação *À VOLTA DO MUNDO*, os seguintes autores franceses, prolíficos ilustradores, desenhadores, gravadores e pintores: Alphonse de Neuville (1836-1885), Émile Thérond (1821-?) – cujas ilustrações integram diversos periódicos franceses como *LE MAGASIN PITTORESQUE*, *LE TOUR DU MONDE* ou *LE MONDE ILLUSTRÉ* –, Alexandre de Bar (1821-1908), Émile Bayard (1837-1891), Jules Noel (1815-1881), Adrien Marie (1848-1891), Albert Tissandier (1839-1906) – não só desenhador e ilustrador mas também reconhecido aeróstata e viajante – entre outros;<sup>20</sup> e ainda o pintor e ilustrador russo Yvan Pranshnikoff, também grande viajante associado a algumas gravuras publicadas que ilustram a viagem de Serpa Pinto. Os poucos autores portugueses identificados nas gravuras do jornal são: João Pedroso (1823-1890), colaborador em outros periódicos como *O PANORAMA*, *ARCHIVO PITTORESCO* ou o *OCCIDENTE*, e Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), reconhecido pela sua atividade como pintor naturalista e realista português; para além dos afamados gravadores oitocentistas Francisco Pastor (1850-1922) e JR Christino

---

20 Autores consultados no arquivo digital da Biblioteca Nacional de France, disponível em «<http://data.bnf.fr/>».

(1858-1948).<sup>21</sup> Relativamente às tipografias/ gravadores identificados nas restantes gravuras estrangeiras, salientam-se os seguintes nomes associados a diversas edições relacionadas com viagens e ficção: A. de Kohl (1845-?), Hildibrand (1824-1897), C. Laplante (1837-1903), J. Gauchard (1825-1872), ou Barbant (1869-1922).

No que diz respeito à autoria reconhecida dos poucos fotógrafos mencionados – não obstante a indicação de muitas gravuras terem por base fotografias – destacamos o amplamente referido português Carlos Relvas (1839-1894) e ainda os dois fotógrafos amadores que figuram nos relatos sobre o território da China – George Morache (1837-1906) e John Thomson (1837-1921).

#### **1.1.4 A Fotografia**

Inicialmente a fotografia integra o imaginário oitocentista como uma poderosa invenção, mais próxima dos domínios da física e da química do que das artes, constituindo «um corpo estranho de presenças, cuja fidelidade ao real surgia tão fantástica como irreal, imagens novas mesclando-se com um realismo social em advento, instrumento para construir uma nova ordem do testemunho histórico».<sup>22</sup> Os desenvolvimentos e avanços tecnológicos foram permitindo o aperfeiçoamento dos meios de reprodução técnica e as fotografias, lentamente, substituíram as gravuras na imprensa escrita. Interessa, no presente trabalho, estabelecer o breve enquadramento da prática fotográfica enquanto prática inicial ainda não acessível a todos e enquanto recurso base para a produção de gravuras profusamente publicadas, bem como esclarecer o seu papel e respetivo entendimento por parte do público.

Como já verificado, em Portugal, a generalidade dos periódicos recorria, até inícios do século XX, à técnica da gravura para reproduzir imagens fotográficas e verifica-se o cuidado dos redatores em assinalar que as gravuras eram feitas «segundo» ou «a partir de» fotografias, por forma a afastá-las das «imagens literárias» que dominavam anteriormente as representações.<sup>23</sup> A primeira gravura com base fotográfica conhecida em Portugal surge em 1841 através

---

21 Os autores associados à gravura em Portugal foram consultados em: Graça (2007), «O Archivo Pittoresco...».

22 Tavares, Emília (2015), «O Devir das Imagens», in *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*, Catálogo coord. por Margarida Medeiros e Emília Tavres, Lisboa: Distribuição Nacional da Casa da Moeda / DGPC / MNAC, p.21.

23 Martins, Maria Leonor Pires (2014), *Um Império de Papel: Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*, Lisboa: Edições 70, p. 101.

de um *daguerreótipo*,<sup>24</sup> cuja impressão tipográfica no jornal *O PANORAMA* é conhecida – uma vista do Palácio da Ajuda em Lisboa (Fig 1.1). Apesar de não se generalizar de imediato o recurso à técnica fotográfica, dadas as várias condicionantes técnicas, a sua importância foi desde logo reconhecida:

«É inegável, á vista do que levâmos apontando, que este invento, um dos mais admiráveis dos nossos tempos, terá largas consequências em todas as artes do desenho, e contribuirá não só para o progresso do luxo útil e aformoseador da sociedade, mas também para o maior aproveitamento das viagens, quer sejam scientificas, ou artísticas ou moraes, ou quer de simples divertimento e recreação.»<sup>25</sup>

Os fotógrafos da sociedade portuguesa, em particular os amadores, preferiram a produção de *daguerreótipos* em detrimento da popularização do formato de papel, valorizando em termos estéticos este objeto, como peça única e prolongando a sua utilização até 1850; no entanto o progresso inevitável do *calótipo* de William Henry Fox Talbot e os processos *negativo-positivo* que se seguiram, estenderam o uso da fotografia à polícia, caminhos-de-ferro, retratos pessoais, obras de arte, etc., enquanto em 1870 surgem as fotografias de paisagem cujo gosto colecionista foi permitido pela transformação da fotografia de «alquimia primitiva» em «indústria real».<sup>26</sup>

Dois perspetivas sobre o cruzamento da fotografia com o universo das publicações periódicas são definidas na ficha histórica do *BOLETIM PHOTOGRAPHICO*: o surgimento de títulos especializados no tema e a utilização de fotografias como recurso iconográfico nas publicações; nesta primeira fase – iniciada na década de 1840 até finais do século XIX – a fotografia servia apenas de base à produção de gravuras que eram depois inseridas nas publicações de forma tradicional, coexistindo com «o desenho do natural, da memória ou da imaginação do artista.»<sup>27</sup>

De entre os fotógrafos portugueses deste período destacam-se os nomes de Carlos Relvas (1838-1894), impulsionador de processos como a rotogravura ou a fototipia, que permitiam

---

24 O daguerreótipo, divulgado em 1839, foi o primeiro processo fotográfico comercializado ao público, consistindo numa imagem fixada sobre uma placa de cobre, ou outro metal, com um banho de prata. Dada a sua fragilidade foi posteriormente substituído por outros processos mais práticos.

25 Tavares (2015), «O Devir das Imagens...», p.22, apud *O Panorama – Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, vol.III, 16 de Fevereiro 1838, pp.54-55.

26 Serén, Maria do Carmo (1998), «Livro de Viagens. A Discourse or a Memory», in *Portuguese Photography*, coord. por Tereza Siza e Peter Weiermais, p.25.

27 Oliveira, João Carlos, *BOLETIM PHOTOGRAPHICO* (1900-1903; 1905-1906). Ficha Histórica Hemerotca de Lisboa, 31 de Janeiro de 2012, p.4. Consultado em: «<http://hemerotcadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/BoletimPhotographico.pdf>».

a impressão de matrizes fotográficas à escala industrial;<sup>28</sup> Emílio Biel (1838-1915), também um dos pioneiros da fotografia e fototipia em Portugal;<sup>29</sup> e ainda José Augusto da Cunha Moraes (1855-1933), considerado fotógrafo excepcional, cuja obra é contemporânea à exploração do continente africano.<sup>30</sup> Em *História da Imagem Fotográfica em Portugal*, Augusto Sena refere que, à data de 1881, Cunha Moraes já tinha realizado mais de 800 vistas de África:

«Em Novembro desse ano, lançou os primeiros fascículos de um álbum, em caixa, com albuminas coladas em cartão. É o período das grandes explorações do continente africano por Serpa Pinto, por Roberto Ivens e Hermenegildo de Brito Capêlo, a quem as fotografias de Cunha Moraes serviram para ilustrar o livro *De Benguella às Terras de Iacca*, 1881. Em 1883, Cunha Moraes tornou-se sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa (1875). Com um método invulgar no rigor *científico, etnográfico, antropológico, corográfico e topográfico*, publicou *África Occidentall – albúns e collecções de vistas e costumes affricanos.*»<sup>31</sup>

Algumas fotografias originais de Carlos Relvas e de Emílio Biel são identificadas como base de gravuras portuguesas que integram o presente o jornal *À VOLTA DO MUNDO*. No âmbito do reconhecimento dos primeiros fotógrafos portugueses, são ainda de referir os nomes de Aurélio Paz dos Reis (1862-1931) e Joshua Benoliel (1873-1932), cujo espólio fotográfico, posterior ao presente objeto de estudo, é reconhecido como dos mais importantes do início do século XX.

---

28 Carlos Relvas foi um fotógrafo amador cujos meios económicos lhe permitiram construir um estúdio próprio moderno na Golegã, assim como internacionalizar a apresentação dos seus trabalhos, conquistando, na época, o título de «artista fotográfico». In Tavares (2015), «O Devir...», p.34.

29 Emílio Biel foi um alemão estabelecido no Porto que, através da actividade comercial da CASA BIEL, se tornou um dos mais importantes editores fotográficos da altura no país. In Baptista, Paulo Artur Ribeiro (2010), *A CASA BIEL e as suas edições fotográficas no Portugal de Oitocentos*, Lisboa: Edições Colibri – IHA / Estudos de Arte Contemporânea, FCSH.

30 J. A. Cunha de Moraes, continuou a exploração da casa fotográfica estabelecida em Luanda pelo pai, Abílio Simões da Cunha de Moraes, residindo em Angola desde os 8 anos de idade. A maior parte da sua produção fotográfica é ultramarina e colabora, ainda, com a CASA BIEL quando regressa mais tarde a Portugal. (In *Idem.*)

31 Sena, António (1998), *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*, Porto: Porto Editora, p.88.

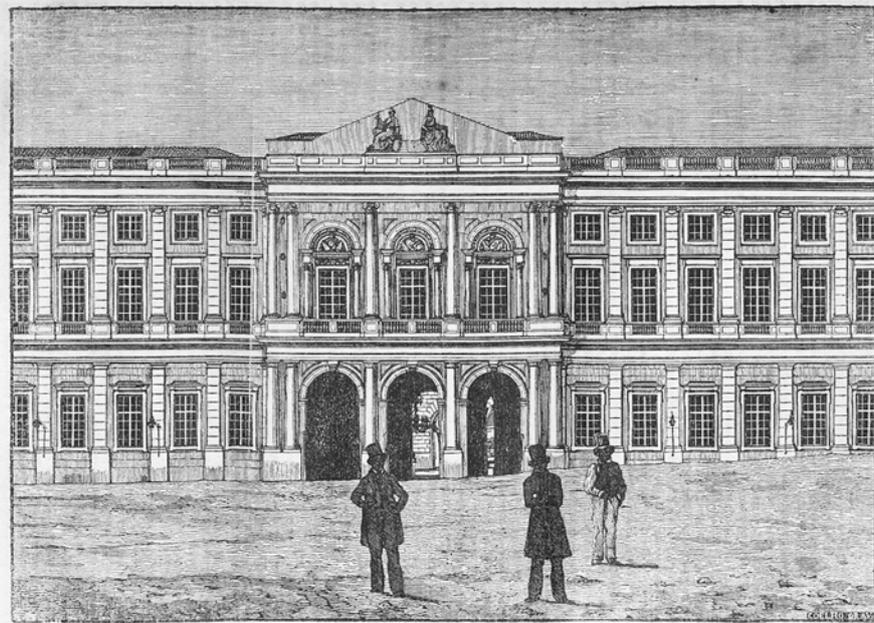


Fig.1.1

«O desejo de apresentar aos leitores deste semanario um especimen dos desenhos tirados com um instrumento de recente invenção, o daguerrotypo, nos moveu a estampar a gravura acima, que é o facsimile de um dos mais perfectos, que se tem obtido em o nosso paiz. Com muito custo foi a copia reproduzida na madeia para ser aberta pelo buril, porquanto neste genero de desenho, alcançado pela acção da luz solar, é a lamina original tão lustrosa que não se póde fitar nella os olhos por muito tempo e com a firmeza que exige um traslado fiel. Acresce a delicadeza dos perfis e contornos, que confunde a vista, porque o daguerrotypo copia os mais miudos accesorios dos objectos com perfectissima exactidão.»

[O Panorama – Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Ano 1941, n.º203, pp. 89-90.]

Fig.1.1 - “PARTE DA FRENTE DO PAÇO D’AJUDA, COMPREHENDIDA ENTRE OS DOIS TORREÕES; LADO ORIENTAL”. (*O PANORAMA*, 1941, n.º203, p.89).



## 1.2 A VIAGEM E O SEU ENTENDIMENTO CONTEMPORÂNEO

As viagens de exploração europeia moderna, no final do século XVIII, são marcadas pelo entusiasmo das ciências naturais e expansão do conhecimento geográfico, sendo o início do século XIX marcado pelas grandes viagens de exploração ao continente africano.<sup>32</sup>

Perante a representação iconográfica que o presente estudo propõe analisar não é possível ignorar a representação literária correspondente. Não se pretende fazer uma análise literária do jornal *À VOLTA DO MUNDO*, que está fora do presente âmbito de estudo, no entanto é essencial uma abordagem introdutória à temática literária em que este se insere – a literatura de viagens –, que nos providencie ferramentas de análise para a leitura da respetiva iconografia – a ilustração dos novos mundos.

### 1.2.1 Literatura de viagens

Sobre a génese da literatura de viagens, Madalena Sousa remete o seu surgimento na Europa, salvaguardando alguns antecedentes medievais, para os finais do século XV com desenvolvimento no século seguinte, como consequência da descoberta de novos territórios e encontro com novas realidades e populações até então desconhecidas:

«Em Portugal, esta temática teve o seu início na época dos Descobrimentos com as crónicas de Azurara sobre as conquistas de Ceuta e da Guiné. Eram, portanto, descrições de terras novas, suas gentes e paisagens.»<sup>33</sup>

A «literatura de viagens» é muitas vezes inscrita na categoria, considerada marginal, da «paraliteratura» – um tema que tem sido abordado, mais recentemente, de forma menos preconceituosa.<sup>34</sup> Neste tipo de literatura inclui-se o subgénero «romance de aventuras», que interessa des-

---

32 Destacam-se como importantes precedentes à segunda metade do século XIX, as descrições e viagens de Cook (1760-1799); Bouganville (1767-1769); La Pérouse (1785); Alexander Humboldt (1800) e, entre os portugueses, as viagens de Fernão Mendes Pinto pela Ásia e Japão (1541); Frei Gaspar da Cruz à China; António de Andrade às nascentes do Ganges na Índia (1624); Frei Alberto de S. Tomás a Timor (1778); Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil (1783); Manuel Galvão da Silva a Moçambique (1783); João Feijó a Cabo Verde e Ceará (1790-1818). In Rodrigues (2009), *O Mito do herói explorador...*, pp.40-43.

33 Sousa, Madalena (2012), «Literatura de Viagens. A Viagem de Eça de Queirós ao Egipto. A Temática Faraónica», in *Arte&Viagem*, coord. Margarida Acciaiuoli, Lisboa: IHA / Estudos de Arte Contemporânea, p.217.

34 Ver abordagem desta categoria patente em Rêgo, Manuela e Miguel Castelo-Branco (coord.) (2003), *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

tacar no presente trabalho, a par do romance policial, popular, histórico e de ficção científica. No catálogo da exposição organizada pela Biblioteca Nacional sobre este tema, são incluídos no capítulo «Caminhos das aventuras portuguesas», entre 1860-1920, os periódicos *À VOLTA DO MUNDO* (1880-1883) e o *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURA DE TERRAS E MAR* (1879-1898), ambos consequentes do despertar da curiosidade do público aguçado pelas novidades fasciculares que relatavam as expedições de uma Europa colonialista, imperialista e industrial.<sup>35</sup>

O autor Fernando Cristóvão introduz o reconhecimento do subgénero de «Literatura de Viagens» como tardio, dada a sua natureza interdisciplinar que cruza outros domínios como a Literatura, História e Antropologia e defende um quadro mais abrangente para a Literatura de Viagens que ultrapassa a «literatura de descoberta e expansão».<sup>36</sup> A definição proposta pelo autor vai de encontro ao marco cronológico do século XV, a partir do qual considera evidente uma rutura com os textos anteriores – nomeadamente da Antiguidade clássica –, revelando-se novas perspetivas sobre o conceito de «novo».

«Por Literatura de Viagens entendemos o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à imagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas.»<sup>37</sup>

Considerando a proposta abrangente de Fernando Cristóvão de uma tipologia de carácter temático para a Literatura de Viagens, interessa destacar a categoria de «Viagens de Expansão», subdividida em «expansão política», «expansão da fé» e «expansão científica».<sup>38</sup> Os exploradores substituem os iniciais navegadores e, após a Conferência de Berlim de 1884, a natureza científica de muitas das expedições é adulterada, adquirindo um carácter de expansão política. É neste contexto, que precede por um ano a Conferência de Berlim, que se inclui o presente objeto de estudo – o jornal *À VOLTA DO MUNDO* –, numa altura em que Academias, Sociedades Científicas e Editoras apresentam uma abundante «literatura de conferências, relatórios de expedição, notas e diários de viagem, comunicações científicas a congressos relatando o observado nas viagens.»<sup>39</sup>

---

35 Rêgo (2003), *Antes das Playstations...*, p.87.

36 Cristóvão, Fernando (1999), «Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens», in *Condiçõantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, pp.13-52.

37 *Idem*, p.36.

38 A proposta pelo autor para uma definição mais abrangente de Literatura de Viagens considera a sua divisão em cinco categorias: viagens de peregrinação; de comércio; de expansão; de erudição, formação e de serviços; e viagens imaginárias.

39 Cristóvão (1999), «Introdução...», p.48.

## 1.2.2 A ilustração dos novos mundos

A evolução das disciplinas da Ciência e História Natural contribui para a passagem de uma apreciação especulada de objetos exóticos e curiosidades para uma observação e registo científico mais rigoroso. Os exemplos das viagens filosóficas do século XVIII e respetivos registos documentais e gráficos da exploração de novos territórios demonstram essa preocupação:

«Até porque nessas obras, e em outras formas complementares de informação, os desenhos e as gravuras prolongavam e atualizavam a tradição que já vinha das iluminuras medievais, dizendo pela imagem o que as palavras não eram capazes de dizer.»<sup>40</sup>

Para os portugueses o campo de observação começou por ser o Oriente e o Brasil, alargado posteriormente a África, cujas explorações do final do século XIX consolidaram essa atividade, em estreita relação com a evolução da ciência. Essa evolução é patente na representação dos Reinos da Natureza vistos na Antiguidade e Idade Média através de lendas e mitos, refletindo uma visão simbólica e religiosa que, com a estruturação posterior da História Natural, deu origem à visão experiente do «claramente visto».<sup>41</sup> Apresentam-se, a título de exemplo, algumas representações visuais dos territórios descobertos que demonstram essa evolução: a uma das primeiras representações de caráter mais ingénuo das ilhas de Cabo Verde de 1505 (Fig.1.2), ou à representação de caráter fantástico do território brasileiro de 1592, com as suas criaturas bestiais e voadoras (Fig.1.3), opõem-se os registos mais cuidados da aguarela de José Joaquim Freire, com a legenda descritiva de uma vista panorâmica, executada no âmbito da Viagem Filosófica ao Brasil do naturalista Alexandre Ferreira Rodrigues, ocorrida entre 1783 e 1792 (Fig.1.4); ou os desenhos analíticos de caráter mais científico das geografias registadas por Alexander von Humboldt em 1850 (Fig.1.5). É possível identificar também as diferentes abordagens de representação no que diz respeito às populações: as figuras surreais da representação do Reino da Guiana de 1603, pertencem claramente ao mundo da imaginação (Fig.1.6), enquanto as personagens chinesas são representadas, em 1669, de forma desproporcional nas suas indumentárias exóticas, num cenário que se pretende detalhado (Fig.1.7). A representação dos habitantes de Moçambique, com data de 1598, revela curiosamente, uma abordagem paralela aos

---

40 Cristóvão (1999), «A Literatura de Viagens e a História Natural», in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, p.188.

41 *Idem*, p.192.

cânones europeus cuja representação fisionómica remete às esculturas greco-latinas<sup>42</sup> (Fig.1.8). Por outro lado, os desenhos da autoria de Joaquim José Codina, que participou também como desenhador na já referida expedição filosófica ao Brasil no final do século XVIII, revelam tentativas de registos fiéis dos índios, seus adereços, máscaras e objetos exóticos (Figs.1.9 e 1.10), distanciando-se significativamente da deturpação das representações iniciais. As gravuras iniciais, baseadas nas descrições dos viajantes do século XVI, são necessariamente condicionados pelo «testemunho da surpresa, o relato do insólito, o depoimento entusiasmado ou apreensivo sobre a nova realidade física ou humana, numa eterna busca de símbolos capazes de representar plasticamente as gentes, a natureza, os hábitos, os objetos e os deuses recém-descobertos.»<sup>43</sup>

Sobre a perspectiva do olhar do viajante, João David Pinto-Correia realça a importância do ponto de vista do sujeito observador e o modo como os mundos descobertos são, por ele, registados, considerando as várias formas que esse olhar adquiriu: desde o «olhar ingénuo», ao «olhar do deslumbramento», «olhar do poder», «olhar da desilusão e das utopias», «olhar da má-fé».

«Atualmente, em muitas propostas de estudo, insiste-se na perspetivação de algumas realidades da Literatura de Viagens pela via do olhar. E tal atitude é bem significativa da importância que, num plano de pressuposição e igualmente ao nível dos enunciados, se atribui à paisagem, sem dúvida, mas às gentes, objectos, costumes – de qualquer forma à componente Espaço, mais do que a componente Tempo.»<sup>44</sup>

Relativamente às viagens de expansão, o autor conclui que o olhar do viajante começou pela ingenuidade despreendida perante a contemplação do desconhecido para ser, naturalmente, sobreposta por determinações temáticas que se interpuseram neste contacto. A ideia da «construção» dos Novos Mundos, por oposição à sua «descoberta» é lançada por Maria da Graça Mateus Ventura, que descreve a ideia de «deformação», «reconfiguração, correção ou distorção» do que podemos chamar de realidade, a partir do registo individual e subjetivo de cada olhar.<sup>45</sup> A autora refere ainda os processos de comparação e analogia nos discursos de apresentação do «novo», cuja leitura é orientada frequentemente por «velhos» paradigmas reconhecidos.

---

42 Lopes, Marília dos Santos (1998), *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimientos*. Lisboa: Quetzal Editores. p.55.

43 *Idem*, p. 16.

44 Pinto-Correia, João David (2003), «Deslumbramento, horror e fantasia: o olhar ingénuo na Literatura de Viagens», in *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, pp.9.

45 Ventura, Maria da Graça Mateus (2003), ««Do Paraíso Terrenal» a «El Purgatório»: percursos de desencanto.», in *O Olhar do Viajante...*, pp.231-252.



Fig.1.2



Fig.1.3



Fig.1.4

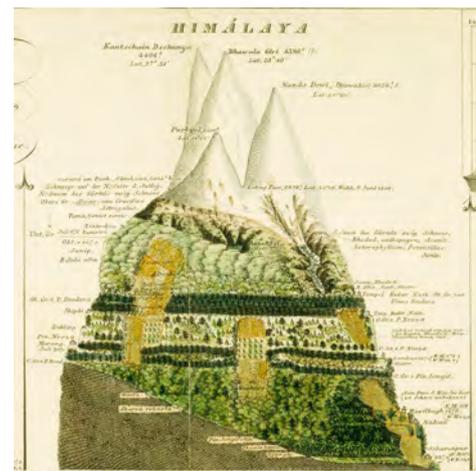


Fig.1.5

Fig.1.2 - Uma das primeiras representações dos povos de Cabo Verde. (*Den rechten Weg auß zu faren von Lißbona gen Kallakuth*, Nuremberga, 1505).

Fig. 1.3 - Visão do Brasil que mistura criaturas fantásticas e povos nativos. (*Americae tertia pars*, Theodore de Bry, Frankfurt, 1592).

Fig. 1.4 - *Prospecto da Villa de Monforte na Ilha Grande de Joannes*, Aguarela de José Joaquim Freire, 1783 (espólio da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil entre 1783- 1792).

Fig. 1.5 - *Himalaya*, circa 1850, Alexander von Humboldt. (H. Berghaus, 1851, *Physikalischer Atlas...*, vol.V, plate No.1)





Fig.1.6



Fig.1.7

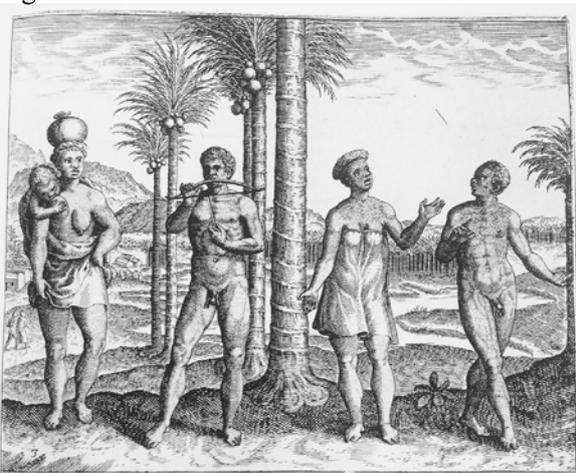


Fig.1.8



Fig.1.9



Fig.1.10

Fig.1.6 - Representação relativa ao Reino da Guiana. (Levinus Helsius: *Kurtze Wunderbare Beschreibung. Beschreibung Deß Goldreichen Königreichs Guianae in America*, Nuremberga, 1603).

Fig.1.7 - Legação da Sociedade da Índia Oriental. (Johan Nieuhof: *Die Gesantschaft der Ost-Indischen Geselshft*, Amesterdão, 1669).

Fig.1.8- Cena do quotidiano dos habitantes de Moçambique. (Theodor de Bry: *Ander Theil der Orientalisch Indien*, Frankfut, 1598).

Fig.1.9 - *Chefe do Gentio Aycurú, habitante no Rio Paraguay*. S/ autor, 1791. (espólio da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil entre 1783- 1792).

Fig.1.10 - *Máscaras dos índios jurupixunas*, Joaquim José Codina, 1787. (Espólio da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil entre 1783- 1792).



«A iconografia, como os textos narrativos, são representações cujo valor intrínseco consiste na dualidade objeto / sujeito. A informação que contêm ganha valor pelo que traduzem das possibilidades de leitura do mundo, ou seja, dos paradigmas europeus de receção e leitura.»<sup>46</sup>

Sobre as «cores do imaginário oitocentista», Maria de Aires Silveira identifica modelos ou significantes culturais relacionados com o pensamento romântico, cuja importância, aliada à proliferação do periodismo, provocou a necessidade de estabelecer a ligação entre «a imagem criada pela palavra e a imagem visível, perante o interesse em atualizar a narrativa arquitetada e a difusão de conhecimentos úteis, em gravura e mais tarde em reprodução fotográfica.»<sup>47</sup>

O registo visual e documental da realidade vem na tradição anterior dos séculos XVII e XVIII da compilação do mundo em álbuns – atlas cartográficos, botânicos, geológicos – a partir de desenhos ou gravuras e, agora, de fotografias. No seu texto introdutório ao catálogo *Portuguese Photography since 1854. Livro de viagens*, Peter Weiermair evidencia a ligação entre fotografia e viagem, existente desde a invenção da prática fotográfica e que sempre serviu como um meio de documentação, através do qual os leitores encontravam o desconhecido e exótico em efígie, mesmo antes de o experienciarem como realidade.<sup>48</sup> É esta relação de «descoberta visual» do mundo que se pretende evidenciar e que servirá de auxílio para a análise e interpretação do objeto de estudo selecionado, desenvolvida no capítulo seguinte.

---

46 Ventura (2003), «Do Paraíso ...», p.252.

47 Silveira, Maria de Aires, «Verdade e Ironia – As cores do imaginário oitocentista», in *Tesouros da Fotografia Portuguesa...*, p.54.

48 Weiermair, Peter (1998), «The Journey as a Metaphor for Life», in *Portuguese Photography since 1854. Livro de viagens*, catálogo coord. por Tereza Siza e Peter Weiermais, Zurique: Edition Stemmler, p.11.



## 2. JORNAL *Á VOLTA DO MUNDO*

### 2.1 A PUBLICAÇÃO

A publicação selecionada *Á VOLTA DO MUNDO – Jornal de Viagens e de Assumptos Geographicos*, foi consultada em três volumes que reúnem, respetivamente, um conjunto de 24 números: o primeiro volume com data de 1880, o segundo de 1882 e o terceiro de 1883. António da Silva Xavier Pereira (1838-1902) define este periódico no importante compêndio *Diccionario Jornalístico Português*, como sendo, incontestavelmente, o primeiro jornal que neste género de publicações se fazia em Portugal: «será difícil igualá-lo na perfeição material e tratamento de assuntos da sua especialidade», «uma feliz imitação do *Tour du Monde* com todas as suas belezas artísticas e literárias»<sup>1</sup>. Efetivamente, *Á VOLTA DO MUNDO* é baseado no jornal francês homónimo, *LE TOUR DU MONDE, nouveau journal de voyages* (1857-1914)<sup>2</sup>, replicando alguns temas e ilustrações internacionais e acrescentando conteúdos nacionais.(Fig.2.1)

Apesar de apenas se encontrarem disponíveis para consulta do jornal português *Á VOLTA DO MUNDO* os três volumes compilados em formato de livro, sem identificação de custo/data individual, é possível afirmar que a sua periodicidade seria intencionalmente quinzenal, conforme descrito na secção de resenha dos factos «PELO MUNDO», do primeiro número.<sup>3</sup> Esta secção, assinada por A.L. (Abílio Lobo) e datada, dava ao leitor notícias «da ultima quinzena» relacionadas com a índole do jornal, sobre o mundo científico, industrial e comercial, divididas entre «Europa», «Asia», «Africa» e «America», terminando o conjunto de artigos de cada número. Está presente apenas no primeiro dos volumes consultados, permitindo distinguir com precisão cada um dos respetivos 24 números que o compõem, sendo a referida secção de notícias extinta nos volumes seguintes.

Conforme descrito por António da Silva Xavier Pereira,<sup>4</sup> e de acordo com indicações impressas no início de cada um dos volumes, a publicação começou por ser feita sob a proteção da *Sociedade Portuense de Geographia*, passando depois a propriedade para A. de Sousa Pinto, representante da Empreza Litteraria Luzo-Brazileira. O primeiro volume foi publicado no Por-

---

1 Pereira, António da Silva Xavier, *Diccionario Jornalístico Portuguez*, volume 05, Fólio 2508-2509, Lisboa: Academia das Ciências, 2009 [Recurso electrónico em Biblioteca Nacional de Portugal].

2 Criado em 1860 por Édouard Charton e editado pela Librairie Hachette, Paris, com publicação de cadência semanal. A totalidade de 86 números, correspondentes a 53 anos de publicação, encontra-se disponível para consulta em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32878283g/date>>.

3 *Á VOLTA DO MUNDO – jornal de viagens e assumptos geographicos*, 1880, Volume 1, p.20.

4 Pereira, António, *Diccionario Jornalístico Portuguez*, volume 05, Fólio 2508-2509.

to, pela *Typographia Occidental, Rua da Fabrica 66*, e os dois últimos volumes em Lisboa, pela *Typographia da Empreza Litteraria Luzo-Brazileira, Pateo do Aljube 5*. A Empreza Litterária Luzo-Brazileira era proprietária, na mesma altura, das seguintes publicações: *O MUNDO: folha da tarde* (vespertino lisboeta publicado durante o mês de julho de 1882), *O ANTÓNIO MARIA* (1879-1898), *ÁLBUM DAS GLÓRIAS* (1880-1902), *O GLOBO ILUSTRADO: jornal para todos* (1882-1884) e *O RAIOS: folha ilustrada* (1882-1884); viria ainda a publicar *A ILUSTRAÇÃO UNIVERSAL* (1884-1885) e A. de Sousa Pinto viria a ser gerente do *PONTOS NOS II* (1886).<sup>5</sup>

Após publicação do primeiro ano, um número «PROSPECTO», referente ao futuro segundo ano da publicação pela Emp. Litteraria Luzo-Brazileira, cita vários elogios ao jornal que refletem uma boa aceitação por parte do público:

«Á VOLTA DO MUNDO – Ha muito tempo que nós havíamos pensado em fundar um jornal como este que agora acaba por aparecer. Tínhamos a certeza que uma publicação modelada pelo *Tour du Monde* seria entusiasticamente recebida pelo nosso pequeno mundo litterario.

Felizmente houve alguém que teve a lembrança de realizar esse pensamento, e os primeiros resultados obtidos, sabemos que foram lisonjeiros e animadores. Isto garante que o jornal *Á Volta do Mundo* tomará um lugar distincto entre tudo quanto se publica em Portugal.

Feita sob a direcção do sr. Theophilo Braga e Abilio Lobo é sobeja garantia d'aquillo que vale a parte litteraria.»<sup>6</sup>

No mesmo número «PROSPECTO», são ainda transcritos «Extractos dos louvores que a imprensa do paiz se tem dignado a esta publicação» – *DIARIO DA MANHÃ, ESPECTRO DA GRANJA, DIARIO DE PORTUGAL, CONIMBRICENCE, PRIMEIRO DE JANEIRO* –, nomeadamente acerca do «fascículo n.º 10, correspondente a 31 de março, d'este magnífico jornal de viagens e de assumptos geographicos» cujos elogios às gravuras que trazia não foram poupados. Conclui-se, portanto, que a edição por fascículos precedeu efetivamente a publicação do formato do volume. Não foi possível, no entanto, identificar o custo ou a tiragem de cada um dos fascículos do periódico; no final das já referidas notas consultadas de António da Silva Xavier Pereira, a frase «a obra vende-se por 2.500 cada volume» aparece riscada, pelo que não é possível confirmar a informação.<sup>7</sup>

---

5 Mesquita, Pedro Teixeira (2013), *O MUNDO: folha da tarde*, p.1, Ficha Histórica da Hemeroteca de Lisboa. [Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Omundo.pdf>».]

6 Frases atribuídas ao «Snr. Oliveira Junior» no n.º PROSPECTO de *Á VOLTA DO MUNDO – jornal de viagens e assumptos geographicos*, sem data, consultado na BNL.

7 Pereira, António, *Diccionario Jornalístico Portuguez*, volume 05, Fólio 2509.

# Á VOLTA DO MUNDO

JORNAL DE VIAGENS E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

*Representando Paisagens, Cidades, Villas, Monumentos, Retratos, Historia Natural, Costumes de todos os Popos do Mundo, etc., e um grande numero de Cartas Geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas Estrangeiros e Nacionais*

**Directores Litterarios**

DR. THEOPHILO BRAGA E ABILIO EDUARDO DA COSTA LOBO

COADJUVADOS PELOS SRS

RICARDO D'ALMEIDA JORGE, DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR E AUGUSTO LUSO DA SILVA

DESENHOS PORTUGUEZES DE

Raphael Bordallo Pinheiro e Columbano Bordallo Pinheiro

COPIA DE PHOTOGRAPHIAS DE

CARLOS RELVAS

*Publicação feita sob a protecção da Sociedade Portuguesa de Geographia*



LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA—EDITORA

DIRECTOR

A. DE SOUZA PINTO

MDCCCLXXX

Fig.2.1

Fig.2.1 - Primeira página do Volume I do jornal *Á VOLTA DO MUNDO*, 1880.



Os directores literários de *Á VOLTA DO MUNDO* foram, durante a totalidade da publicação, Teófilo Braga e Abílio da Costa Lobo. Entre os vários colaboradores identificam-se: Ricardo d'Almeida Jorge, Duarte d'Oliveira Junior, Augusto Luso da Silva, Serpa Pinto, Luciano Cordeiro, Augusto Fuschini, João Teixeira Soares, Brito Capelo, Ivens, José Relvas, Augusto Castilho, J. A. Martins, A. de Sousa Pinto, M. J. Felgueiras, Z. Consiglieri, Pedrosa, entre outros.

No que diz respeito aos motivos do termo da publicação não foi encontrada informação relevante, tendo em conta que o modelo francês de *LE TOUR DU MONDE* durou até 1914. É possível considerar a curta duração que muitos periódicos apresentam neste período em Portugal como uma situação comum, bem como a possível influência do surgimento posterior de novas publicações ilustradas de âmbito semelhante, ou ainda, a atividade intensa dos próprios directores literários, em projetos distintos.

### **2.1.1 Abílio Lobo e Teófilo Braga**

Abílio Eduardo da Costa Lobo, jornalista e político, nasceu em Coimbra em 1849 e faleceu em Lisboa em 1908. Abandonou precocemente os estudos em Coimbra para ingressar, em Lisboa, no funcionalismo público, trabalhando na Caixa Geral de Depósitos; filiou-se no Partido Regenerador, iniciou uma carreira jornalística vindo a ser diretor do *DIÁRIO DE PORTUGAL* e ocupou lugar na Câmara dos Deputados nas legislaturas de 1882-1884, 1890-1892, 1893 e 1894. Os seus discursos políticos eram marcados pela «concisão e objetividade»; a certo ponto o radicalismo de algumas das suas propostas valeu-lhe o apoio do Partido Republicano, no entanto a sua posição é demarcada como sendo monárquico por tradição e convicção.<sup>8</sup> Destaca-se o seu exercício de funções como deputado no período sobreposto (1882-1884) à publicação de dois anos de *Á VOLTA DO MUNDO* (1880-1883).<sup>9</sup>

Joaquim Fernandes Teófilo Braga, cuja personalidade se destaca no contexto da sociedade portuguesa contemporânea, foi um reconhecido escritor e ideólogo republicano, nascido

---

8 Mónica, Maria Filomena (coord.) (2005), *Dicionário Biográfico Parlamentar, 1834-1910, vol.II*, Lisboa: ICS-UL e Assembleia da República, pp.599-602.

9 Nomeadamente como membro da Comissão do Orçamento da Câmara dos Deputados, da Comissão do Regimento da Câmara e da Comissão da Reforma da Lei Eleitoral.

em Ponta Delgada a 1843, e falecido a Lisboa em 1924.<sup>10</sup> Fez parte da *Geração de 70*, participando ativamente na contestação ao academismo e colaborando nas mais diversas revistas e periódicos; foi uma figura crucial na divulgação da ideologia positivista e envolveu-se com a corrente federalista do movimento republicano, deixando uma vasta obra; Ramalho Ortigão publica na sua biografia «que o sr. Teophilo Braga é o mais forte, o mais rijo, o mais energético temperamento que tem conhecido; que é trabalhador incansavel; escreve de graça, desinteressadamente, em satisfação do seu prazer supremo, o prazer de espalhar idéas; e que esta enorme força é ao mesmo tempo a sua unica fraqueza, nunca se lhe conheceu outra, etc.»<sup>11</sup>

É importante referir que Teófilo Braga, no período do jornal *À VOLTA DO MUNDO*, liderava outras publicações e projetos, entre os quais o badalado *tricentenário de Camões* (10 de Junho de 1880), destacando-se, ainda, os seus estudos sobre as origens dos povos, nomeadamente sobre elementos tradicionais portugueses como os mitos, os costumes e os contos de tradição oral, dos quais alguns textos integram o jornal. Uma doutrina subjacente de «revivescência nacional» é transversal à maioria dos seus projetos,<sup>12</sup> onde é possível incluir o presente objeto de estudo, a par da corrente de opinião favorável à ideia da República e da filosofia positivista, da qual Teófilo Braga foi uma figura central. A ideologia positivista elegia o natural, racional e conducente à perfeição, a valorização do esforço próprio e o papel essencial da educação, destacando a Humanidade como «alfa e ómega da valoração e aferição das condutas.»<sup>13</sup>

«Em resumo, era tempo de mobilizar pela propaganda doutrinária, tarefa que competia em grande parte à imprensa e, portanto, não é de estranhar que os periódicos positivistas proliferem nos meios urbanos, por esta altura uns, de natureza essencialmente científica ou cultural, mas igualmente «positivificadores»; outros, mais politizados.»<sup>14</sup>

---

10 Licenciou-se em Direito em Coimbra em 1865-1866, a partir de 1872 foi professor no Curso Superior de Letras em Lisboa, foi candidato a deputado durante a monarquia constitucional, vereador da Câmara Municipal de Lisboa em 1887, redigiu o programa do Partido Republicano Português em 1891 e, sob a República, foi presidente do Governo Provisório, deputado à Assembleia Constituinte e eleito em 1915 para completar o mandato do primeiro presidente da República, Manuel de Arriaga. (In: Mesquita (2013), *O MUNDO...*, p1.)

11 Citado por Silva, Inocência F. da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo XII, p.156-164.

12 Correia, Rita (2013), *ERA NOVA. Revista do Movimento Contemporâneo*, p.2, Ficha Histórica da Hemeroteca de Lisboa. [Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Era-Nova.pdf>»].

13 Marques, A. H. de Oliveira e Joel Serrão (coord.) (2004), *Nova História de Portugal, Volume X: Portugal e a Regeneração (1851-1900)*, Lisboa: Editorial Presença, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973, p. 366.

14 Correia (2013), *ERA NOVA...*, p.5.

Apesar de não se pretender afirmar que *À VOLTA DO MUNDO* era um jornal de cunho claramente positivista ou republicano, é importante enquadrá-lo no contexto intelectual e ideológico em que efetivamente se insere, por forma a poder analisar e interpretar o seu conteúdo de maneira pertinente.

## 2.2 O IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO DIVULGADO

Ao longo dos três volumes, constituídos pela totalidade identificada de 72 números, são divulgados variados temas relativos não só a viagens mas também a acontecimentos científicos e políticos contemporâneos que são igualmente debatidos no espaço da publicação. Seguindo o já referido modelo francês do jornal *LE TOUR DU MONDE*, cada número individual é constituído por entre quatro a cinco artigos, de diferentes conteúdos, a maioria com continuidade no número seguinte.

A breve análise do conteúdo literário do presente objeto de estudo permite propor a seguinte categorização temática: *territórios coloniais*, com grande destaque ao longo de todos os números para os territórios africanos; *outras regiões*, com relevância igualmente significativa; *Portugal*, sobre territórios e temas nacionais; artigos de *história/ ciência/ tecnologia/ opinião*; e ainda a secção de *notícias*, que marca presença apenas no primeiro ano.

### 2.2.1 Territórios coloniais

Esta é claramente a temática privilegiada ao longo da publicação: em cada um dos volumes constitui a maior percentagem de artigos chegando mesmo a ocupar, no segundo ano, mais de metade do conteúdo do jornal. Nesta categoria incluem-se relatos de exploradores estrangeiros ao território africano como «CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA», narrada pelo Vice-Almirante Fleuriot le Langle, cuja fragata *Zenobie* parte de Toulon em 1865 rumo ao Senegal; ou ainda «VIAGEM À NOVA-GUINÉ», relato da missão científica de Achille Raffray, instruída pelo governo francês em 1876 com vista à exploração das Molucas e Nova-Guiné, no sudoeste do Oceano Pacífico, ambos profusamente ilustrados. No entanto, com maior presença a partir do primeiro número do segundo volume, destaca-se «COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA», a narrativa do explorador português Serpa Pinto da sua expedição a África Austral, traduzido da edição francesa publicada em 1881.<sup>15</sup> O jornal publicou, na íntegra, a narração da viagem com

---

<sup>15</sup> *Comment j'ai traversé L'Afrique, Depuis l'Atlantique jusqu'a à l'Océan Indien, a travers des régions inconnu*, Traduit d'après l'édition anglaise collationée sur le text portugais avec l'autorisation de l'auteur par J. Belin de Launay, Paris: Librairie Hachette et C.ie, 1881.

ilustrações feitas em Paris, disponibilizando a extensa obra a um público maior.<sup>16</sup> Fruto de menor atenção, regista-se a presença pontual de um excerto do livro «DE BENGELA ÀS TERRAS DE IACCA», dos exploradores Hermegenildo Capelo e Roberto Ivens, no número 20 do primeiro volume. Esta distinta «visibilidade» reconhecida na diferente importância atribuída a cada uma das obras dos exploradores portugueses na publicação, pode ser entendida pela divergência dos seus percursos. Serpa Pinto, H. Capelo e R. Ivens começaram a viagem juntos, partindo de Benguela em 1877. A expedição foi promovida pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros Andrade de Corvo e uma comissão que integrava, entre outros, membros da Sociedade de Geografia de Lisboa, e cujas orientações defendidas divergiam:

«[...] uma, sustentada por Luciano Cordeiro e pela maioria dos sócios da S.G.L defendia a travessia, pela necessidade de fazermos ecoar nas sociedades científicas e na diplomacia europeia o sensacionalismo que acompanha estes feitos e que servia os interesses políticos de Portugal; outra, conforme a orientação do Governo e apoiada por José Júlio Rodrigues defendia a exploração parcial, circunscrita a regiões consideradas sob a soberania portuguesa e opunha-se à travessia.»<sup>17</sup>

Neste sentido, a partir de Bié, os exploradores separaram-se por partilharem de diferentes opiniões e orientações: Serpa Pinto atravessou o território africano, chegando a Durban na costa índica em 1879, viagem que descreve em *Como Eu Atravessei a África*; H. Capelo e R. Ivens, mantiveram os objetivos iniciais, fizeram o reconhecimento geográfico de parte interior do território e regressaram a Luanda em 1880, escrevendo a narrativa *De Benguela às Terras de Iacca*. Atribui-se a influência da personalidade de Luciano Cordeiro, colaborador do jornal *Á VOLTA DO MUNDO*, à primazia dada à divulgação da viagem de Serpa Pinto, da qual foi um grande impulsionador.

Portugal acompanha, desde a primeira metade do século XIX, as célebres viagens europeias de exploração ao continente africano,<sup>18</sup> verificando-se na década de 1880 uma maior consciência colonial na opinião pública, dadas as diversas viagens de exploração divulgadas pela

---

16 Entre os diversos periódicos portugueses que publicaram a narrativa, são identificados como os mais importantes por Soledade Rodrigues, os seguintes: *O OCCIDENTE*, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRA E MAR*, *À VOLTA DO MUNDO*. In Rodrigues, Soledade Amaro (2009), *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda., p.97.

17 Rodrigues (2009), *Idem*, p.57.

18 Destacam-se as seguintes viagens portuguesas na primeira metade do século XIX: João Pedro Baptista e Amaro José (1811, Tete); major José Maria Correia Monteiro (1831-32, Camzebe); Joaquim Rodrigues Graça (1843-46, rio Cassai até Mussumba); Bernardino José Brochado (1847-50, de Moçâmedes ao rio Cunene); Silva Porto (1853, Barotze; Ilha de Moçambique); Caetano Ferreira (1854, nascen-tes do Cuando); Montanha e Teixeira (1855, de Inhambane até ao Transval). In *Idem*, p.43.

imprensa, as comemorações do centenário de Camões e o sentimento nacionalista associado às possessões ultramarinas.

«As matérias relativas às terras ultramarinas são presença constante nas páginas da imprensa com o concurso de gravuras sugestivas. Procura-se dar a conhecer os locais e torná-los familiares a um público que, na sua maioria, ainda na década anterior os via como terras de degredo e doença.»<sup>19</sup>

São vários os tipos de texto que a viagem de exploração assume na imprensa periódica oitocentista: notícia, reportagem, publicação de conferências, artigos de opinião, fascículos, excertos de obras publicadas, etc. Neste caso, para além da publicação das narrativas de viagens de exploradores ao continente africano, fazem parte da categoria *Territórios coloniais* outros artigos de carácter explicativo, informativo ou de opinião – alguns também transversais a vários números, essencialmente do primeiro volume – relacionados com a problemática da colonização e valorização dos territórios portugueses em África. É o caso de «EXPLORAÇÕES GEOLÓGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS» da autoria de Lourenço Malheiro; o extrato da «CONFERENCIA DO ENGENHEIRO EXPLORADOR AFRICANO LOURENÇO MALHEIRO», ocorrida em 1881, acerca da sua passagem em Luanda; ou ainda «A QUESTÃO DO TRANSVAAL» por Augusto de Castilho. Por outro lado, nenhum destes artigos é ilustrado.

### 2.2.2 Outras regiões

A temática de narrativas e notícias sobre outras regiões tem uma presença significativa ao longo da publicação, registando-se, no entanto, uma redução significativa no segundo volume do ano 1882, onde o relato de Serpa Pinto ocupa a maioria dos números. Incluem-se nesta categoria «A RUSSIA LIVRE», fragmentos da tradução francesa, inédita à data em Portugal, do livro do autor William Hepworth Dixon de 1869, que descreve a sua viagem do mar branco ao mar negro, apreciando a transformação pela qual a extensa nação da Rússia passa.<sup>20</sup> Dividido por capítulos e profusamente ilustrado desde o primeiro número da publicação, é o único artigo sobre outras regiões presente no segundo volume, tendo sido originalmente publicado no francês *LE TOUR DU MONDE* no ano de 1872. No primeiro volume encontramos ainda a publicação do relato «ASCENSÕES NOS ALPES – Em 1860 e 1869», a descrição das escaladas de Eduard Whymper, parte do seu livro

---

19 Rodrigues (2009), *Idem*, p.88.

20 William Hepworth Dixon (1821-1879), historiador e viajante inglês que para além da obra *Free Russia* (1869), era também autor, à data, de livros de viagens como *Holly Land* (1865) e *New America* (1867), tendo participado na Grande Exposição de Londres de 1851.

publicado *Scramble amongst the Alps in the year 1860*, ilustrado por mapas e gravuras.<sup>21</sup>

No terceiro volume do ano 1883, a temática de outras regiões volta a ganhar peso na publicação com artigos como «AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO», da autoria de M. Eduardo de Lavelly, que faz referência a várias descrições e estudos dos Estados Unidos da América por eminentes viajantes, descrevendo a sua própria visita no ano de 1878.<sup>22</sup> Destaca-se o artigo «PEKIN E O NORTE DA CHINA», originalmente publicado no *LE TOUR DU MONDE* no ano de 1876, o registo em formato de diário da experiência de viagem a Pekin de M. T. Choutzé, amplamente ilustrado através de gravuras feitas a partir de fotografias.<sup>23</sup> Ainda neste último volume, encontra-se publicado «UMA EXCURSÃO ARTÍSTICA POR ITÁLIA», o registo das impressões de viagem de Viriato Silva do seu percurso por Itália, as cidades e monumentos visitados.<sup>24</sup>

### 2.2.3 Portugal

Intercalando a temática estrangeira, vários artigos sobre o país coexistem no espaço editorial do jornal. Destacamos, por exemplo, a «COSMOGRAPHIA DOS LUSIADAS», da autoria de Augusto Luso da Silva, publicado por ocasião da celebração do Centenário de Camões (1880); os artigos «COSTUMES PORTUGUEZES», «TYPOS PORTUGUEZES», e «SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL», todos da autoria de Teófilo Braga, que refletem um interesse científico na vida nacional, história e tradições; «CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES», de João Teixeira Soares, ou «PORTUGAL PERANTE A CIVILIZAÇÃO» de Manoel Antonio Coelho Zilhão, cujo conteúdo remete à exaltação da nacionalidade portuguesa.

Em termos territoriais, são várias as publicações sobre cidades e paisagens, a maioria descrições a partir de ilustrações: «ARREDORES DE COLLEGÃ», por José Relvas; «UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VYZELLA», pela própria redação; «TRAZ-OS-MONTES: ARRE-

---

21 E. Whymper (1840-1922), ilustrador, alpinista e explorador britânico, descrito no jornal como membro do Clube Alpino de Londres com reputação europeia adquirida nos Alpes Suíços e Franceses.

22 O autor apresenta-se no artigo como engenheiro que visita a America, explora os Estados do Far-West e minas recentemente descobertas no Colorado e visita as quedas de Niagara em Dezembro.

23 M. T. Choutze, pseudónimo de Gabriel Devéria (1844-1899), diplomata e sinólogo francês que viveu em Pequim entre 1865-66. O artigo é amplamente ilustrado com gravuras feitas a partir de fotografias de John Thompson e Georges Morache, figuras com quem o autor conviveu e cujos espólios amadores de fotografias de Pequim são hoje conhecidos.

24 Viriato Silva, diplomata que cumpria missão do Brazil em Paris e, dado o inverno rigoroso de 1875, dirige-se a Italia "buscando na sombra das copadas laranjeiras e dos myrtos que crescem na terra do Lacio, o conforto que me negavam as habitações de Paris." (*AVM*, 1883, vol.3, p.274)

DORES DE VILLA REAL», de Sousa Pinto; ou ainda a publicação de «CARTAS DA SERRA DA ESTRELA», notícias enviadas por P. A. Ferreira, sobre a expedição científica de 1881 à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa.<sup>25</sup> Para além destes, marcam presença artigos históricos e de opinião sobre diversos monumentos nacionais: «A CASA DOS BICOS», «ARCO DA RUA AUGUSTA», «CLAUSTRO DOS CONVENTOS DOS JERONYMOS EM BELEM», «ESTÁTUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO», «O CASTELLO DOS TEMPLARIOS», «CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE», «ESTÁTUA DE LUIZ DE CAMÕES».

#### **2.2.4 História/ ciência/ tecnologia/ opinião**

Variados artigos, de caráter mais didático, podem ser agrupados nesta terceira categoria. Alguns são detentores de teor mais científico e tecnológico como constituem exemplo «WELLINGTONIA GIGANTEA», da autoria de Duarte de Oliveira Junior, sobre uma espécie botânica, ou ainda, do mesmo autor, os artigos «ESTUFA DE S. M. EL-REI LEOPOLDO II», onde descreve o que considera ser um verdadeiro monumento à horticultura e «ESTUFA NOTAVEL», exaltando os progressos da arte e indústria em Portugal. No último artigo a redação, pela escrita de A. de Sousa Pinto, é obrigada a discordar da ideia de progresso defendida, justificando que estes são assuntos, infelizmente, esquecidos pela nação – e revelando que a publicação é um espaço de debate, a partir da qual não se coíbe de exprimir a sua opinião. «O DELTA DO TONG-KING», que se assume ser da autoria da redação, confirma esse tom de opinião política sobre o conflito entre França e a China, onde é reprovado o envolvimento francês.<sup>26</sup>

Outros artigos são detentores de um caráter mais descritivo, como é o caso de «TEMPESTADES E NAUFRAGIOS» de Zurcher e Margollé, e «NAUFRAGIOS AERIOS» de Gastão Tissandier, através de narrativas e testemunhos mais dramáticos sobre viagens marítimas e aéreas. De teor histórico científico destacam-se «O HOMEM», descrito por Augusto-Luso como ser organizado e inteligente; «GERMANOS» e «GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO» ambos da autoria de Luiz Figuiier; enquanto outros artigos, refletem de forma mais direta, a tendência histórico nacionalista: «ESBOÇO DA MYTHOLOGIA IBERICA» de Teófilo Braga, ou «OS

---

25 As cartas eram enviadas do acampamento por P. A. Ferreira, «dingissimo abbade da freguezia de Miragaya» que acompanhou e descreveu parte da expedição. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.326).

26 Debate sobre o início da exploração do rio Tong-king em 1870 pela França que entra em conflito com a China, cuja falta de vontade de fazer concessões se entende que resultará em «consequências desastrosas» para França, cuja «loucura» por um «pretexto fútil» é assinalada. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.384).

DOZE DE INGLATERRA», estudo crítico histórico de João T. Soares que aborda uma história contada por Camões no canto VI dos Lusíadas sobre a conduta da honra cavaleiresca na Idade Média.

Algumas viagens históricas de portugueses são também publicadas, como é o caso de «AS VIAGENS DE FRANCISCO D'HOLLANDA», que descreve as viagens do artista renascentista português entre Itália, França e Espanha, por Joaquim de Vasconcellos; «VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO», relato na terceira pessoa escrito por Fausto Scipião sobre o itinerário de António Tenreiro no século XVI da Índia a Portugal; ou ainda «MEMÓRIAS DO ULTRAMAR», viagens, explorações e conquistas passadas dos portugueses, a partir de uma coleção de documentos por Luciano Cordeiro.

### **2.2.5 Notícias**

Conforme anteriormente referido, a secção «PELO MUNDO» presente no final de cada número e que constituía uma resenha dos factos da atualidade relacionados com os temas da publicação, existe apenas nos números do primeiro volume. Pode-se concluir que a mesma deixou de ser incluída aquando da passagem da propriedade e impressão para a *Emp. Litteraria Luzo-Brazileira*, em Lisboa. As notícias do ano de 1880 são divididas por continentes. Incluídas na secção «Europa», encontram-se maioritariamente notícias portuguesas sobre assuntos da Sociedade de Geografia de Lisboa, relatórios de sessões e planos de explorações, reformas e missões do Ultramar, divergências de posições e opiniões relativamente aos territórios coloniais – como por exemplo a questão do tratado de Lourenço Marques, do Tranvaal, da discussão abolicionista, entre outros –, sendo clara a expressão de uma posição pró investimento nos territórios ultramarinos e crítica face à atitude que se considera de abandono por parte do governo português. Sobre as restantes áreas geográficas, são simultaneamente referidas notícias de expedições estrangeiras como a de Stanley na África Equatorial, a de M. James Stewart a Livingstonia, a de M. Butcha ao Cairo, a de Seleuyn ao Canadá, entre outras; relatórios dos Estados Unidos sobre a civilização dos índios na América do Norte; construção de infraestruturas como os caminhos-de-ferro entre extremo Oriente e China, ou o canal de Nicarágua na América. Apesar de existir apenas no primeiro volume, esta secção constitui fonte importante de enquadramento – político, social, económico e tecnológico – contemporâneo do país.

\*

Verifica-se que o conteúdo das geografias divulgado na curta duração de 3 anos de publicação de *À VOLTA DO MUNDO* pertence ao domínio do «mais ou menos» conhecido. Coexistem publicações de relatos mais atuais – geralmente das viagens portuguesas, noticiadas com maior proximidade – e relatos de viagens ocorridas já com vários anos de intervalo – como o caso das traduções das obras sobre os territórios da Rússia ou da China, cuja edição original ou mesmo a sua publicação no jornal homónimo francês chega a revelar uma década de diferença. Naturalmente entende-se que a transmissão destas experiências e conhecimentos constituía um processo mais lento, e que Portugal apresentava também algum desfasamento relativo ao resto da Europa. Às excitantes viagens contemporâneas contrapõe-se a publicação de algumas viagens históricas e, paralelamente, uma visão atual de Portugal que contrasta no ponto de vista tradicional e pitoresco. Este é um período onde se intentam explorar todos os cantos recônditos do mundo que em breve deixarão de existir – até à primeira metade do século XX os próprios polos seriam «descobertos».

Em 1893, uma década após a publicação do presente objeto de estudo, o geógrafo e diplomata português Jaime Batalha Reis (1847-1935), evidencia ainda as «zonas por explorar» nos cinco continentes do globo, através do mapa que legendou «O que se ignora do mundo em 1893. Áreas desconhecidas indicadas por manchas pontuadas». (Fig.2.2)

«Ainda hoje a humanidade não é completamente inter-conhecida; ainda hoje se não conhecem todos os países da Terra – a forma e a altura de tôdas as suas montanhas, a direcção exacta de todos os seus rios, a situação e grandeza de todos os seus mares e lagos, a distribuição e qualidade de todos os minerais e de todos os seres vivos.»<sup>27</sup>

O mapa, desenhado pelo próprio autor, identifica os territórios no mundo que pertencem, à data, ao «conjunto do desconhecido, ou do menos conhecido» e onde seriam ainda possíveis descobertas geográficas, que se pretendiam seguir no encalço dos novos exploradores.<sup>28</sup> A este mapa opomos o imaginário geográfico do mundo «desconhecido» divulgado pelo presente objeto de estudo, na década anterior, e que nos revela as seguintes regiões: Rússia, China, Nova

---

<sup>27</sup> Reis, Jayme Batalha, «A Descoberta do Mundo. O que se ignora no mundo em 1893, Artigo publicado em *O Comércio do Pôrto*, de 1 de Julho de 1893», in *Estudos Geográficos e Históricos*, Lisboa: Ag. Geral das Colónias, 1941, pp.91.

<sup>28</sup> As manchas desconhecidas correspondem às regiões que rodeiam os dois polos; ao interior dos grandes continentes – com excepção da Europa e os Estados Unidos da América do Norte; e a alguns locais de maior altitude. São ainda identificadas, nas fronteiras com o desconhecido, os limites de algumas das importantes viagens de exploração.

Iorque, costa ocidental de África e territórios interiores, a vasta ilha da Nova Guiné no oceano pacífico, os Alpes, Itália/ Espanha/ França e ainda Portugal (Fig.2.3). Conforme refere o próprio Jaime Batalha Reis, a «descoberta da terra» é uma descoberta por parte dos europeus, o estabelecimento de contacto com os territórios – mais ou menos povoados – mas que desde tempos antigos são povoados. Esta é, especialmente, uma descoberta visual.

## 2.3 A ICONOGRAFIA CONSTRUÍDA

Aos artigos que constituem a publicação *À VOLTA DO MUNDO*, correspondem, como se tem realçado, inúmeras ilustrações que apresentam maior ou menor correspondência direta com o conteúdo literário. A partir do levantamento e análise do conjunto de gravuras que constituem o presente objeto de estudo – 137 no primeiro volume, 129 no segundo e 118 no terceiro –, é possível considerar cinco «tipos» de gravuras: as que são executadas a partir dos textos ou relatos que pretendem ilustrar; as executadas a partir de desenhos, geralmente de quem visualizou o que se ilustra; as executadas a partir de fotografias, com diferentes graus de relação com o tema descrito; as gravuras de mapas e itinerários; e, finalmente, as restantes que não apresentam qualquer indicação a este respeito.

As gravuras executadas a partir de fotografias constituem, praticamente, metade da iconografia da publicação, diminuindo apenas ligeiramente a sua percentagem no segundo volume, quando se aproximam do número de gravuras feitas a partir de desenhos. As gravuras executadas a partir de desenhos são a segunda maior presença na totalidade da publicação, perdendo algum peso no terceiro volume. O grupo de imagens sem indicação aparece em terceiro lugar, correspondendo a 17% da iconografia, enquanto as gravuras executadas a partir de textos ou relatos, apesar de corresponderem apenas a 9% da iconografia total, vão marcando presença, chegando a ser superiores no terceiro volume às gravuras feitas a partir de desenhos. Os mapas têm uma presença pouco significativa surgindo apenas pontualmente. (Ver ANEXO A).

A interpretação da iconografia que se apresenta não é linear. Para além dos «tipos» de gravura anteriormente descritos foram considerados, simultaneamente, outros temas e conteúdos das representações identificadas que cruzam por vezes os diferentes tipos identificados – uma teia de relações cujos múltiplos significados se propõe descortinar.

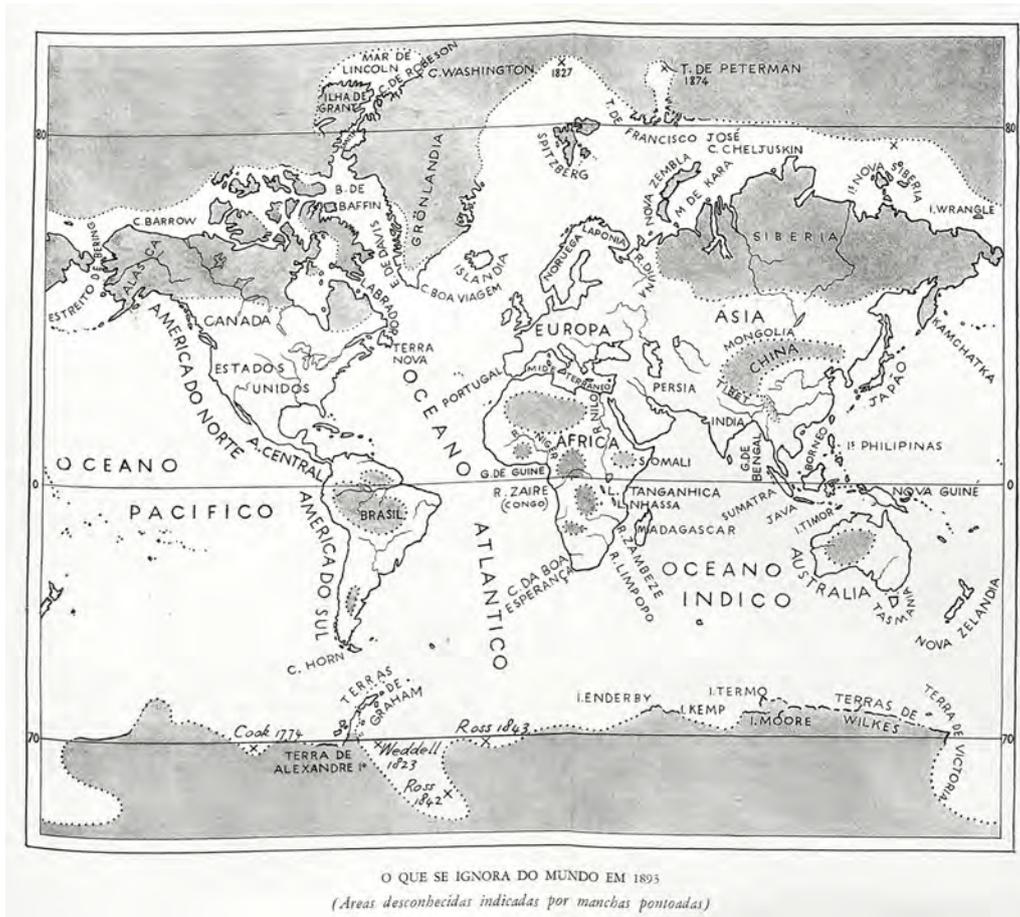


Fig.2.2



Fig.2.3

Fig.2.2 - *O que se ignora do mundo em 1893. Áreas desconhecidas indicadas por manchas pontoadas*, Jaime Batalha Reis (*O Comércio do Pôrto*, de 1 de Julho de 1893).

Fig.2.3 - Mapa que indica as áreas geográficas das principais viagens contempladas na publicação *Á VOLTA DO MUNDO* entre 1880-1883. (©Mariana Simões).



### 2.3.1 Mapas

Na totalidade da publicação verifica-se a quase ausência de desenhos de mapas: estão presentes 2 gravuras no primeiro volume, 3 gravuras no segundo e nenhuma no terceiro. Um dos mapas do primeiro volume diz respeito ao território do mar branco, ilustrando uma pequena parte da viagem descrita em «A RUSSIA LIVRE», constituindo a quarta figura que ilustra este artigo – e único mapa na totalidade do mesmo –, enquanto a imagem que encabeça a estreia da publicação é uma gravura da paisagem de rochedos, vista do Mar Polar (Figs.2.4 e 2.5). A segunda gravura correspondente a um mapa, e que representa a carta geográfica dos arredores de Lisboa, ilustra parte do artigo «CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA», que relata a expedição científica à Serra da Estrela em Agosto de 1881 (Fig.2.6); não existe nenhum mapa do território da Serra da Estrela que é descrito ao longo do artigo e a sua primeira ilustração, em página inteira, é uma gravura da Cascata Fervença na Serra da Estrela, feita a partir de uma fotografia de Carlos Relvas e cuja data de produção é 1874 (Figs.2.7 e 2.8). Entre a fotografia e as frescas notícias que se publicam sobre a região regista-se a diferença de 7 anos. O facto do texto correspondente não mencionar sequer a localização da «Cascata Fervença» confirma a intenção de ilustrar uma paisagem genérica do território, a partir da fotografia então disponível no momento, apesar da descrição detalhada em formato de diário dos lugares explorados. É de assinalar a referência no artigo ao relatório geral a ser desenvolvido na expedição, nomeadamente às fotografias e coleção de croquis executados e que, «depois de retocados e passados a gravuras, muito valor podem dar ao relatório».<sup>29</sup> Ao imediatismo das notícias contrapõe-se o recurso a imagens de carácter mais genérico, disponíveis para ilustrar mesmo sem corresponder com exatidão aos textos, enquanto se verifica a desvalorização dos mapas *versus* paisagens gerais.

As restantes três figuras correspondem a mapas do itinerário da viagem de Serpa Pinto. O primeiro inaugura o segundo volume, com indicação de ter sido feito por Erhard em Paris;<sup>30</sup> representa o território atravessado entre os oceanos Atlântico e Índico e, conforme indicado no próprio título, faz parte das ilustrações e mapas da edição francesa do livro *Como Eu Atravessei a África* (Fig.2.9). Os restantes mapas, da mesma origem, indicam respetivamente o percurso de Benguela ao Bihé (Fig.2.10) – ocupando a totalidade de uma folha –, e a carta do «Paiz dos Guibandés», de menor dimensão integrada no texto (Fig.2.11). Estes mapas são baseados nos

---

<sup>29</sup> Braga (1880), *Á VOLTA DO MUNDO*, Vol.1, p.341.

<sup>30</sup> Georges Erhard Schieble (1821-1880), alemão naturalizado francês em 1870, foi um gravador e cartógrafo que participou em diversas publicações. [*Bibliothèque Nationale de France*, em: <http://data.bnf.fr/>]

desenhos que Serpa Pinto executou durante a sua viagem, alguns dos quais com bastante detalhe, e que se encontram reunidos no *Álbum de Itinerários* (1877-1878).<sup>31</sup> (Figs.2.12-2.14)

Como refere Vincenzo Russo a distorção do território pelos mapas é inevitável, dada a redução que estes fazem das complexidades de um território a um desenho bidimensional, impondo organizações artificiais.<sup>32</sup> No caso do colonialismo europeu, os mapas de África serviram de instrumento não só de produção de conhecimento mas também de apropriação simbólica dos territórios e propaganda política. A ideia do atlas como possessão do mundo é igualmente explorada por Teresa Castro que analisa o conceito de atlas como materialização de «uma viagem visual», como consagração epistemológica da experiência do olhar, estabelecendo ainda um paralelo entre a «forma atlas» e o «álbum fotográfico», igualmente presente na penetração programada, ainda que aventureira, nos territórios desconhecidos africanos.<sup>33</sup>

### 2.3.2 A experiência do protagonista

Com grande enfoque na publicação surge, como já foi referido, o relato das viagens de Serpa Pinto, profusamente ilustrado com gravuras da edição francesa. Este conjunto de gravuras é maioritariamente executado a partir de desenhos e relatos do viajante, sendo a visão do explorador crucial na sua interpretação (Figs.2.15-2.17). Serpa Pinto, Hermegenildo Capelo e Roberto Ivens são classificados por Soledade Rodrigues como «heróis exploradores», entre o carácter universal do «herói ultramarino» e o carácter regional do «herói colonial», integrando uma construção fabricada a partir de várias etapas, entre as quais se destacam as três primeiras, ocorridas entre 1877 e 1883: a viagem de travessia, o regresso e a publicação/ divulgação da narrativa de viagem.<sup>34</sup> A descrição da viagem é, portanto, uma descrição romântica que privilegia o papel do herói à ação científica, através do relato sequencial dos acontecimentos e observações relativas aos contextos e povos que vai encontrando. O carácter heróico atribuído a Serpa Pinto é também evidenciado por Maria Leonor Pires Martins, a partir da referência à gravura do retrato individual de Serpa Pinto, com o qual o jornal *À VOLTA DO MUNDO* inicia

---

31 SLG, Alexandre Serpa Pinto, *Viagem do Major Serpa Pinto ao Interior d'África Austral em 1877 e 1878*, *Álbum de Itinerários*, desenhos a lápis e tinta-da-china.

32 Russo, Vincenzo (2012), «Um Império de Papel: Geografias Metropolitanas da África na Retórica Colonial Portuguesa», *Polifonia*, Cuiabá, MT, v.19, n.26, ago./dez.2012, p.180.

33 Castro, Teresa (2014), «O esplendor dos atlas: fotografia e cartografia visual do Império no limiar do século XX», in *O Império da Visão, Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, organizado por Filipa Lowndes Vicente.

34 Rodrigues (2009), *O mito do herói explorador...*, p.52.

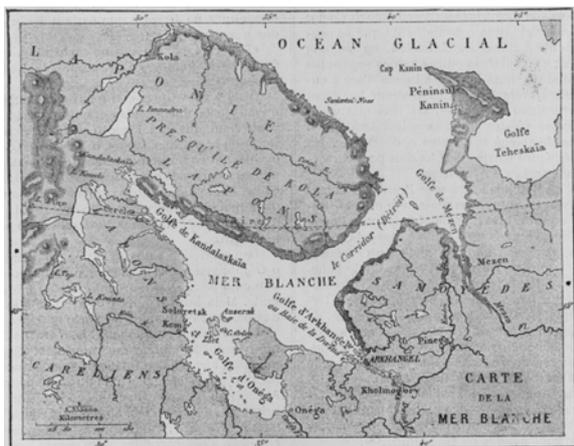


Fig.2.4

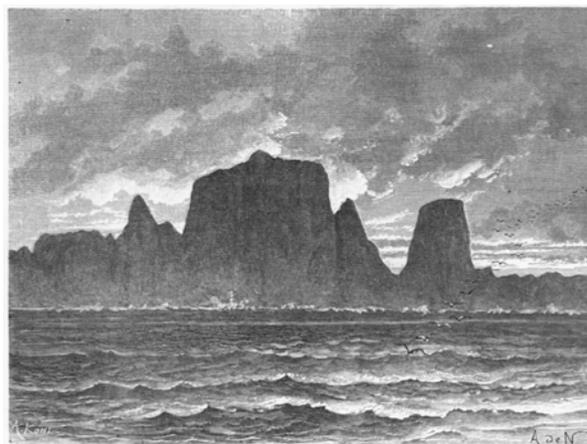


Fig.2.5

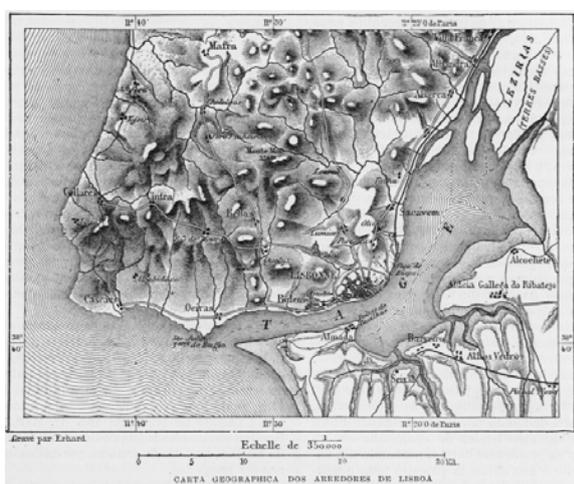


Fig.2.6



Fig.2.7



Fig.2.8

Fig.2.4 - MAPA DO MAR BRANCO. (AVM, 1880, Vol.1, p.13).

Fig.2.5 - “A MÃE E AS FILHAS, ROCHEDOS DO MAR POLAR”. (AVM, 1880, Vol.1, p.5).

Fig.2.6 - “CARTA GEOGRAPHICA DOS ARREDORES DE LISBOA - Gravé par Erhard”. (AVM, 1880, Vol.1, p.341).

Fig.2.7 - “FERVENÇA (SERRA DA ESTRELLA) - Cópia d’uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.mo snr. Carlos Relvas”. (AVM, 1880, Vol.1, p.325).

Fig.2.8 - *Cascata Fervença na Serra da Estrela*, Carlos Relvas, 1874. (CPF, Panorama Fotográfico de Portugal 1869-1874).



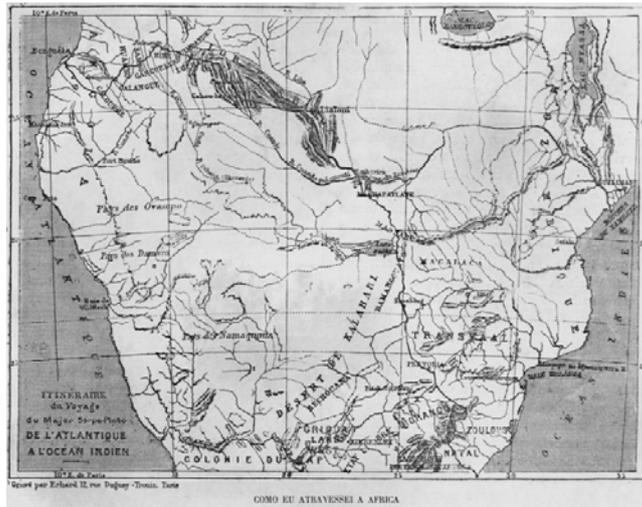


Fig.2.9

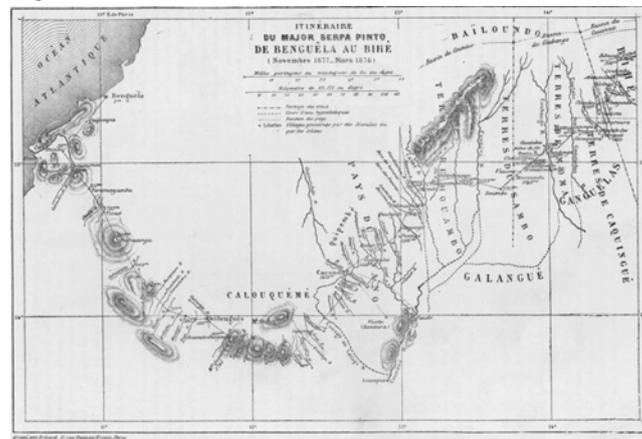


Fig.2.10



Fig.2.11

Fig.2.9 - “COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA. Itinerario da viagem do major Serpa Pinto, do Atlantico ao Oceano indico (Mappa), Gravé par Erhard, Paris”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.5).

Fig.2.10 - “ITINERAIRE DU MAJOR SERPA PINTO DE BENGUELA AU BIHE (Novembre 1877-Mars 1878) - Gravé par Erhard, Paris”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.40).

Fig.2.11 - “CARTA DO PAIZ DOS GUIMBANDÉS - Gravé par Erhard, Paris”. (*AVM*, 1882, Vol.2,p.248).





Fig.2.12

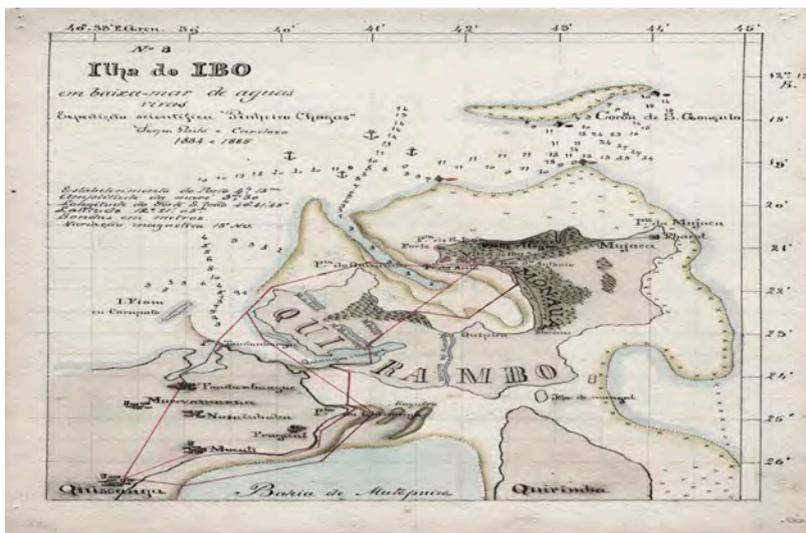


Fig.2.13

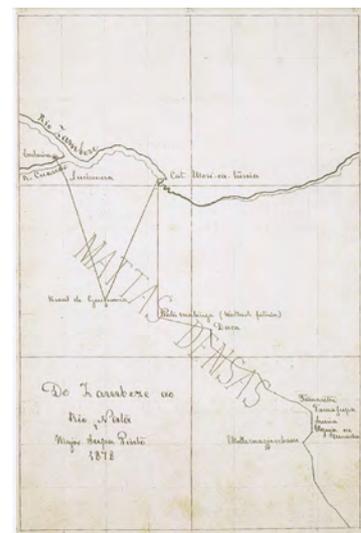


Fig.2.14

Fig.2.12 - Fragmento de “Carta do Cubango ao Quanza. Por Serpa Pinto 1878”. Desenho original de Serpa Pinto. (SGL, *Álbum de Itinerários*, N.º 5, 1877-1878).

Fig.2.13 - “Mapa do Ibo”. Desenho original de Serpa Pinto. (SGL, *Álbum de Itinerários*, N.º 8, 1877-1878).

Fig.2.14 - “Do Zambeze ao Rio Nata”. Desenho original de Serpa Pinto. (SGL, *Álbum de Itinerários*, N.º 14, 1877-1878).





Fig.2.15



Fig.2.16



Fig.2.17

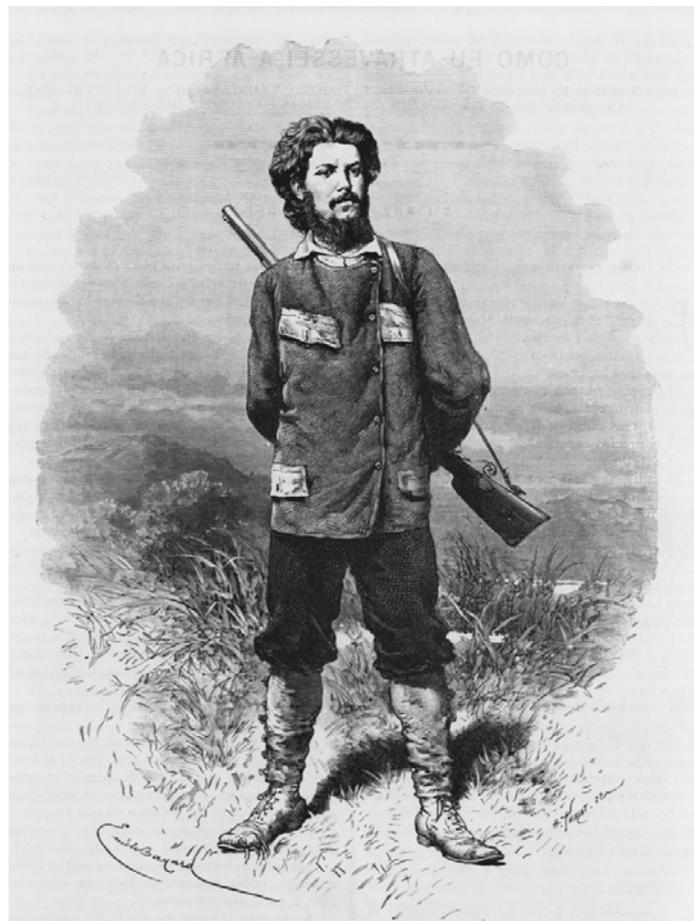


Fig.2.18

Fig.2.15- Encontro entre Capelo, Ivens e Serpa Pinto com o explorador H. M. Stanley. Fotografia tirada num estúdio em Luanda em 1877. (Rosa, Frederico Delgado 2013, p. 161).

Fig.2.16 - Serpa Pinto em Benguela durante a expedição. (Fototeca SLG).

Fig.2.17 - Serpa Pinto. (Arquivo Histórico Ultramarino).

Fig.2.18 - "O MAJOR SERPA PINTO - Desenho de E. Bayard segundo uma photographia". (AVM, 1882, Vol.2, p.21).



o seu relato e que demonstra a promoção da identificação da expedição com a figura do herói, com o seu protagonismo e com a ideia do «explorador solitário».<sup>35</sup> (Fig.2.18)

Serpa Pinto refere, na narrativa que fez da expedição, a sua preocupação em realçar o que se tornava mais interessante para os estudos geográficos e etnográficos, abordagem que se reflete no seu álbum de «esbocetos» onde regista alguns costumes de grupos com quem contactou, sobretudo até ao Alto do Zamzebe; esses esboços serviram de ponto de partida para o desenhador Cooper ilustrar a edição inglesa da sua obra.<sup>36</sup> A dicotomia entre as gravuras executadas por Cooper com base nos desenhos do explorador e aquelas executadas a partir de fotografias, é estabelecida por Manuela Cantinho:

«Embora o ilustrador tenha sido o mesmo, o grau de subjectividade no primeiro caso é muito superior. Perdeu-se o rigor do pormenor e o último registo ficou assim à mercê da «interpretação» que Cooper deu aos desenhos de Serpa Pinto, bem como da memória visual que este ainda retinha das situações por ele vividas no terreno. Pelo contrário, no caso das gravuras que foram feitas a partir de fotografias, o rigor do pormenor é evidente, sendo possível destacar a representação do africano desvinculada da fantasia verificada na situação anterior.»<sup>37</sup>

Esta relação é evidenciada pela autora a partir da comparação entre o desenho de Serpa Pinto dos «Costumes Canguellas – Quihubandes» (Fig.2.19) e a gravura à qual serviu de base, executada por Cooper (Fig.2.20). De maneira semelhante, é possível observar a gravura «HOMENS E MULHERES DO BIHÉ» presente na publicação *À VOLTA DO MUNDO*: conforme a legenda, uma composição de D. Maillart segundo as gravuras da edição inglesa e que seriam da autoria de Cooper (Fig.2.23). A gravura é composta por elementos claramente elaborados a partir da informação dos esboços de Serpa Pinto, nomeadamente as figuras com os seus instrumentos e atividades (Fig.2.21) ou o contexto da casa e árvores envolventes (Fig.2.22), revelando uma maior elaboração e detalhe de desenho, que o autor teve a liberdade de acrescentar na composição.

O exemplo da gravura que acompanha o único artigo sobre a viagem de Capelo e Ivens – “MULHERES DO HUNGO - Gravura de Christino, segundo um esboço de Ivens” – revela uma estética semelhante (Fig.2.27). Apesar de não serem conhecidos os desenhos correspondentes de Roberto Ivens desta viagem, o seu traço expressivo tem sido estudado e o exemplo dos seus es-

---

35 Martins, Maria Leonor Pires (2014), *Um Império de Papel: Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*, Lisboa: Edições 70, p.45.

36 Cantinho, Manuela (2001), «Livros de Viagem da Expedição Portuguesa ao Interior da África Austral em 1877», in *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, coord. Alfredo Dias, Lisboa: Sociedade de Geografia, INAPA, p.16.

37 Cantinho (2001), «Livros de Viagem...», p.16.

boços da viagem posterior *De Angola à Contracosta (1884-1885)*,<sup>38</sup> permitem estabelecer esse confronto. Destacam-se a visível liberdade, experimentação e descoberta criativa nos esboços de Roberto Ivens, cujo traço se distancia claramente do de Serpa Pinto,<sup>39</sup> mas cujo caráter não terá, certamente, sido transposto para as gravuras consequentes. (Figs.2.24-2.26).

A liberdade da composição das gravuras é visivelmente notória quando as imagens são executadas a partir dos textos e relatos dos viajantes (Figs.2.28-2.30). As cenas de ação revelam uma carga dramática e de fantasia superior, como um verdadeiro livro de aventuras. No caso de Serpa Pinto, mesmo algumas das gravuras que têm indicação de serem baseadas nos seus esboços (Figs.2.31 e 2.32), mantêm esta estética, contribuindo para a construção do mito do herói explorador. A representação deste estereótipo é patente na superação das mais variadas contrariedades e hostilidades, cujas representações se revelam mais dramáticas do que as de Capelo e Ivens.

Retomando Vincenzo Russo, acerca da retórica portuguesa colonial em África e a construção do seu «Império de Papel», o autor também realça o papel da literatura na projeção do próprio império em lugares imaginários:

«Uma vez que a geografização do espaço africano tinha sido cumprida, também o ignoto desapareceu. As culturas europeias começaram então a inventar lugares imaginários onde ambientar os seus contos e aventuras.»<sup>40</sup>

Efetivamente, é possível estabelecer um paralelo entre algumas das gravuras das explorações patentes em *À VOLTA DO MUNDO* e exemplos de ilustrações contemporâneas de livros de ficção, cujos cenários «imaginados» nos remetem a influências das representações destas novas realidades, quer no âmbito dos temas da ação e aventura, quer no próprio detalhe do encontro com novos povos em cenários exóticos e selvagens (Figs.2.33-2.36). Outras gravuras presentes na publicação que ilustram temáticas distintas, podem, de certa forma, ser associadas às características de ação dramática anteriormente descritas. É o caso da gravura que ilustra as aventuras de Mr. Whymper, na sua expedição de escalada aos Alpes (Fig.2.37) – feita segundo

---

38 Entre 1884 e 1885 Capelo e Ivens realizam uma nova expedição a África entre as costas de Angola e Moçambique, editando o seu relato no livro *De Angola à Contracosta*, publicado pela Imprensa Nacional em 1886, Lisboa, em 2 volumes.

39 Para uma análise detalhada do registo gráfico de Roberto Ivens ver: Taquelim, Mara (2008), *Desenhando em Viagem. Os cadernos de África de Roberto Ivens*, Dissertação de Mestrado em Desenho, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

40 Russo, Vincenzo (2012), «Um Império de Papel...», p.187, *apud* Phillips, Richard *Mapping men and empire. A geography of adventure*. London; New York: Routledge, 1997, p.7.

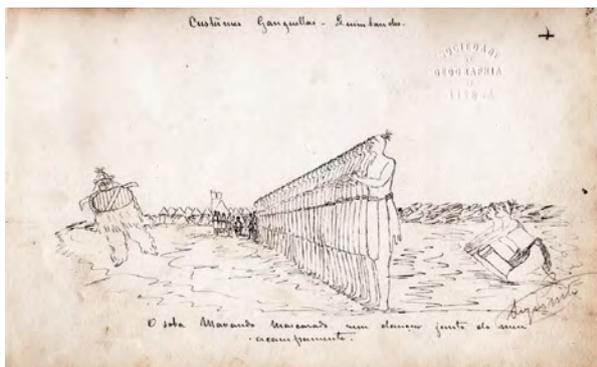


Fig.2.19

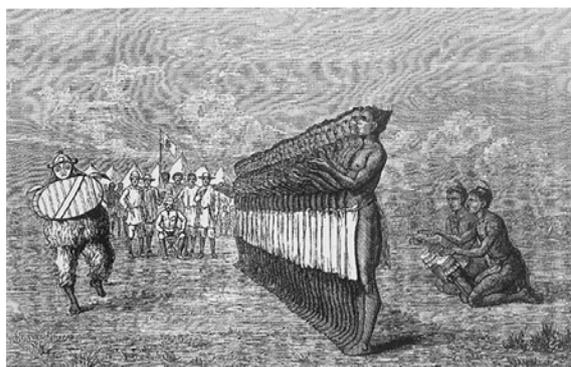


Fig.2.20

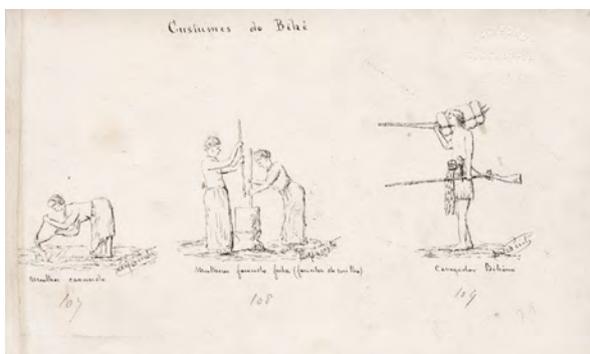


Fig.2.21

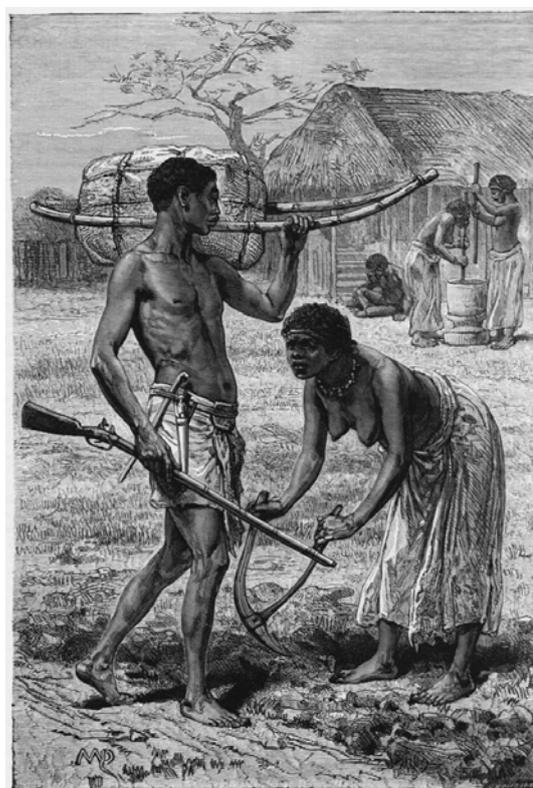


Fig.2.23



Fig.2.22

- Fig.2.19 - "Costumes Cangellas - Quihubandes" (SLG, *Álbum de Desenhos* de Serpa Pinto, 1877-1878).  
 Fig.2.20 - Gravura executada por Cooper a partir do esboço anterior, para a edição inglesa. (Dias, Alfredo Gomes, 2001, p.17)  
 Fig.2.21 - "Costumes do Bihé" (SLG, *Álbum de Desenhos* de Serpa Pinto, 1877-1878).  
 Fig.2.22 - "Belmonte (Casa do Silva Porto) no Bihé. Morada do Major Serpa Pinto durante a sua estadia no Bihé em 1878". (SLG, *Álbum de Desenhos* de Serpa Pinto, 1877-1878).  
 Fig.2.23 - "HOMENS E MULHERES DO BIHÉ - Composição de D. Maillart, segundo as gravuras da edição inglesa". (AVM, 1882, Vol.2, p.201).





Fig.2.24

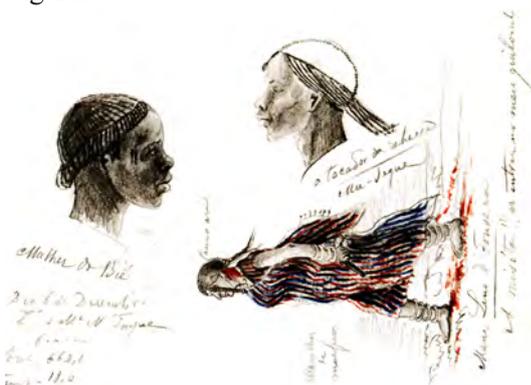


Fig.2.25



Fig.2.26

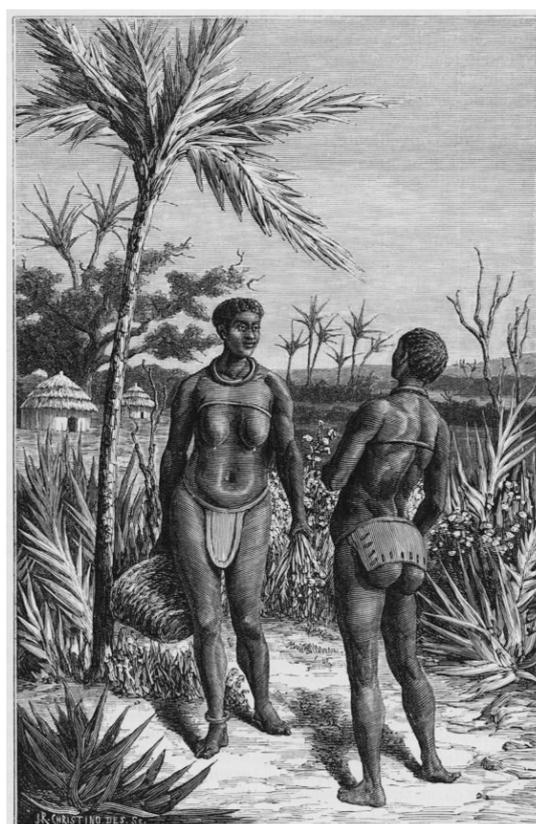


Fig.2.27

Fig.2.24 - Desenhos do caderno de viagem de Roberto Ivens - *De Angola à contra-costa, 1884-1885*. (Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, Itinerários de viagem, Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989, fac-símile).

Fig.2.25 - Desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens - *De Angola à contra-costa, 1884-1885*. (Idem)

Fig.2.26 - Desenhos dos cadernos de viagem de Roberto Ivens - *De Angola à contra-costa, 1884-1885*. (Idem)

Fig.2.27 - "MULHERES DO HUNGO - Gravura de Christino, segundo um esboço de Ivens". (AVM, 1880, Vol.1, p.317).





Fig.2.28



Fig.2.29



Fig.2.30

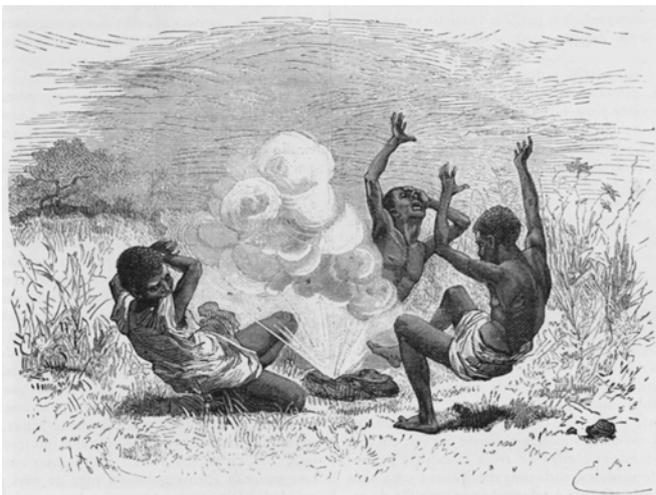


Fig.2.31

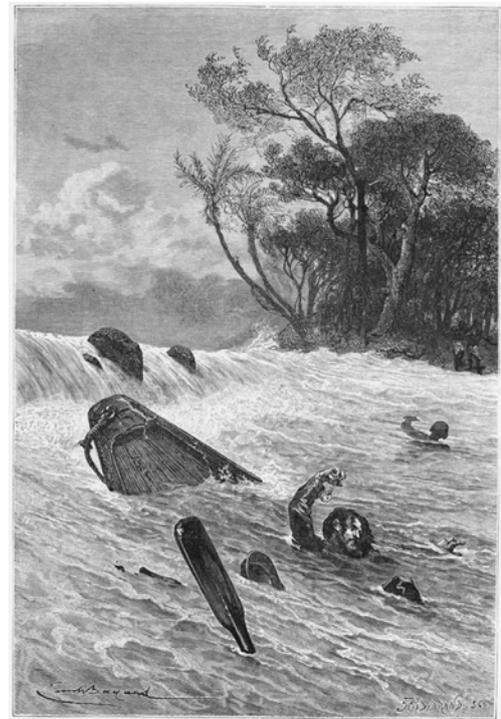


Fig.2.32

Fig.2.28 - “TENTATIVA D’ASSASSINATO - Desenho de E. Bayard, segundo o texto”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.341).

Fig.2.29 - “DESESPERO - Desenho de E. Bayard, segundo o texto”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.376).

Fig.2.30 - “NOS DESFILADEIROS - Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto”. (*AVM*, 1882, Vol.3, p.357).

Fig.2.31 - “EFEITOS D’UMA BALA EXPLOSIVA ROUBADA - Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.77).

Fig.2.32 - “A NADO - Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.169).



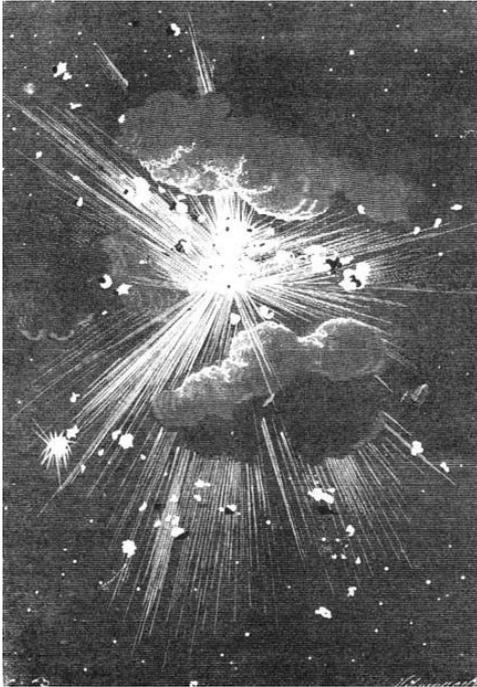


Fig.2.33

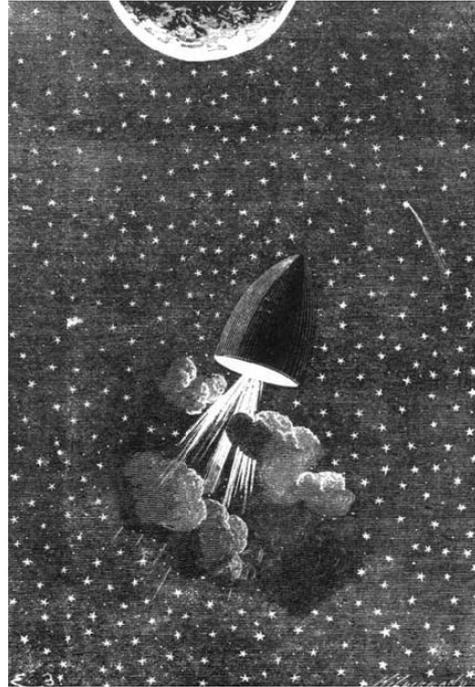


Fig.2.34



Fig.2.35



Fig.2.36

Figs.2.33 e 2.34 - Ilustrações do romance de ficção científica de Jules Verne, *Á volta da Lua* (1870). Desenhos de Émile-Atnoine Bayard e Alphonse de Neuville e gravuras de Henri Théophile Hildibrand. (Verne, Jules, 1870, *Au Tour de la Lune*, p.124 e p.154, respectivamente).

Figs.35 e 36 -Ilustrações do romance de ficção científica de Jules Verne, *Vinte Mil Léguas Submarines* (1870). Desenhos de George Roux e gravuras de Henri Théophile Hildibrand. (Verne, Jules, 1870, *Vingt milles lieues sous les mers*, p. 146 e p. 418, respectivamente).



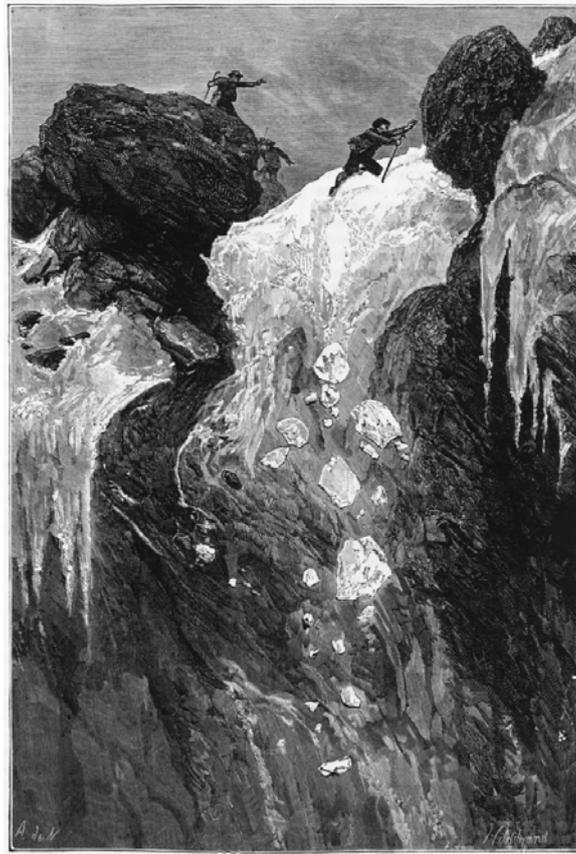


Fig.2.37

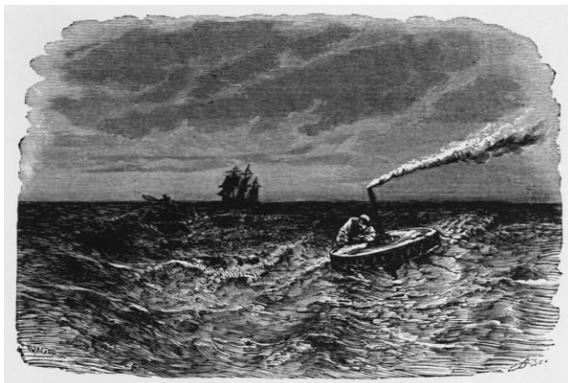


Fig.2.38



Fig.2.39

Figs.2.37 - “UM PERIGO NA ‘POINTE DE ECRINS’ - Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia de M. Whymper”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.75)

Fig.2.38 - “SALVAÇÃO LUMINOSA PELO PHOSPHORETO DE CÁLCIO - Desenho de Th. Webber segundo um esboço dos autores”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.283)

Fig.2.39 - “CICLONE APANHADO PELO AMAZONE - Desenho de Th. Webber segundo um esboço dos autores”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.285)





Fig.2.40

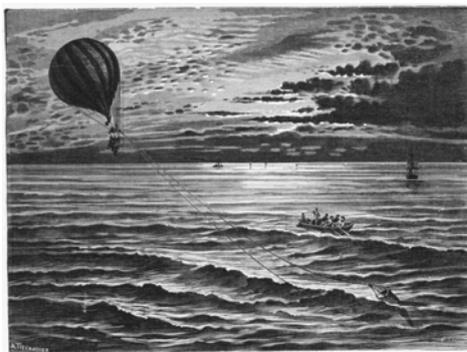


Fig.2.41

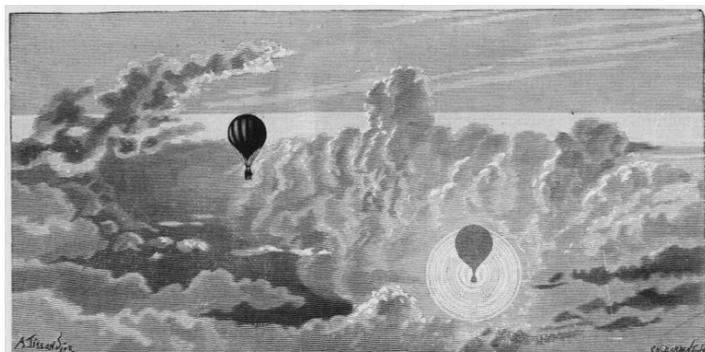


Fig.2.42

Fig.2.40 - “MORTE DO AERONAUTA LA MOUNTAIN, SEPARADO DO SEU BALÃO A 4 DE JULHO DE 1873, EM IONA (ESTADOS-UNIDOS) - Desenho de Albert Tissandier”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.305).

Fig.2.41 - “O AEROSTATA DE M. SILVEL PRESO Á SUPERFICIE DO MAR POR MEIO DE “CONE-ANCOR (19 d’agosto de 1874) - Desenho de Albert Tissandier, segundo umas notas dadas por M. Silvel”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.312).

Fig.2.42 - “EFFEITOS DA SOMBRA D’UM BALÃO COM AUREOLA LUMINOSA OBSERVADA POR CIMA DAS NUVENS - Desenho d’Albert Tissandier tirado ao natural”. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.303).



a legenda a partir de uma fotografia do próprio explorador; ou das gravuras que ilustram os artigos «TEMPESTADES E NAUFRAGIOS» (Figs.2.38 e 2.39) e «NAUFRAGIOS AERIOS» (Figs.2.40-2.42), e que descrevem experiências históricas e contemporâneas notáveis. Estas são maioritariamente baseadas em esboços e relatos dos autores, carregando semelhante intensidade dramática e fantasiosa na sua representação. O seu conteúdo vai de encontro ao domínio da literatura de viagens, em particular de aventuras, associada a «textos de entretenimento, textos onde a imaginação, por vezes transbordante, se materializa em modos de ver e modos de dizer já assimilados pelo grande público».<sup>41</sup>

Como evidência da contaminação entre as representações gráficas das expedições «reais» e aquelas do mundo da ficção, regista-se ainda o facto de alguns autores das gravuras serem precisamente os mesmos, como é o caso dos desenhadores Émile Bayard e Alphonse de Neuville ou o gravador Henri Hildibrand. Os mesmos são responsáveis pela autoria de gravuras que ilustram as fantásticas viagens imaginadas por Jules Verne, em 1870, à volta da lua ou sob o oceano, e, simultaneamente, de gravuras que ilustram as viagens de Serpa Pinto em África, cenas de escaladas nos Alpes ou naufrágios marítimos históricos, entre outros.

### 2.3.3 Retratos

Associado ao encontro com novos povos surge a temática dos retratos, cujas representações são comuns e transversais a distintas viagens. Conforme anteriormente citado, Manuela Cantinho exemplifica as distintas características entre o tipo de gravuras executadas através de esboços e o tipo de gravuras com base em fotografias, evidenciando ainda, na sua análise, o papel importante da fotografia durante o trabalho de campo das expedições<sup>42</sup>. Com efeito, a maioria das diversas gravuras que são identificadas na presente publicação como sendo feitas a partir de fotografia revelam, aparentemente, uma maior aproximação ao registo da realidade material ilustrada. É o caso das fotografias de retrato, quase sempre pertencentes a este «tipo».

Os retratos-tipo das populações locais presentes nas diferentes viagens publicadas, como por exemplo em «CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA» (Fig.2.45), «VIAGEM À NOVA-GUINÉ» (Fig.2.46), ou «COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA» (Fig.2.47), e registadas por diferentes protagonistas, revelam uma abordagem semelhante entre si, de acordo com o entendimento da época

---

41 Aurélio, Diogo Pires (2003), «Apresentação», in *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, coord. por Manuela Rêgo e Miguel Castelo-Branco, Lisboa: Biblioteca Nacional, p.12.

42 Cantinho (2001), «Livros de Viagem ...», p.16.

sobre a representação dos tipos indígenas. É possível comparar estas ilustrações com fotografias-retrato contemporâneas, nomeadamente do já referido fotógrafo Augusto da Cunha Moraes (Figs.2.43 e 2.44). A sua obra insere-se no contexto do interesse etnográfico e antropológico emergente, como o demonstram a realização de missões fotográficas em contexto científico de que é exemplo a obra *A Africa Ocidental – Album Photographico e descriptivo*, 1882-1888, publicada em 4 volumes e com o apoio da Sociedade de Geografia de Lisboa.

«A par com panoramas da baía de Luanda, ou cenas com nativos e caçadas de hipopótamos, Cunha Moraes também realiza retratos de nativos em formato ‘policial’, integrando as suas imagens num discurso fisiognomónico e antropométrico que pretende enraizar na aparência física uma caracterização cultural ou *moral*. Se as imagens de planos gerais ou de conjunto tributam o interesse pelo controlo do território e pela sua efectiva colonização, os retratos de nativos de tribos obedecem a uma necessidade de identificação como de familiarização.»<sup>43</sup>

A referência por Leonor Martins ao texto introdutório de Luciano Cordeiro no álbum de fotografias de Cunha de Moraes, salienta a manifestação da crença que este depositava na fotografia como «a aparente inevitabilidade de uma reprodução objetiva e fiel da realidade observada; a fotografia como cópia científica do aspeto fotografado, conforme se depreende da relação estabelecida entre a máquina fotográfica e diversos outros instrumentos e aparelhos que, naquele tempo, eram usados nas expedições europeias ao continente africano.»<sup>44</sup>

As fotografias de grupo são também recorrentes: de estúdio, como o retrato do casal Coillard (Fig.2.48) ou no exterior, como a banda de música numa fazenda em Angola (Fig.2.49). As gravuras que se apresentam aqui como «correspondentes» às referidas fotografias são, no primeiro caso, uma ilustração do mesmo casal Coillard, um encontro na viagem de Serpa Pinto, executada não a partir da exata fotografia encontrada mas possivelmente a partir de outra fotografia de estúdio semelhante. É visível o detalhe das personagens, aparentemente fiel à realidade, e o desinteresse na envolvente – neste caso representado de forma abstrata, uma espécie de espaço exterior natural (Fig.2.50). No segundo caso, uma gravura que ilustra não exatamente o mesmo grupo da fotografia que se escolheu contrapor, mas um tema semelhante – trata-se de educandos da missão de Gabão com os seus instrumentos de música (Fig.2.51). O mesmo enfoque é conferido, na gravura, à representação do grupo sem detalhe de envolvente. Em todos os casos estas são representações «encenadas», que vão de encontro à representação que se pretende transmitir.

---

43 Medeiros, Margarida (2015), «A Fotografia e a Indisciplina dos seus Objectos», in *Tesouros da Fotografia Portuguesa ...*, p.47.

44 Martins (2014), *Um Império de Papel...*, p.110.



Fig.2.43



Fig.2.44



Fig.2.45

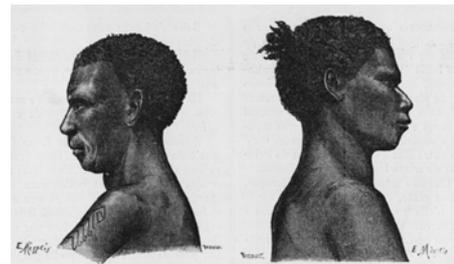


Fig.2.46

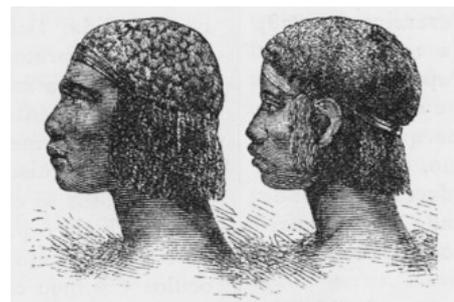


Fig.2.47

Fig.2.43 - *Cabindas, Angola*, J. Augusto da Cunha Morais, c.1870. (*África Occidental - album photographico e descriptivo*).

Fig.2.44 - *Mundombe Solteiro, Typo de Celles (Mulher)*, J. Augusto da Cunha Morais, s/ data. (*África Occidental - album photographico e descriptivo*).

Fig.2.45 - “CHEFE DE POLICIA NA ASSINIA / CASTOR, INTERPRETE (BUCHMAN) - Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.177).

Fig.2.46 - “PAPOS OUOSAONIS”, Desenho de E. Mésples. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.49).

Fig.2.47 - “HOMEM E MULHER DO HUAMBO - Segundo um esboço do major Serpa Pinto”. (*AVM*, 1882, Vol.2, p.121).





Fig.2.48



Fig.2.49



Fig.2.50



Fig.2.51

Fig.2.48 - *Portrait de Monsieur et Madame Coillard*, Frédéric Boissonnas, entre 1850-1900?. (Defap, Album Coillard – missionnaire ou Lessouto – missionnaire au Zambéze 1850/1900).

Fig.2.49 - *Musica na Fazenda Prototipo Angola*, J. Augusto da Cunha Morais, c.1870. (*África Occidental - Album Photographic*).

Fig.2.50 - “MR. E MADAME COLLIARD - Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma photographia”. (AVM, 1883, Vol.3, p.85).

Fig.2.51- “EDUCANDOS DA MISSÃO DO GABÃO - Desenho E. Ronjat, segundo uma photographia”. (AVM, 1883, Vol.2, p.308).



Relatos de realidades tão distintas como a região da Rússia ou da China apresentam ilustrações de retratos da população local que se podem enquadrar nesta análise. É o caso das personagens russas apresentadas como ilustrações de «A RUSSIA LIVRE», nomeadamente os padres russos, cuja representação (Figs.2.54-2.56) – isolada de qualquer contexto específico – se revela de acordo com as figuras contemporâneas (Figs.2.52 e 2.53), numa abordagem semelhante ao tema do retrato-tipo em África. No caso das ilustrações de «PEKIN E O NORTE DA CHINA» é possível estabelecer a comparação com as fotografias originais que serviram de base às respetivas gravuras. As fotografias são dos autores anteriormente mencionados, Georges Morache (Figs.2.57 e 2.58), e John Thomson (Figs.2.59, 2.63-2.65)<sup>45</sup>. Algumas gravuras correspondentes revelam-se «espelhadas» das fotografias originais, com o mesmo detalhe que se pretende fiel às personagens, suas vestimentas e adereços, e alteração do contexto envolvente (Figs.2.60-2.62). No caso do retrato dos músicos é mesmo «inventado» um cenário completamente diferente (Fig.2.57 e 2.60), à semelhança das «Damas tártara e chinesa», cujo fundo abstrato da fotografia é transformado num espaço interior detalhado com elementos, supostamente, tradicionais (Figs.2.65 e 2.67). É ainda possível observar, na gravura dos «Archeiros Chineses» cujo desenho de A. Marie é legendado «segundo fotografias de M. Thomson», uma referência plural que, mais uma vez, demonstra a liberdade de composição a partir dos elementos individuais registados (Figs.2.63, 2.64 e 2.66). É ainda necessário referir que, à novidade da técnica fotográfica e sua complexidade operativa, alia-se o espanto e incredibilidade do próprio público fotografado, cuja reação intervém em todo um processo de captação da realidade, no qual os longos tempos de exposição necessários à fotografia contribuem também para o carácter de encenação da mesma.<sup>46</sup> A “prática da encenação” presente na fotografia nesta altura é referida por Teresa Castro que realça a transformação das imagens em narrativas construídas, “capazes de nos exporem as complexas relações de poder inerentes à representação e de nos relatarem a forma como o olhar constrói a diferença, seja ela racial, étnica ou sexual”.<sup>47</sup>

---

45 Apesar de revelarem um carácter estético individual, as fotografias do viajante escocês John Thomson, à semelhança das fotografias do médico e fotógrafo amador francês George Morache, integram uma observação geográfica e uma pesquisa etnográfica, retratando paisagens, edifícios, hábitos e costumes e ainda pessoas da rua, castigos, etc. In: Marien, Mary Warner (2002), *Photography A Cultural History*, London: Laurence King Publishing, p.111-112.

46 Um fragmento do artigo «PEQUIM E O NORTE DA CHINA» relata uma conversa entre chineses que, desconfiados da «grande caixa de madeira» para a qual é suposto olharem de postura imóvel, atribuem-lhe um carácter misterioso ou mesmo diabólico. (*AVM*, 1883, Vol.3, p. 34).

47 Castro (2014), “O esplendor dos atlas...”, in *O Império da Visão...*, p.300.

Inserida na temática do retrato, importa ainda referir a perspetiva da representação da «mulher» ao longo da publicação. A mulher como autora ou viajante é inexistente – salvo a exceção de Margarida Relvas, filha de Carlos Relvas cuja referência às fotografias originais da sua autoria, base de algumas gravuras publicadas, é mencionada. A figura da mulher aparece, então, nas representações dos diferentes tipos locais, como é o caso dos tipos portugueses (Fig.2.68), russo (Fig.2.69) ou tártaro (Fig.2.70); enquanto a mulher africana, pertence ao imaginário exótico fabricado pelo ocidente (Figs.2.71-2.73), seguindo cânones de representação de carácter mais sensual.

Paralelamente ao retrato-tipo de carácter mais objetivo é possível ainda identificar um grupo de gravuras que ilustram objectos-tipo das diferentes culturas, seja a partir de desenhos à vista (Figs.2.74 e 2.76), de fotografias (Fig.2.77), ou mesmo com recurso a desenho técnico de carácter científico (Fig.2.78), e que são igualmente transversais a vários temas e geografias: desde os objetos exóticos africanos, aos utensílios decorativos russos e chineses e tecnologias europeias.

#### **2.3.4 Paisagem**

A paisagem é, sem dúvida, dos temas mais importantes que caracterizam a variada iconografia da presente publicação em análise, sendo ela natural, construída ou, como já verificado, fantasiada. A paisagem africana destaca-se nas ilustrações dos diversos artigos de expedições, nacionais ou estrangeiras, aos territórios do continente africano. As representações da paisagem natural são invariavelmente luxuriantes, selvagens, revelando um território misterioso, ainda por explorar (Figs.2.81-2.84). Existem também representações maioritariamente de construções locais nos respetivos cenários naturais, ainda longe da futura apropriação e construção de infraestruturas pelos ocidentais, que apresentam os aspetos originais e tradicionais do território, revelando uma cultura primitiva (Figs.2.86-2.89). Voltam-se a evocar as fotografias de Augusto da Cunha Moraes, cuja importante atividade fotográfica, coincidente com a «Corrida a África», integrou um momento propício de aceitação e divulgação (Figs.2.79, 2.80 e 2.85).<sup>48</sup> As representações do território africano transmitiam assim a ideia de uma África romântica, agradável e pitoresca, com paisagens

---

48 «[...] para além dos álbuns publicados durante a década de 1880, algumas das suas fotografias circularam em diversas exposições internacionais de participação portuguesa [...]. Ilustraram também páginas de periódicos (*A Arte Photographica* e *O Occidente*) e serviram ainda de modelo à execução de gravuras e desenhos para alguns dos livros dos exploradores portugueses seus contemporâneos.» In Martins (2014), *Imaginar o Império*, p.109.



Fig.2.52



Fig.2.53



Fig.2.54



Fig.2.55



Fig.2.56

Fig.2.52 - Cristãos russos ortodoxos, Maxim Dmitriev, C. fim século XIX. (Espólido do fotógrafo russo Maxim Dimitriev).

Fig.2.53 - Grupo de padres russos, Maxim Dmitriev, C. fim século XIX. (Espólido do fotógrafo russo Maxim Dimitriev).

Fig.2.54 - “PHILARÉTE, O MENOR E OS SEUS TRÊS FILHOS - Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1880, Vol.1. p.90).

Fig.2.55 - “FREI JOÃO, CAPITÃO DE LA “VERRA” - Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1880, Vol.1. p.43).

Fig.2.56 - “PADRE RUSSO” - Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1882, Vol.2. p.61).





Fig.2.57



Fig.2.60



Fig.2.58



Fig.2.61



Fig.2.59



Fig.2.62

Fig.2.57 - Grupo de músicos, Georges Morache, (1865-66). (Espólio de Georges Morache).

Fig.2.58 - Figura local, Georges Morache, (1865-66). (Espólio de Georges Morache).

Fig.2.59 - Li-Hung-Chang, *Governor-General of Pei-Chih-Li*, John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate II - 3).

Fig.2.60 - "GRUPO DE MUSICOS - Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache". *AVM*, 1883, Vol.3. p.317).

Fig.2.61 - "ALDEÃO DAS MARGENS DO PEI-HO - Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache". (*AVM*, 1883, Vol.3. p.177).

Fig.2.62 - "O VISO-REI LI - Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia de M. Thomson". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.192).





Fig.2.63



Fig.2.64



Fig.2.65



Fig.2.66



Fig.2.67

Fig.2.63 - *Manchu Soldier*, John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate XVII - 43).

Fig.2.64 - *Manchu Archer*, John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate XVII - 44).

Fig.2.65 - *Manchu Ladies*, John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate XIII - 34)

Fig.2.66 - "ARCHEIROS CHINESES - Desenho de A. Marie, segundo photographias de M. Thomson". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.161).

Fig.2.67 - "DAMAS CHINEZA E TARTARA - Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.273).





Fig.2.68



Fig.2.69



Fig.2.70

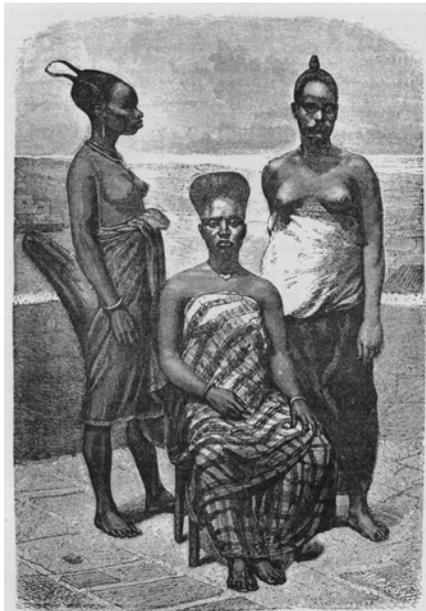


Fig.2.71



Fig.2.72

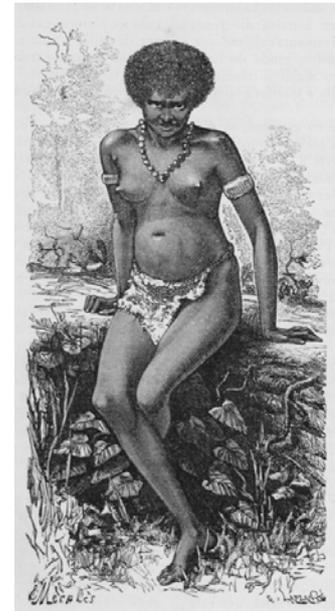


Fig.2.73

Fig.2.68 - "AS PEIXEIRAS". Sem autor. (*AVM*, 1883, Vol.3. p.21).

Fig.2.69 - "MULHER RUSSA - Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia". (*AVM*, 1880, Vol.1. p.202).

Fig.2.70 - "MULHER TARTARA - Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache". (*AVM*, 1883, Vol.3. p.285).

Fig.2.71 - "MULHERES D'ELMINA - Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard e segundo uma photographia". (*AVM*, 1882, Vol.2, p.192).

Fig.2.72 - "MULHER FETICHE - Desenho de A. Marie, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente da marinha". (*AVM*, 1882, Vol.2, p.17).

Fig.2.73 - "RAPARIHA ARFAK". (*AVM*, 1882, Vol.2, p.368).



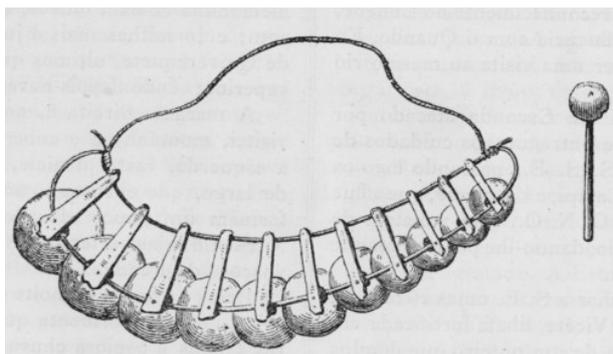


Fig.2.74

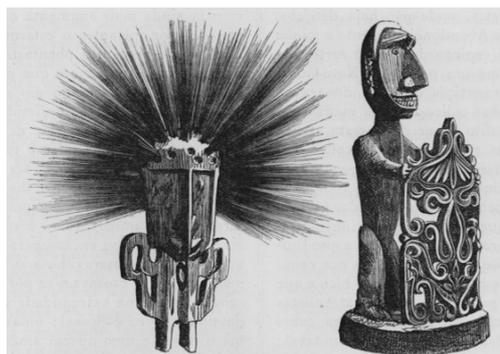


Fig.2.75



Fig.2.76



Fig.2.77

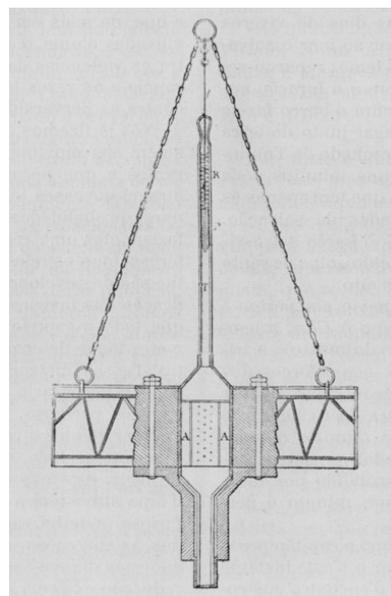


Fig.2.78

Fig.2.74 - "MARIMBAS - Segundo um desenho do major Serpa Pinto". (*AVM*, 1882, Vol.2. p.120).

Fig.2.75 - "DIVINDADES PAPUS". Sem indicação. (*AVM*, 1882, Vol.2. p.349).

Fig.2.76 - "UTENSILIOS FEITOS EM SOLOVETSK - Desenho de B. Bonnafoux, segundo um esboço de M. H. Dixon". (*AVM*, 1880, Vol.1. p.70).

Fig.2.77 - "VASOS DE PORCELLANA DA DYNASTIA DOS MINGS - Desenhos de B. Bonnafoux, segundo photographias de M. Thomson". (*AVM*, 1883, Vol.3. p.333).

Fig.2.78 - "BOIA DE SALVAÇÃO ILUMINADA PELO PHOSPHORETO DE CALCIO (corte) - Segundo um desenho feito na escola pyrothechnica de Toulon". (*AVM*, 1880, Vol.1. p.296).





Fig.2.79



Fig.2.80



Fig.2.81



Fig.2.82



Fig.2.83



Fig.2.84

Fig.2.79 - *Rio Dande, Uma Paisagem do Rio Dande*, José Augusto Cunha Morais, ca. 1870-1900? (CPF, Coleção Nacional de Fotografia 1848-2006).

Fig.2.80 - *No Matto, S. Tomé*, José Augusto Cunha Morais, ca. 1870. (*África Occidental - album photographico e descritivo*).

Fig.2.81 - "O LAGO LIGUORI". Sem indicação. (*AMV*, 1882, Vol.2, p.261).

Fig.2.82 - "DUAS MORTES COM UM SÓ TIRO - Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto". (*AMV*, 1882, Vol.2, p.56).

Fig.2.83 - "FLORESTA DE SAOBABA", E. Mésplés. (*AMV*, 1883, Vol.3, p.32).

Fig.2.84 - "ÁRVORE FETICHE - Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia". (*AMV*, 1882, Vol.2, p.27).





Fig.2.85



Fig.2.86

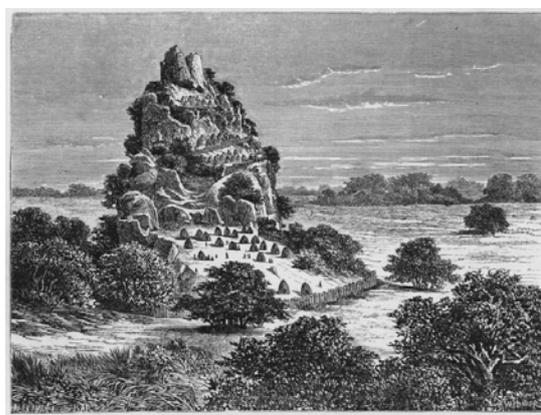


Fig.2.87

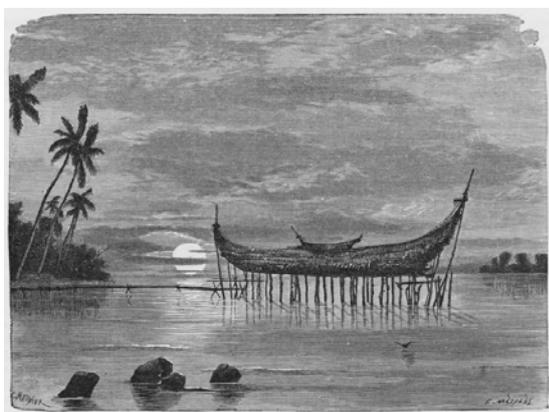


Fig.2.88



Fig.2.89

Fig.2.85 - v, José Augusto Cunha Morais, ca. 1870-1900? (CPF, Coleção Nacional de Fotografia (1848-2006).

Fig.2.86 - “CABANAS DE CAÇADORES - Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia”. (*AMV*, 1882, Vol.2, p.15).

Fig.2.87 - “QUINGOLO - Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto”. (*AMV*, 1882, Vol.2, p.101).

Fig.2.88 - “UM TEMPLO DE DOREY - E. Mésplés”. (*AMV*, 1882, Vol.2, p.333).

Fig.2.89 - “ALDEIA D’ANDAI”. É. Mésplés. (*AMV*, 1883, Vol.3, p.17).



fascinantes e potencialidade económicas por explorar, cujo exotismo era contemplado à luz da perspectiva da Metrópole:

«De todo o modo, nas décadas de 1870 e 1880, a grande maioria das gravuras que circulavam sobre a «África portuguesa» nas páginas da imprensa periódica ilustrada estão ainda muito focadas na representação de uma paisagem e natureza praticamente intactas.»<sup>49</sup>

O interesse pela paisagem, natural e construída, de outros territórios geográficos é igualmente evidente. Parte das ilustrações de a «A RUSSIA LIVRE» apresentam construções tradicionais do território percorrido, vistas de cidades e monumentos principais. A gravura de uma casa do norte da Rússia, apesar de feita, conforme legenda, a partir de um desenho copiado ao natural, revela algum cuidado e rigor do desenho, considerando uma fotografia contemporânea de tipologia semelhante (Figs.2.90 e 2.93), à semelhança de uma vista interior do Palácio do Terem, também executada a partir de desenho à vista (Figs.2.91 e 2.94); enquanto uma vista de Moscovo feita a partir de fotografia é aparentemente fiel ao contexto real (Fig.2.92 e 2.95), de maneira semelhante às gravuras anteriores. A relação entre a gravura de uma rua chinesa do relato «PEKIN E O NORTE DA CHINA» e a exata fotografia de Georges Morache que lhe serviu de base, torna clara esta relação de correspondência (Figs.2.96 e 2.99) – neste caso a gravura nem se apresenta «espelhada» do original como os retratos do mesmo autor anteriormente mencionados. Uma relação de correspondência semelhante existe entre a gravura e a fotografia original do monumento indiano em Pequim (Figs.2.97 e 2.100), enquanto a gravura que ilustra uma vista do Altar do Templo do Céu, feita igualmente segundo uma fotografia de M. Thomson, apresenta exatamente a mesma fidelidade ao edifício fotografado, revelando curiosamente, a adição de figuras humanas e três camelos em primeiro plano (Figs.2.98 e 2.101), corroborando a já identificada criatividade no exercício de montagem e composição das gravuras.

A uma parte distinta do mundo, pertencem os artigos sobre a região de Nova Iorque, ilustrados com as suas progressivas paisagens construídas e impressionantes vistas naturais. Com efeito, os Estados Unidos eram encarados entusiasticamente, na perspectiva da publicação *À VOLTA DO MUNDO*, como uma nação onde os desenvolvimentos da indústria, quer de exploração de minas, da construção de caminhos-de-ferro, ou mesmo da fluorescente indústria de exploração de gelo, constituíam um modelo a seguir. Encontramos no jornal ilustrações da construção da Ponte de Brooklyn (Figs.2.105 e 2.106) e das linhas de ferro na cidade (Fig.2.107), representadas em estreita relação com as fotografias da época (Figs.2.102-2.104).

---

49 Martins (2014), *Um Império de Papel...*, p.97.

«Nesta época, as maiores cidades como Nova Iorque ou Paris haviam-se já constituído como paisagens que era legítimo fotografar, não só pela sua vida, mas também pelo modernismo dos edifícios. Steiglitz e mais tarde Strand fotografam em Nova Iorque as pontes, os arranha-céus, as massas anónimas.»<sup>50</sup>

Simultaneamente as paisagens do que era considerado um dos maiores espetáculos naturais da altura – as Cataratas de Niágara, já então uma reconhecida atração turística – são apresentadas no inverno, na época do gelo, numa perspectiva mais aventureira que ia de encontro à índole do jornal (Figs.2.108-2.111). Em comparação com os cenários e monumentos europeus, a paisagem natural dos Estados Unidos constituía uma divulgação mais recente, fruto da instituição de expedições geológicas e topográficas, da construção do primeiro caminho-de-ferro transcontinental, do crescimento do turismo, da adoção da fotografia.<sup>51</sup>

### 2.3.5 A visão nacional

Paralelamente às mais, ou menos, progressivas gravuras dos diversos cantos do mundo que são contempladas no jornal *À VOLTA DO MUNDO*, também as notícias e artigos nacionais são ilustrados de maneira semelhante. Em estreita relação com o pensamento nacionalista prevalente na índole do jornal, a «novidade» é contraposta pontualmente ao conhecido e familiar. Os conceitos de identidade e alteridade nacionais são abordados por Susana Cabete no âmbito da temática da literatura de viagens, através de uma análise onde a autora identifica como a relação entre o «eu» e o «outro» determinam as representações consequentes, que podem ser, nomeadamente, de superioridade, inferioridade ou igualdade.<sup>52</sup> Sobre a questão de identidade e a representação do outro, no âmbito da disciplina da fotografia, Roland Barthes afirma que a «Fotografia é o aparecimento do eu próprio como o outro, uma dissociação artificial da consciência da identidade», referindo a perturbação da civilização que o novo ato de fotografar introduz e defendendo o valioso interesse da existência de uma «História dos Olhares».<sup>53</sup>

No campo da fotografia em Portugal, Carlos Relvas é um dos autores com maior destaque no jornal *À VOLTA DO MUNDO*. Grande parte das gravuras originais portuguesas são baseadas em fotografias da sua autoria entre outras de Margarida Relvas ou Emílio Biel.

---

50 Pinheiro, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade*, Lisboa: Centro de Estudos de História Moderna e Contemporânea, p.119.

51 Smith, Graham (2013), *Photography and Travel*, London: Reaktion Books, p. 94.

52 Cabete, Susana Margarida Carvalheiro (2010), A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional. Dissertação Doutoramento em Literatura Comparada, FCSH-UNL / Univ. Paris III – Sorbonne Nouvelle. [Consultada em HAL archives-ouvertes.fr].

53 Barthes, Roland (1989), *A Câmara Clara*, Lisboa: Edições 70, p.28.



Fig.2.90



Fig.2.93



Fig.2.91

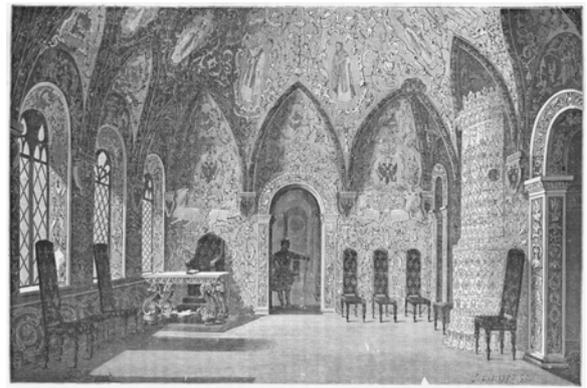


Fig.2.94



Fig.2.92

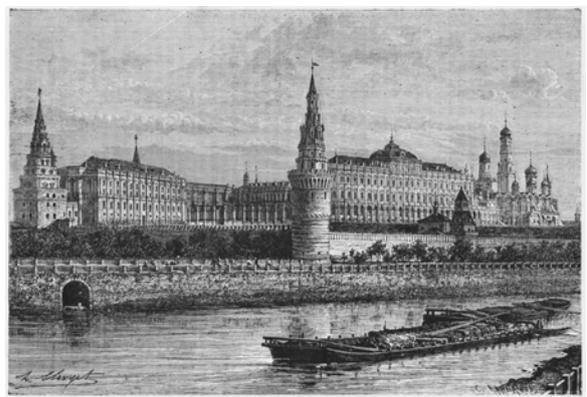


Fig.2.95

Fig.2.90 - *Medino village, 1871-1878, William Carrick. (Espólio de William Carrick).*

Fig.2.91 - *Interior view of the Throne Chamber of Terem Palace in the Kremlin, Moscow. S/ autor, c.1880. (Coleção Centro Canadano de Arquitectura).*

Fig.2.92 - *View of the Kremlin showing the Big Kremlin Palace in the center, Moscow. S/ autor, c.1880. (Coleção Centro Canadano de Arquitectura).*

Fig.2.93 - *“CASA (ISBA) DO NORTE DA RUSSIA - Desenho copiado do natural por E. Moynet”. (AVM, 1880, Vol.1, p.26).*

Fig. 2.94 - *“UMA SALA DO TEREM - Desenho de J. Moynet, tirado ao natural”. (AVM, 1882, Vol.2, p.13).*

Fig.2.95 - *“MOSCOW: VISTA GERAL DO KREMLIN - Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia”. (AVM,1882, Vol.2, p.11).*





Fig.2.96

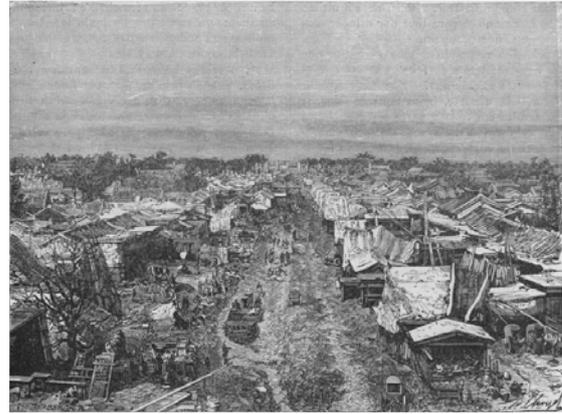


Fig.2.99



Fig.2.97



Fig.2.100

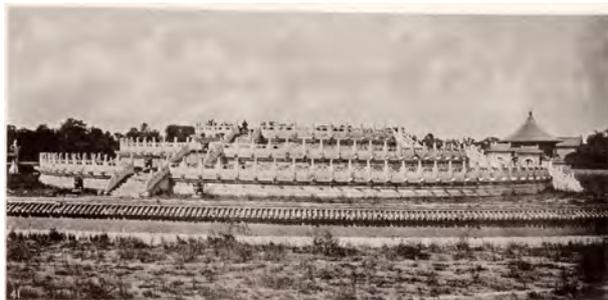


Fig.2.98



Fig.2.101

Fig.2.96 - *Rue de Pékin (Hatamen)*, Georges Morache, (1865-66). (Espólio de Georges Morache).

Fig.2.97 - *The marble Cenotaph, Peking*. John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate XV - 40).

Fig.2.98 - *The Open Altar of Heaven, Peking*. John Thomson, 1874. (*Illustrations of China and its People*, Vol. IV, Plate XVI - 41).

Fig.2.99 - “PEKIN - GRANDE RUA HATA-MENE-TA-KIÉ - Desenho de H. Clerget, segundo photographias do doutor Morache”. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.237).

Fig.2.100 - “STHOUPA INDIANO OU MONUMENTO ERGUIDO Á MEMORIA DO PRIMEIR GRÃO-LAMA VINDO A PEKIN - Desenho de M. Catenacci, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.368).

Fig.2.101 - “ALTAR DO TEMPLO DO CEU - Desenhos de H. Catenacci, segundo uma photographia de M. Thomson” (*AVM*, 1883, Vol.3, p.364).





Fig.2.102



Fig.2.105



Fig.2.103



Fig.2.106



Fig.2.104

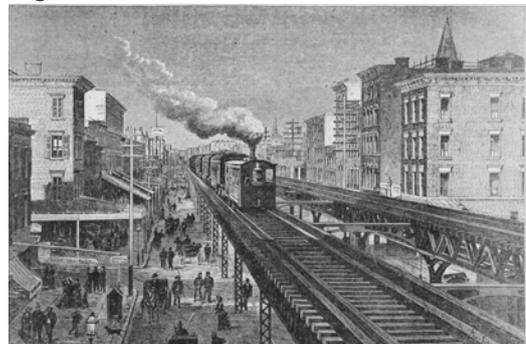


Fig.2.107

Fig.2.102 - Vista da Ponte de Brooklyn em construção, ca. 1880. Sem autor. (New York Public Library's Milstein Collection).

Fig.2.103 - Vista da passagem provisória da Ponte de Brooklyn, ca. 1878-1879. Sem autor. (NYPL's Milstein Collection).

Fig.2.104 - Vista da Terceira Avenida, John Reid, ca. 1880. Sem autor.(NYPL's Milstein Collection).

Fig.2.105 - "PILAR DA PONTE BROOKLYN - Desenho de Taylor, segundo uma photographia". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.113).

Fig.2.106 - "PASSAGEM PROVISORIA NA PONTE BROOKLYN - Desenho de Taylor, segundo uma photographia". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.124).

Fig.2.107 - "DUPLA VIA NO CAMINHO DE FERRO DA SETIMA AVENIDA - Desenho de Deroy, segundo uma photographia". (*AVM*, 1883, Vol.3, p.112).





Fig.2.108



Fig.2.109



Fig.2.110

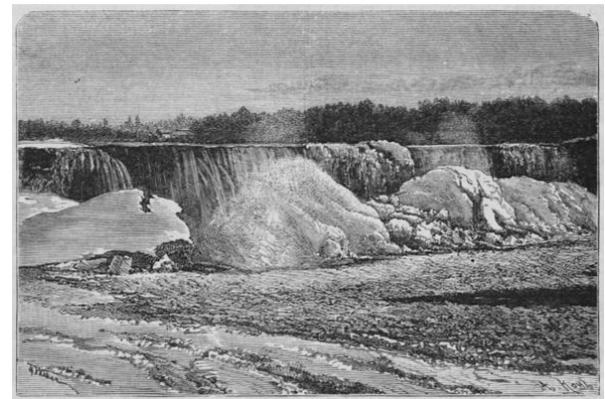


Fig.2.111

Fig.2.108 - *American Falls from below prospect point, Niagara*, Platt D. Babbit, ca. 1850. (George Eastman Museum Photography Collection).

Fig.2.109 - *American Falls in the Winter - Winter View*. George Barker, s/ data. (Centro Canadano de Arquitectura).

Fig.2.110 - “O NIAGARA - A GRUTA DOS VENTOS - Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.141).

Fig.2.111 - “O NIAGARA NO TEMPO DOS GELOS - Queda d’agua americana - Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia”. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.128).



Os temas permitem estabelecer o confronto com os relatos estrangeiros, como são exemplo as paisagens construídas, naturais ou os «tipos» do próprio país (Figs.2.112-2.117). Perante as novidades noticiadas, como por exemplo a Estufa de Laeken considerada «entre os grandes monumentos na Bélgica à horticultura»<sup>54</sup>(Figs.2.118-2.119), encontra-se a «ESTUFA DO EX.MO SR. CONDE DA SILVA MONTEIRO»(Fig.2.120), construção portuguesa em Vila nova de Gaia, que pretende demonstrar o acompanhamento tecnológico e industrial do país. Contudo, uma maior ênfase é conferida aos monumentos históricos que exaltam a identidade portuguesa, em Lisboa (Figs.2.121-2.123) e no resto do país (Fig.2.124), e ainda à beleza natural das paisagens e vilas (Fig.2.125), gravuras invariavelmente feitas a partir de fotografias, numa perspetiva mais pitoresca e tradicional.

No que diz respeito à existência de uma identidade e ideologia nacionalista, Nuno Pinheiro identifica a fotografia como instrumento que acompanhou essa construção e que, a partir de 1870, passou a incluir também nesse processo os territórios africanos. Apesar da maioria das fotografias em Portugal ser produzida em *atelier* neste período, o autor alerta-nos para as imagens feitas por todo o país – de terras, monumentos, tipos populares – que constituíam uma «visão ideológica do país desejado, mais do que do país real», traduzindo a visão dominante sobre a importância de épocas da História nacional.<sup>55</sup> Os locais históricos, hábitos e costumes, eram registados com vista à preservação da sua memória, face à sociedade moderna que ameaçava a sua extinção.

Verifica-se então que o entendimento do outro é feito através de cânones e padrões reconhecidos e às gravuras relativas a Portugal, dos tipos, monumentos e paisagens, contrapõem-se os tipos, monumentos e paisagens estrangeiros: à ideia da estufa moderna de vidro apresenta-se o exemplo industrial português; perante as misteriosas e selvagens vistas africanas, relembram-se as paisagens bucólicas do país; ou ainda, face aos fantásticos progressos americanos promove-se o regresso aos territórios coloniais, cujo potencial de exploração é visto como o regresso a um passado glorioso.

---

54 *Á VOLTA DO MUNDO*, Vol.1, p.123.

55 Pinheiro, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade*, Lisboa: Centro de Estudos de História Moderna e Contemporânea, p.109.

\*

A retórica portuguesa no último quartel do século XIX recorre frequentemente à geografia e cartografia, ao registo gráfico do desenho e, posteriormente, à fotografia, como estratégias que suportam um imaginário cultural do império colonial português. A este imaginário cruza-se o imaginário dos restantes territórios do mundo, também divulgado e codificado através de uma imagética própria. De acordo com a conclusão que Leonor Martins faz na sua análise iconográfica da imprensa periódica oitocentista, independentemente das particularidades de uma maior ou menor encenação dramática, existem aspetos transversais aos múltiplos registos iconográficos que refletem convenções artísticas, interesses e programas ideológicos contemporâneos.<sup>56</sup>

A presente análise iconográfica revela-nos, por um lado a menor presença de mapas face à profusa representação de vistas, paisagens e cenas dramáticas de ação em diversos territórios, que privilegiam uma visão empírica, em detrimento da científica. Por outro lado, o recurso às fotografias como base da maioria das gravuras, que pretende ser garantia de uma visão fidedigna das realidades e contextos visitados. Verifica-se, porém, que nem sempre o recurso à fotografia constitui prova da exatidão do registo. O conjunto das gravuras apresentadas, tendo por base o relato, o desenho à vista ou a fotografia, apresenta distintos graus de correspondência e manipulação do objeto contemplado, integrando-se num sistema referencial de significados que envolve o observador, o mediador e, finalmente o recetor.

---

<sup>56</sup> Martins (2014), *Um Império de Papel...*, p.46.



Fig.2.112



Fig.2.115



Fig.2.113



Fig.2.116



Fig.2.114



Fig.2.117

Fig.2.112 - *Vista sudoeste do estúdio fotográfico de Carlos Relvas. Golegã 1876.* (Banco de Imagens Carlos Relvas, Casa-Estúdio).

Fig.2.113 - *Campinos. Golegã. c.1876.* (Banco de Imagens Carlos Relvas, Golegã-Tradições).

Fig.2.114 - *Camponesa - Avintes - 1880-1890*, fotografia de Emilio Biel (Casa Fritz, Porto).

Fig.2.115 - "ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS". Gravura sem autor baseada em fotografia original de Carlos Relvas. (*AVM*, 1880, Vol.1, 373).

Fig.2.116 - "ARREDORES DA GOLLEGÃ - Segundo uma primorosa photographia de mademoiselle Margarite Relvas". (*AVM*, 1880, Vol.1, 156).

Fig.2.117 - "MULHER D'AVINTES - Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, segundo uma photographia d'Emilio Biel & C.<sup>a</sup> e gravura de Hildibrand. (*AVM*, 1880, Vol.1, 213).



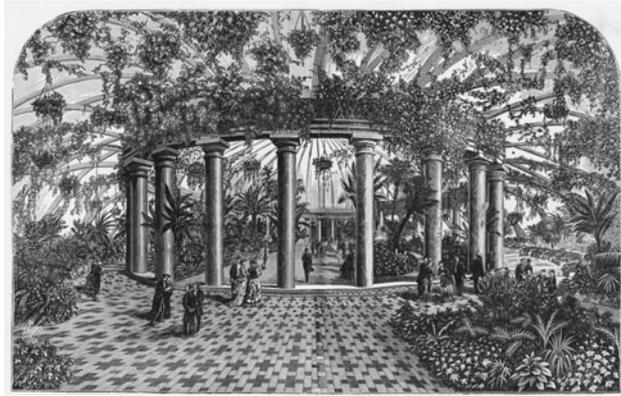


Fig.2.118

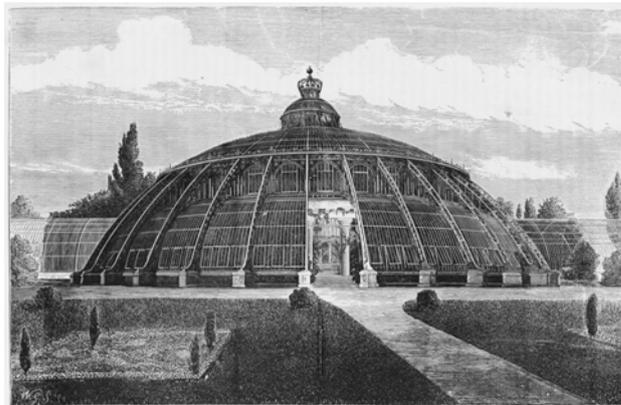


Fig.2.119

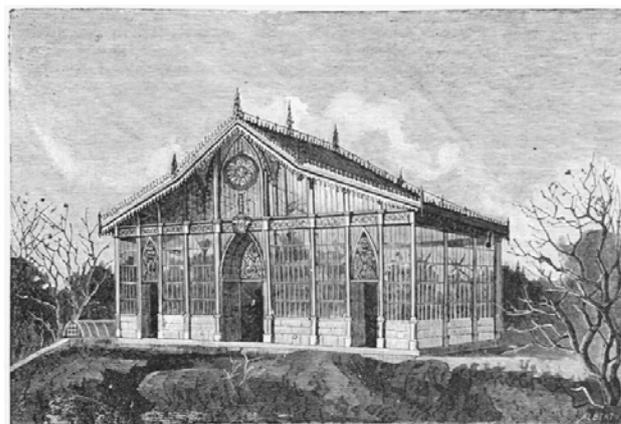


Fig.2.120

Fig.2.118 - “VISTA EXTERIOR DA ESTUFA DE S. M. EL REI LEOPOLDO II EM LAEKEN”. Sem identificação. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.124).

Fig.2.119 - “VISTA EXTERIOR DA ESTUFA DE S. M. EL REI LEOPOLDO II EM LAEKEN”. Sem identificação. (*AVM*, 1880, Vol.1, p.125).

Fig.2.120 - “ESTUFA DO EX.MO SR. CONDE DA SILVA MONTEIRO - no sítio da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, construida na fabrica da fundição do Ouro, no Porto”. Sem identificação. (*AVM*, 1883, Vol.3, p.293).





Fig.2.121

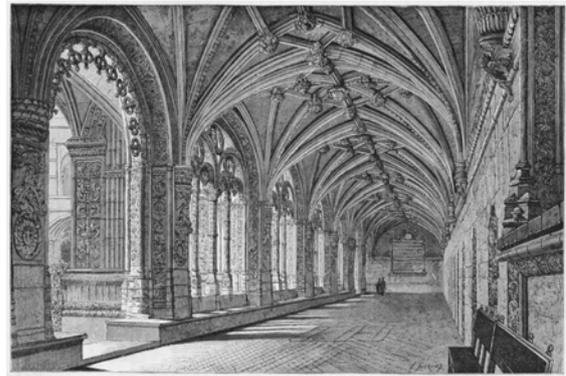


Fig.2.123

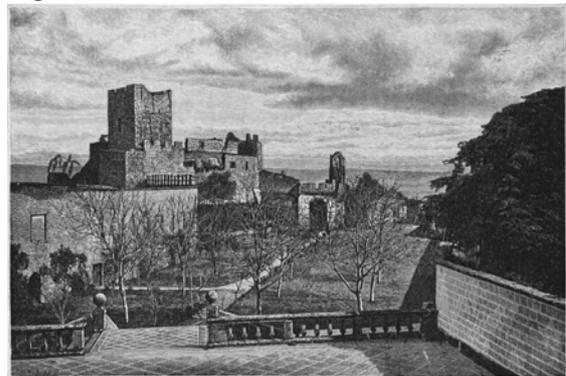


Fig.2.124



Fig.2.122



Fig.2.125

Fig.2.121 - “ARCO DA RUA AUGUSTA - Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia.” (AVM, 1880, Vol.1, p.293).

Fig.2.122 - “ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES, NA PRAÇA DO MESMO NOME - na praça com o mesmo nome”. (AVM, 1883, Vol.3, p.5).

Fig.2.123 - “CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM - Desenho de E. Therond, segundo uma photographia”. (AVM, 1882, Vol.2, p.69).

Fig.2.124 - “THOMAR - CASTELLO DOS TEMPLARIOS - Gravura de Hildibrand, segundo uma photographia do distincto amador nosso amigo o Exc.mo Carlos Relvas”. (AVM, 1882, Vol.2, p.197).

Fig.2.125 - “TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL - Desenho de Casanova, gravura de F. Pastor, segundo uma photographia obsequiamente cedida pelo ex.mo Carlos Relvas”. (AVM, 1880, Vol.1, p.261).



### 3. CONCLUSÃO

A análise feita na presente dissertação sobre a temática da divulgação de cidades e territórios por parte da imprensa periódica oitocentista portuguesa e, especificamente, o exemplo do jornal de viagens *À VOLTA DO MUNDO*, privilegiou relativamente ao discurso literário das viagens, a representação visual das descrições correspondentes. Perante os cadernos de viagens dos viajantes, seus relatos e variados tipos de registos originais, procurou-se analisar a respetiva reprodução e divulgação gráfica a partir de gravuras, muitas vezes reproduzidas também em publicações de outros países.

Conforme é exposto no enquadramento do primeiro capítulo, ao conhecimento empírico das viagens segue-se, naturalmente, o conhecimento científico, sendo o primeiro detentor de um «estatuto de estranho, anormal, maravilhoso...» e o segundo de uma exigência científica mais rigorosa.<sup>1</sup> A evolução à abordagem do viajante, descrita por Chloe Chard, e que tem a sua génese no *Grand Tour*, cruza uma série de estratégias retóricas que incluem «aspirações pessoais» versus «difusão de conhecimento objetivo», abordagens que contribuem para a definição do conceito que introduz de «topografias imaginativas» ou «geografias imaginativas».<sup>2</sup> De acordo com o enquadramento teórico da literatura de viagens, estes são textos que ocupam um espaço híbrido, entre a ficção e a realidade e que, como conclui Soledade Rodrigues, constituem consequentemente um objeto de estudo multidisciplinar e de difícil definição.<sup>3</sup>

No caso do jornal *À VOLTA DO MUNDO*, tentou-se desenvolver um exercício de «desconstrução» das representações visuais associadas aos territórios divulgados, estrangeiros e portugueses, com vista à análise da construção do imaginário específico deste período. Como conclui José Tengarrinha, a História da imprensa portuguesa nunca poderá ser observada como um fenómeno isolado, mas antes como um dos aspetos mais vivos e expressivos da História da nossa Cultura.<sup>4</sup> Considera-se a retórica do jornal próxima da «abordagem romântica» desenvolvida por Chloe Chard, e que encara a viagem como forma de aventura pessoal, através da

---

1 Cristóvão, Fernando (1999), «Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens», *Condicioneantes Culturais da Literatura de Viagens*. Estudos e Bibliografias, Fernando Cristóvão (coord.), Coimbra: Almedina, p.47

2 Chard, Chloe (1999), *Pleasure and Guilt on The Grand Tour – Travel writing and imaginative geography 1600-1830*, Manchester: Manchester University Press, p.10.

3 Rodrigues, Soledade Amaro (2009), *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda., p. 105.

4 Tengarrinha, José (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, p.263.

exploração do outro, da ultrapassagem de fronteiras simbólicas e geográficas e que implica variadas formas de perigo e destabilização.<sup>5</sup> Paradoxalmente, o jornal pretende-se assumir de índole científica e humanista, demonstrando a intenção de divulgar com elevado rigor os assuntos selecionados. No entanto, verifica-se pela análise do conteúdo das suas publicações, uma ação tendenciosa na escolha dos temas – nomeadamente a grande primazia conferida às expedições em territórios coloniais ou aos artigos de teor nacionalista – ou ainda, a maior presença de gravuras consideradas mais próximas do cariz empírico do que científico – salienta-se, por exemplo, a rara publicação de mapas ou itinerários dos territórios divulgados e o grande número de representações dramáticas com base nos relatos dos autores. A par da importância conferida aos territórios africanos, representados através dos estereótipos da visão europeia contemporânea, são vários os temas publicados que vão desde as visões exóticas de civilizações antigas como a China ou a Rússia, às frescas novidades da emergente e moderna cidade de Nova Iorque, não ignorando as referências ao panorama do território português. As imagens do estrangeiro adquirem, desta forma, desde o caráter *reductor* do estereótipo, ao caráter *excêntrico* do desconhecido, *clássico* do antigo, ou *ideal* dos exemplos progressistas a seguir, e, paralelamente o caráter *familiar* do mais próximo.

Através dos diferentes estudos consultados e da análise do presente objeto de estudo, é possível entender o paradoxo entre o desejo, por parte de quem vive as situações descritas, de descrever e registar a realidade de forma objetiva, e por outro lado, as ideias préconcebidas que esse mesmo sujeito detém, parte do contexto cultural, político ou económico que integra, e que, necessariamente moldam a sua visão. A esse primeiro *layer* de interpretação por parte do viajante explorador, acrescenta-se o processo de transformação das imagens registadas em «primeira mão» num formato de divulgação, condicionadas também pela perspetiva e intenção de quem as divulga. Finalmente essas mesmas «imagens» são apreendidas por outros, em cada respetivo – e específico – contexto. Evidentemente existe, desde sempre, um desajuste próprio entre o que é visto e o que é transmitido e, no final de linha, o que é efetivamente apreendido.

A análise executada das gravuras no segundo capítulo e a comparação com as imagens (literárias, desenhadas ou fotografadas) que lhes deram origem, permite estabelecer este confronto. O desenho, pela sua facilidade de registo em viagem coexistiu com a prática da novidade fotográfica como registo gráfico das explorações oitocentistas, verificando-se no entanto a maior presença de imagens «feitas a partir de fotografias» na publicação, dado o caráter de

---

5 Chard (1999), *Pleasure and Guilt...*, p.10.

«veracidade» que estas conferiam às representações. O entendimento por parte da sociedade oitocentista da fotografia como *autenticação* em vez de *invenção*, vai ao encontro da posição «realista» defendida por Roland Barthes, que indica o advento da Fotografia como início da partilha da história com o mundo.<sup>6</sup> Esta abordagem é posta em causa por John Tagg, que aponta para o facto da existência de uma determinada fotografia não ser a garantia da correspondente «existência pré-fotográfica», reiterando que a experiência e a realidade não podem ser separadas das linguagens, representações e estruturas e práticas psicológicas onde surgem e são articuladas e que os potenciais significados das imagens das fotografias devem ser analisados à luz do sistema discursivo que integram.<sup>7</sup> Nuno Pinheiro alerta igualmente para a ambiguidade inerente a toda a representação e que, no caso da fotografia, é necessário ter em conta o símbolo, a encenação e a teatralização que fazem parte da sua construção, concluindo a importância daquilo que se vê e também daquilo que não se vê.<sup>8</sup> É precisamente este tipo de relações que se tentam descortinar na análise iconográfica estabelecida, seja diretamente a partir das exatas fotografias identificadas como base das gravuras – como o exemplo das fotografias de Georges Morache ou John Thomson e as gravuras correspondentes do território chinês; quer a partir de desenhos feitos à mão – como o exemplo dos esboços de Serpa Pinto e as composições das gravuras consequentes; ou ainda a partir das gravuras elaboradas com base nas memórias descritas.

Conclui-se que as gravuras executadas a partir de relatos, tendem a revelar um carácter de ação mais dramática e fantástica, permitindo um elevado grau de imaginação e criatividade na sua composição, enquanto as gravuras baseadas em fotografias apresentam tendencialmente maior fidelidade à imagem fotográfica. É ainda possível observar algumas gravuras com base em desenhos que aparentam o mesmo rigor da observação fotográfica – como por exemplo as vistas de cidades e construções russas –, e por outro lado, algumas gravuras cujo facto de serem feitas com algum rigor a partir de fotografias não impede a sua manipulação – veja-se o caso das várias modificações identificadas entre fotografias originais e gravuras. Acrescenta-se a estas relações o fator já identificado da própria subjetividade do registo original, seja ele relato, esboço ou fotografia. Torna-se claro que a imagética deste período revela uma dimensão retórica e não apenas documental e que se presta a preencher, através da imaginação do público balizada

---

6 Barthes, Roland (1989), *A Câmara Clara*, Lisboa: Edições 70.

7 Tagg, John (1988), *The Burden of Representation Essays on Photographies and Histories*, Houndmills: The Macmillan Press Ltd.

8 Pinheiro, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade*, Lisboa: Centro de Estudos de História Moderna e Contemporânea.

pelos conceitos e noções vigentes contemporâneos, os vazios brancos dos mapas, constituindo uma verdadeira «cartografia visual»<sup>9</sup>. Este processo de transição de algo que advém de uma «observação direta» e se transforma em «representação consumível» admite um caráter de fantasia e imaginação no próprio processo de visualização, tornando possível um dos usos mais populares da imagem: uma forma de «viagem imaginária».<sup>10</sup>

Face ao presente estudo, reconhece-se a importância que publicações como o jornal *À VOLTA DO MUNDO* adquirem na construção mental do mundo que integram. As diversas ilustrações e representações de locais no mundo que o jornal divulga, constituem um momento histórico particular do processo de mediação entre o local e o global, o conhecido e o desconhecido, o exótico e o familiar – processo de certo modo existente desde que o Homem adquire consciência de realidades extraordinárias. A maioria dos portugueses no século XXI não visitou todos os lugares descritos neste jornal de final do século XIX, reconhecendo, porém, essas mesmas realidades através de uma construção mental própria do período em que vive. O que para nós é hoje algo óbvio e «realmente» apreendido, num contexto tecnológico onde as imagens digitais do mundo – desde as fotografias de escala humana, às imagens de satélite – não deixam nada por revelar, pode ser entendido como a evolução desta «história dos olhares» das cidades e territórios.

---

9 Castro, Teresa (2014), “O esplendor dos atlas: fotografia e cartografia visual do Império no limiar do século XX”, in *O Império da Visão, Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, org. por Filipa Lowndes Vicente, p. 228.

10 Osborne, Peter D. (2000), *Travelling Light. Photography, travel and visual culture*, Manchester: Manchester University Press, p. 57.

## 4. FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 4.1 FONTES ICONOGRÁFICAS

Fig.1.1 – *O PANORAMA - jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, dir. Alexandre Herculano, 1941, n.º203, p.89. [Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Opanorama/Opanorama.htm>».]

Fig.1.2 – *Den rechten Weg auß zu faren von Lißbona gen Kallakuth*, Nuremberga, 1505. [Consultado em: Lopes, Marília dos Santos (1998), *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa: Quetzal Editores, p.20.]

Fig.1.3 – Bry, Theodor, *Americae tertia pars*, Frankfurt, 1592, p.223. [Consultado em: «<https://archive.org/details/americaetertiapa00stad>».]

Fig.1.4 – Ferreira, Alexandre Rodrigues, *Viagem Filosófica: Iconografia, 1783-1792*, Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1971, n.º55, vol.1. [Consultado em: «[http://caiana.caia.org.ar/template/caiana.php?pag=articles/article\\_2.php&obj=156&vol=5](http://caiana.caia.org.ar/template/caiana.php?pag=articles/article_2.php&obj=156&vol=5)».]

Fig.1.5 – Berghaus, H., *Physikalischer Atlas oder Sammlung von Karten*, 1849-1851, Gotha: Verlag von Justus Perthes, vol.V, plate No.1. [Consultado em: «<http://cybergeog.revues.org/25478?lang=pt>».]

Fig.1.6 – Helsius, Levinus, *Kurtze Wunderbare Beschreibung. Beschreibung Deß Goldreichen Konigreichs Guianae in America*, Nuremberga, 1603. [Consultado em «Marília (1998), *Coisas maravilhosas...*, p.61.]

Fig.1.7 – Nieuhof, Johan, *Die Gesantschaft der Ost-Indischen Geselshft*, Amesterdão, 1669. [Consultado em «Marília (1998), *Coisas maravilhosas...*, p.111.]

Fig.1.8 – Bry, Theodor de, *Ander Theil der Orientalisch Indien*, Frankfut, 1598. [Consultado em «Marília (1998), *Coisas maravilhosas...*, p.55.]

Fig.1.9 – MNHNC, Coleções Museu Bocage - Zoologia e Antropologia. [Consultado em: «[http://www.musethno.uzh.ch/static/html/de/ausstellungen/2007/brasilien/brasilien\\_pressebilder.html](http://www.musethno.uzh.ch/static/html/de/ausstellungen/2007/brasilien/brasilien_pressebilder.html)»)]

Fig.1.10 – *Idem*.

Fig.2.1 – Braga, Teófilo e Abílio Lobo (dir.) (1880), *Á VOLTA DO MUNDO – Jornal de Viagens e Assumptos Geográficos*, Porto: Typographia Occidental, Vol.1, p.3.

Fig.2.2 – Reis, Jayme Batalha, ««A Descoberta do Mundo. O que se ignora no mundo em 1893», Artigo publicado em *O Comércio do Pôrto*, de 1 de Julho de 1893», *Estudos Geográficos e Históricos*, Lisboa: Ag. Geral das Colónias, 1941, pp.83.

Fig.2.3 – ©Mariana Simões

Fig.2.4 – Braga, Teófilo e Abílio Lobo (dir.) (1880), *Á VOLTA DO MUNDO – Jornal de Viagens e Assumptos Geográficos*, Porto: Typographia Occidental, Vol.1, p.13.

Fig.2.5 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.5.

Fig.2.6 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.341.

Fig.2.7 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.325.

Fig.2.8 – CPF (Porto), Coleção Alcídia e Luís Viegas Belchior 1840/1999, Panorama Fotográfico de Portugal 1869-1874, Cascata Fervença na Serra da Estrela 1874. [Consultado em: «<http://digitalq.cpf.dgarq.gov.pt/details?id=90163>»].

Fig.2.9 – Braga, Teófilo e Abílio Lobo (dir.) (1882), *Á VOLTA DO MUNDO – Jornal de Viagens e Assumptos Geográficos*, Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira, Vol.2, p.5.

Fig.2.10 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.40.

Fig.2.11 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.248.

Fig.2.12 – SGL (Lisboa), *Viagem do Major Serpa Pinto ao Interior d’Africa Austral em 1877 e 1878*, Albúm de itinerários, carta n.º 5. [Consultado em: Rosa, Frederico Delgado e Filipe Verde (2013), *Exploradores Portugueses e Reis Africanos. Viagens ao coração de África no século XIX*, Lisboa: A Esfera dos Livros, p. 160-161)

Fig.2.13 – SGL, *Viagem do Major Serpa Pinto...*, Álbum de itinerários, carta n.º 8. [Consultado em: «<http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01/ApresentaçãoCinfães1.pdf>»].

Fig.2.14 – SGL, *Viagem do Major Serpa Pinto ...*, Álbum de itinerários, carta n.º 14. [Consultado em: Dias, Alfredo Gomes (coord.) (2001), *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa / INAPA, p. 17].

Fig.2.15 – Rosa, Frederico Delgado e Filipe Verde (2013), *Exploradores Portugueses e Reis Africanos. Viagens ao coração de África no século XIX*, Lisboa: A Esfera dos Livros, p. 161.

Fig.2.16 – Fototeca SLG, consultado em: Dias, Alfredo Gomes (coord.) (2001), *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa / INAPA, p. 15.

Fig.2.17 – Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), Reprodução de imagens de individualidades em negativos de vidro. [Consultado em: «<http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD5960>»].

Fig.2.18- Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.21.

Fig.2.19 – SGL, *Viagem do Major Serpa Pinto ao Interior d'África Austral em 1977 e 1878*, Álbum de Desenhos. [Consultado em: Dias, Alfredo Gomes (2001), *Tesouros...*, p. 17.]

Fig. 2.20 – Dias, Alfredo Gomes (2001), *Tesouros...*, p. 17.

Fig.2.21 – SGL, *Viagem do Major Serpa Pinto...*, Álbum de Desenhos. [Consultado em: «<http://www.socgeografialisboa.pt/wp/wp-content/uploads/2010/01/ApresentaçãoCinfães1.pdf>»].

Fig.2.22 – SGL, *Viagem do Major Serpa Pinto...*, Álbum de Desenhos. [Consultado em: Rosa, Frederico Delgado e Filipe Verde (2013), *Exploradores...*, p. 160-161].

Fig.2.23 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.201.

Fig.2.24 – *Expedição Capelo e Ivens através da África em 1884-1885, Itinerários de viagem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 1989, (fac-símile). [Consultado em: Taquelim, Mara (2008), *Desenhando em Viagem. Os cadernos de África de Roberto Ivens*, Dissertação de Mestrado em Desenho, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Anexo 12, Desenho III].

Fig.2.25 – Idem, Anexo 12, Desenho VI.

Fig.2.26 – Idem, Anexo 12, Desenho VII.

Fig.2.27 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.317.

Fig.2.28– Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.341.

Fig.2.29 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.376.

Fig.2.30 – Braga, Teófilo e Abílio Lobo (dir.)(1883), *Á VOLTA DO MUNDO – Jornal de Viagens e Assumptos Geográficos*, Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira, Vol.3, p.357.

Fig.2.31 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.77.

Fig.2.32 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.169.

Fig.2.33 – Verne, Jules, (1870), *Au Tour de la Lune*, Paris – Pierre-Jules Hetzel, p.124. [Consultado em: «<https://www.gutenberg.org/ebooks/46111>»].

Fig.2.34 – Verne, Jules, (1870), *Au Tour de la Lune...*, p.154.

Fig.2.35 – Verne, Jules, (1870), *Vingt milles lieues sous les mers*, Paris – Pierre-Jules Hetzel, p 146. [Consultado em: «<https://www.gutenberg.org/ebooks/54873>»].

Fig.2.36 – Verne, Jules, (1870), *Vingt milles lieues...*, p.418.

Fig.2.37 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.75.

Fig.2.38 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.283.

Fig.2.39 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.285.

Fig.2.40 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.305.

Fig.2.41 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.312.

Fig.2.42 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.303.

Fig.2.43 – Moraes, J. A. da Cunha, (1885-1888), *África Occidental - album photographico e descriptivo*, 4 vols., Lisboa: David Corazzi.[Consultado em: Siza, Tereza (coord.) e Peter Weiermais (ed.) (1998), *Portuguese Photography since 1854*. Livro de viagens, [catálogo], Zurique: Edition Stemmler, p.85].

Fig.2.44 – Moraes, J. A. da Cunha, (1885-1888), *África Occidental - album photographico e descriptivo*, 4 vols., Lisboa: David Corazzi. [Consultado em: Siza, Tereza (1998), *Portuguese Photography...*, p.84].

Fig.2.45 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.177.

Fig.2.46 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.49.

Fig.2.47 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.121.

Fig.2.48 – Societé des missions évangéliques de Paris (1822-1971), *Album Coillard – missionnaire ou Lessouto – missionnaire au Zambéze / Edouard Favre (1850/1900), Portrait de Monsieur et Madame Coillard*. [Consultado em: «[http://catalogue.defap-bibliotheque.fr/index.php?lvl=notice\\_display&id=38742](http://catalogue.defap-bibliotheque.fr/index.php?lvl=notice_display&id=38742)»].

Fig.2.49 – Moraes, J. A. da Cunha, (1885-1888), *África Occidental - album photographico e descriptivo*, 4 vols., Lisboa: David Corazzi. [Consultado em: Siza, Tereza (1998), *Portuguese Photography...*, p.87].

Fig.2.50 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.85.

Fig.2.51 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.308.

Fig.2.52 – Enoch, Nick, 11 de Fevereiro de 2013, «Old Believers, Bolsheviks and bourgeoisie: The many faces of bygone Russia captured on camera by one of first photojournalists». [Consultado em: «<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2276868/Russia-photos-From-woodsmen-tramps-soldiers-Revolution-remarkable-photos-changing-nation.html>», a 29 de Agosto de 2017].

Fig.2.53 – *Idem*.

Fig.2.54 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.90.

Fig.2.55 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.43.

Fig.2.56 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.61.

Fig.2.57 – Sothebys, Lote 257: “CHINE”, *A BOXED COLLECTION OF 41 PHOTOGRAPHS OF BEIJING. [1865-66]*. [Consultado em: «<http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2016/china-print-paper-116409/lot.257.html>», a 29 de Agosto de 2017.]

Fig.2.58 – *Idem*.

Fig.2.59 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People - A series of two hundred photographs, with letterpress descriptive of the places and people represented*, London: Sampson Low, Marston, Low, and Searle, Vol. IV, Plate XIII – 34. [Consultado em: «[https://ocw.mit.edu/ans7870/21f/21f.027/john\\_thomson\\_china\\_03/ctgallery4/index.htm](https://ocw.mit.edu/ans7870/21f/21f.027/john_thomson_china_03/ctgallery4/index.htm)»].

Fig.2.60 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.317.

Fig.2.61 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.177.

Fig.2.62 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.192.

Fig.2.63 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People...*, Vol. IV, Plate XVII – 43.

Fig.2.64 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People...*, Vol. IV, Plate XVII – 44.

Fig.2.65 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People...*, Vol. IV, Plate II – 34.

Fig.2.66 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.161.

Fig.2.67 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.273.

Fig.2.68 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.21.

Fig.2.69 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.202.

Fig.2.70 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.285.

Fig.2.71 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.192.

Fig.2.72 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.17.

Fig.2.73 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.368.

Fig.2.74 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.120.

Fig.2.75 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.349.

Fig.2.76 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.70.

Fig.2.77 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.333.

Fig.2.78 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.296.

Fig.2.79 – CPF, Coleção Nacional de Fotografia 1848-2006, *Rio Dande Uma paisagem do rio Dande 1870/1900?*. [Consultado em: <<http://digitalq.cpf.arquivos.pt/details?id=72237>>].

Fig.2.80 – Moraes, J. A. da Cunha, (1885-1888), *África Occidental - album photographico e descriptivo*, 4 vols., Lisboa: David Corazzi.[Consultado em: Siza, Tereza (1998), *Portuguese Photography...*, p.82].

Fig.2.81 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.261.

Fig.2.82 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.56.

Fig.2.83 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.32.

Fig.2.84 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.27.

Fig.2.85 – CPF, Coleção Nacional de Fotografia (1848-2006), *Cabinda - Uma sansala e paisagem*. [Consultado em: <<http://digitalq.cpf.arquivos.pt/details?id=72229>>].

Fig.2.86 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.15.

Fig.2.87 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.101.

Fig.2.88 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.333.

Fig.2.89 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.17.

Fig.2.90 – Isaeva, Ksenia, 11 de Fevereiro de 2016, «Tsarist Russia in ‘street types’ and portraits by William Carrick». [Consultado em: <[https://www.rbth.com/multimedia/pictures/2016/02/11/tsarist-russia-william-carrick\\_566831](https://www.rbth.com/multimedia/pictures/2016/02/11/tsarist-russia-william-carrick_566831)>, a 29 de Agosto de 2017].

Fig.2.91 – Collection Centre Canadien d’Architecture, Montréal. [Consultado em: <<http://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/3739>>].

Fig.2.92 – Collection Centre Canadien d’Architecture, Montréal. [Consultado em: <<http://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/361240>>].

Fig.2.93 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.26.

Fig.2.94 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.13.

Fig.2.95 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.11.

Fig.2.96 – Sothebys, Lote 257: “CHINE”, *A BOXED COLLECTION...*

Fig.2.97 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People...*, Vol. IV, Plate XV – 40.

Fig.2.98 – Thomson, John (1874), *Illustrations of China and its People...*, Vol. IV, Plate XVI – 41.

Fig.2.99 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.237.

Fig.2.100 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.368.

Fig.2.101 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.364.

Fig.2.102 – New York Public Library’s Milstein Collection. [Consultado em: <<https://www.oldnyc.org/#730667f-b>>].

Fig.2.103 – New York Public Library’s Milstein Collection. [Consultado em: <<https://www.oldnyc.org/#730665f-a>>].

Fig.2.104 – New York Public Library’s Milstein Collection. [Consultado em: <<https://www.oldnyc.org/#707995f-b>>].

Fig.2.105 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.113.

Fig.2.106 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.124.

Fig.2.107 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.112.

Fig.2.108 – George Eastman Museum Photography Collection. [Consultado em: <<http://collections.eastman.org/objects/112418/american-falls-from-below-prospect-point-niagara?ctx=861bb16e-71c1-497c-8572-7a3f5a4588ae&idx=88>>].

Fig.2.109 – Collection Centre Canadien d’Architecture, Montréal. [Consultado em: <<http://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/356693>>].

Fig.2.110 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.141.

Fig.2.111 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.128.

Fig.2.112 – Banco de Imagens Carlos Relvas, Casa-Estúdio, *Vista sudoeste do estúdio fotográfico de Carlos Relvas. Golegã 1876*, Ref.00018.

Fig.2.113 – Banco de Imagens Carlos Relvas, Golegã-Tradições, *Campinos. Golegã c.1870*, Ref.00289.

Fig.2.114 – Sousa, Alberto (1924), *O Trajo Popular em Portugal nos seculos XVIII e XIX*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia. [Consultado em: «[www.ilustracaoantiga.blogspot.pt](http://www.ilustracaoantiga.blogspot.pt)»].

Fig.2.115 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.373.

Fig.2.116 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.156.

Fig.2.117 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.213.

Fig.2.118 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.124.

Fig.2.119 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.125.

Fig.2.120 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.293.

Fig.2.121 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.293.

Fig.2.122 – Braga, Teófilo (1883), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.3, p.5.

Fig.2.123 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.69.

Fig.2.124 – Braga, Teófilo (1882), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.2, p.197.

Fig.2.125 – Braga, Teófilo (1880), *Á VOLTA DO MUNDO...*, Vol.1, p.261.

## 4.2 OUTRAS FONTES E BIBLIOGRAFIA

Afonso, Graça (2007), «O Archivo Pittoresco e a evolução da Gravura de Madeira em Portugal», Comunicação apresentada no Ciclo de Conferências *Arquivo Pitoresco, 150 Anos Depois (1857-2007)*, 2.<sup>a</sup> Conferência (Hemeroteca Municipal de Lisboa, 20 Setembro 2007).

Andrade, Adriano da Guerra (1999), *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

Aurélio, Diogo Pires (2003), «Apresentação», in *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, coord. por Manuela Rêgo e Miguel Castelo-Branco, Lisboa: Biblioteca Nacional, pp.111-13.

Baptista, Paulo Artur Ribeiro (2010), *A Casa Biel e as suas Edições Fotográficas no Portugal de Oitocentos*, Lisboa : Edições Colibri : IHA - Estudos de Arte Contemporânea, FCSH-UNL.

Barthes, Roland (1989), *A Câmara Clara*, Lisboa: Edições 70.

Cabete, Susana Margarida Carvalheiro, *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade nacional*, Tese de Doutoramento em Literatura Geral e Comparada, Lisboa: FCSH – UNL : Paris: Université Paris III – Sorbonne Nouvelle. [Consultada em HAL archives-ouvertes.fr].

Cantinho, Manuela (2001), «Livros de Viagem da Expedição Portuguesa ao Interior da África Austral em 1877», in *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, coord. Alfredo Dias, Lisboa: Sociedade de Geografia, INAPA, pp.15-19.

Castro, Teresa (2014), “O esplendor dos atlas: fotografia e cartografia visual do Império no limiar do século XX”, in *O Império da Visão, Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, org. Filipa Lowndes Vicente, 291-304.

Carvalho, Alberto (2003), «Ética, ciência e estética do olhar na Viagem de Capelo e Ivens», in *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, pp.147-176.

Chard, Chloe (1999), *Pleasure and Guilt on The Grand Tour – Travel writing and imaginative geography 1600-1830*, Manchester: Manchester University Press.

Cristóvão, Fernando (1999a), «Introdução. Para uma teoria da Literatura de Viagens», in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Coimbra: Almedina, coord. Fernando Cristóvão, pp.13-52.

Cristóvão, Fernando (1999b), «A Literatura de Viagens e a História Natural», in *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Coimbra: Almedina, coord. Fernando Cristóvão, pp.183-212.

Correia, Rita (2013), *ERA NOVA. Revista do Movimento Contemporâneo*, Ficha histórica da Hemeroteca de Lisboa. [Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/EraNova.pdf>».]

França, José-Augusto, «História e Imagem», Comunicação feita em Assembleia Geral ordinária de Maio de 1976, *Anais da Academia Portuguesa de História*, Volume 24, T. II, 1977, p.179-190.

Lopes, Marília dos Santos (1998), *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos Descobrimentos*. Lisboa: Quetzal Editores.

Lousada, Alexandre (2010), “Viajantes e Turistas. Portugal, 1850-1926”, in *Viajar = Travelling : [exposição] : viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, pp. 65-75.

Marien, Mary Warren (2002), *Photography A Cultural History*, London: Laurence King Publishing.

Marques, A. H. de Oliveira e Joel Serrão (coord.) (2004), *Nova História de Portugal*, Lisboa: Editorial Presença.

Martins, Maria Leonor Pires (2014), *Um Império de Papel: Imagens do Colonialismo Português na Imprensa Periódica Ilustrada (1875-1940)*, Lisboa : Edições 70.

Medeiros, Margarida e Emília Tavares (2015), *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*, Lisboa: Distribuição Nacional da Casa da Moeda / DGPC / MNAC. [Catálogo da exposição homónima

no MNAC – Museu do Chiado, Lisboa].

Mesquita, Pedro Teixeira (2013), *O MUNDO: folha da tarde*. Ficha Histórica da Hemeroteca de Lisboa. [Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Omundo.pdf>».]

Mónica, Maria Filomena (coord.) (2005), *Dicionário Biográfico Parlamentar, 1834-1910, vol.II*, Lisboa: ICS-UL e Assembleia da República, pp.599-602.

Oliveira, João Carlos (2012), *BOLETIM PHOTOGRAPHICO (1900-1903; 1905-1906)*, Ficha Histórica Hemerotca de Lisboa. Consultado em: «<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/BoletimPhotographico.pdf>».

Osborne, Peter D. (2000), *Travelling Light. Photography, travel and visual culture*, Manchester: Manchester University Press.

Pinheiro, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade*, Lisboa: Centro de Estudos de História Moderna e Contemporânea.

Pinto-Correia, João David (2003), «Deslumbramento, horror e fantasia: o olhar ingénuo na Literatura de Viagens», in *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, pp.9-33

Rafael, Gina Guedes e Manuela Santos (Org.) (1998-2002), *Jornais e revistas portuguesas do séc. XIX*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

Reis, Jaime Batalha, «A Descoberta do Mundo. O que se ignora no mundo em 1893, Artigo publicado em O Comércio do Pôrto, de 1 de Julho de 1893», *Estudos Geográficos e Históricos*, de Jaime Batalha Reis, Lisboa: Ag. Geral das Colónias, 1941, pp.83-102.

Rêgo, Manuela e Miguel Castelo-Branco (Coord.) (2003), *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em portugal*, Lisboa: Biblioteca Nacional.

Rodrigues, Soledade Amaro (2009), *O mito do herói explorador – A aventura de travessia de África de Serpa Pinto*, Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Lda.

Rosa, Frederico Delgado e Filipe Verde (2013), *Exploradores Portugueses e Reis Africanos. Viagens ao coração de África no século XIX*, Lisboa: A Esfera dos Livros

Russo, Vincenzo (2012), «Um Império de Papel: Geografias Metropolitanas da África na Retórica Colonial Portuguesa», in *Polifonia*, Cuiabá, MT, v.19, n.26, ago./dez.2012, p.176-189.

Sena, António (1998), *História da Imagem Fotográfica em Portugal–1839-1997*, Porto: Porto Editora.

Serén, Maria do Carmo (1998), «Livro de Viagens. A Discourse or a Memory», in *Portuguese Photography*, coord. por Tereza Siza e Peter Weiermais, pp.13-47.

Silva, Inocêncio, *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973 [Facsimile da edição original de Lisboa: Imp. Nacional, 1858-1958].

Silva, João Gomes da (2007), «O viajante», *Jornal dos Arquitectos N°227 ABRMAIOJUN–Férias*, pp.32-33.

Silveira, Maria de Aires, «Verdade e Ironia – As cores do imaginário oitocentista», in *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*, Catálogo coord. por Margarida Medeiros e Emília Tavres, Lisboa: Distribuição Nacional da Casa da Moeda / DGPC / MNAC, pp.53-60.

Siza, Tereza (coord.) e Peter Weiermais (ed.) (1998), *Portuguese Photography since 1854. Livro de viagens*, [catálogo], Zurique: Edition Stemmler.

Smith, Graham (2013), *Photography and Travel*, London: Reaktion Books.

Sousa, José Soares de (1938), *Índice Alfabético do Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva*, Departamento de Cultura.

Sousa, Madalena (2012), «Literatura de Viagens. A Viagem de Eça de Queirós ao Egipto. A Temática Faraónica», in *Arte&Viagem*, coord. Margarida Acciaiuolli, Lisboa: IHA / Estudos de Arte Contemporânea, pp.217-226.

Tagg, John (1988), *The Burden of Representation Essays on Photographies and Histories*, Hound-

mills: The Macmillan Press Ltd.

Taquelim, Mara (2008), *Desenhando em Viagem. Os cadernos de África de Roberto Ivens*, Dissertação de Mestrado em Desenho, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Tavares, Emília (2015), «O Devir das Imagens», in *Tesouros da Fotografia Portuguesa do século XIX*, Catálogo coord. por Margarida Medeiros e Emília Tavres, Lisboa: Distribuição Nacional da Casa da Moeda / DGPC / MNAC, pp.21-37.

Tengarrinha, José (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.

Ventura, Maria da Graça Mateus (2003), «Do «Paraíso Terrenal» a «El Purgatório»: percursos de desencanto.», in *O Olhar do Viajante. Dos Navegadores aos Exploradores*, coord. Fernando Cristóvão, Coimbra: Almedina, pp.231-252.

Vicente, Filipa Lowndes (org.) (2014), *O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português: (1860-1960)*, Lisboa : Edições 70.

Weiermair, Peter (1998), «The Journey as a Metaphor for Life», in *Portuguese Photography since 1854. Livro de viagens*, catálogo coord. por Tereza Siza e Peter Weiermais, Zurique: Edition Stemmler, pp.11-12.

### **Outras Fontes e Arquivos consultados:**

Bibliothèque National de France, Paris, M. Édouard, *LE TOUR DU MONDE: nouveau journal des voyages*, Paris: Hachette, 1860-1914.[Consultado online em: «<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32878283g>».]

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, *Á VOLTA DO MUNDO: jornal de viagens e de assumptos geográficos*, dir. Teophilo Braga e A. Costa Lobo, Lisboa: Emp. Litteraria Luso-Brazileira, 1880-1883, 3 vols.

BNP, Lisboa, *O EXPLORADOR: viagens, sciências e letras*, 1885, Lisboa: Typographia e Sterotypia Moderna, N.1.

BNP, Lisboa, *JORNAL DE VIAGENS E AVENTURAS DE TERRAS E MAR*, dir. Emydio d'Oliveira, Porto: Imp. Internacional, 1879, N.1.

BNP, Lisboa, Pereira, António da Silva Xavier, *Diccionario Jornalístico Portuguez*, volume 05, Fólio 2508-2509. [Recurso electrónico, Lisboa: Academia das Ciências, 2009].

Casa-Estúdio Carlos Relvas, Golegã, *Banco de Imagens Carlos Relvas*. [Consultado online em: «<http://www.imagensrelvas.com/index.php>».]

Centre Canadien d'Architecture, Montréal, *Collection Centre Canadien d'Architecture* [Consultado online em: «<http://www.cca.qc.ca/en/search>».]

Centro Português de Fotografia, Porto, Moraes, José Augusto da Cunha, *A Africa Ocidental – Album Photographico e descritivo, 1882-1888*. [Consultado online em: «<http://digitalq.cpf.arquivos.pt>»]

Sociedade de Geografia de Lisboa, Pinto, Alexandre Serpa, *Viagem do Major Serpa Pinto ao Interior d'África Austral em 1877 e 1878, Álbum de Desenhos*, desenhos a lápis e tinta-da-china.

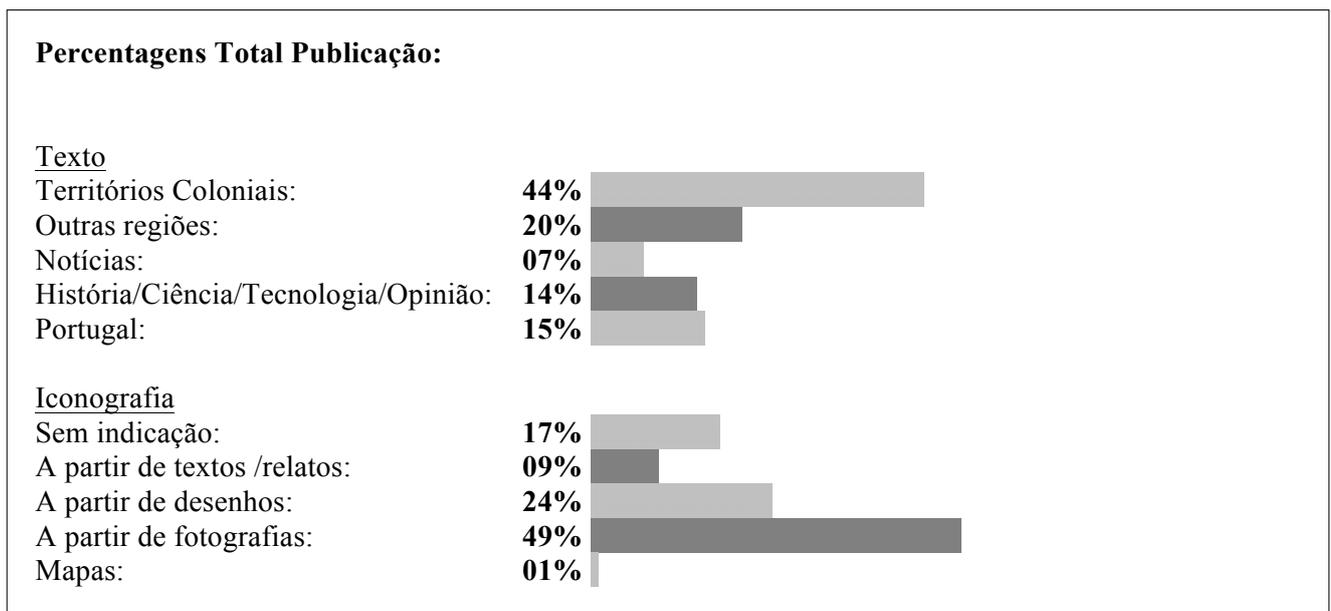
SGL, Lisboa, Pinto, Alexandre Serpa, *Viagem do Major Serpa Pinto ao Interior d'África Austral em 1877 e 1878, Álbum de Itinerários*, desenhos a lápis e tinta-da-china.

## **ANEXO A**

### **Síntese de conteúdo**



<b>Volume 1</b>	<b>Volume 2</b>	<b>Volume 3</b>
<p><u>Texto</u>  T. Coloniais: 38 (34%)  Outras regiões: 23 (20%)  Notícias: 24 (21%)  Hist. Cien. Tecn. Opinião: 13 (12%)  Portugal: 14 (13%)  (Total artigos: 112)</p> <p><u>Iconografia</u>  Sem indicação: 15 (11%)  A partir de textos / relatos: 3 (2%)  A partir de desenhos: 40 (29%)  A partir de fotografias: 77 (56%)  Mapas: 2 (2%)  (Total gravuras: 137)</p> <p><u>Geografia</u>: Rússia, Costa Ocidental África, Alpes, Portugal, Angola (Exp mineiras), Transvaal, Itália-Lombardia-Sicília –França-Espanha, Benguela-Iacca.</p> <p><u>Portugal</u>: Golegã, Caldas de Vizela, Trás-os-Montes e Vila Real, Casa dos Bicos e Arco da Rua Augusta em Lisboa, Serra da Estrela.</p>	<p><u>Texto</u>  T. Coloniais: 56 (59%)  Outras regiões: 8 (8%)  Notícias: 0 (0%)  Hist. Cien. Tecn. Opinião: 9 (9%)  Portugal: 23 (24%)  (Total artigos: 96)</p> <p><u>Iconografia</u>  Sem indicação: 25 (19%)  A partir de textos / relatos: 11 (9%)  A partir de desenhos: 40 (31%)  A partir de fotografias: 50 (39%)  Mapas: 3 (2%)  (Total gravuras: 129)</p> <p><u>Geografia</u>: África (Serpa Pinto), Rússia, Costa de África, Traanvaal, Nova-Guiné.</p> <p><u>Portugal</u>: Convento dos Jerónimos, Estátua Equestre do Terreiro do Paço e Igreja de S. Roque em Lisboa, Castelo dos Templários em Tomar.</p>	<p><u>Texto</u>  T. Coloniais: 30 (38%)  Outras regiões: 25 (32%)  Notícias: 0 (0%)  Hist. Cien. Tecn. Opinião: 17 (22%)  Portugal: 6 (8%)  (Total artigos: 78)</p> <p><u>Iconografia</u>  Sem indicação: 26 (22%)  A partir de textos / relatos: 19 (16%)  A partir de desenhos: 12 (10%)  A partir de fotografias: 61 (52%)  Mapas: 0 (0%)  (Total gravuras: 118)</p> <p><u>Geografia</u>: África (Serpa Pinto), Noca-Guiné, New-York e Niagara, Pekin e Norte da China, Itália.</p> <p><u>Portugal</u>: Estátua de Camões em Lisboa, atelier de Carlos Relvas na Golegã.</p>





## **ANEXO B**

### **Levantamento de conteúdo**

CAT II	CAT I	#ref	Texto	Autor	Descrição	Pág.	Ilustração (todas tipo Gravura)	Subtítulo imagem	Autor	Tipografia	Descrição
VOLUME I, 1880											
NUMERO 1.											
	Outras Regioes	1.1	A RUSSIA LIVRE	Mr. William Hepworth Dixon, 1869 (autor inglês que descreve as suas viagens na Terra Santa ( <i>Holly Land</i> ) e na América ( <i>New America</i> )).  Originalmente publicado no equivalente jornal francês <i>Le Tour du Monde, nouveau journal des voyages</i> (1857-1914), no ano de 1872	Fragmentos da tradução francesa inédita à data do novo livro do autor <i>A Livre Russia (Free Russia)</i> . "rigorosa observação e séria originalidade do seu espírito". Tentativa de descrição pelo autor do "império nascido pelo tempo da guerra da Crimeia" (guerra de 1853), conflito após o qual a Rússia se transformou e se livrou do "systema tartaro" perpetuado pelas invasões de hordes aziaticas. Viagem do mar Polar aos montes Warls, da embocadura do Vistula ao estreito d'Iénkaleh, visistas às quatro romarias mais frequentadas do paiz: Solovetsk, Pechersk, S. Jorge e Troitz. Apreciação da transformação pela qual a imensa nação passa.  Introdução; I Extremo Norte; II O Mar Branco.	5-15 (Continua)					
s/ indicação		1.1.1				5	A MÃE E AS FILHAS, ROCHEDOS DO MAR POLAR	(Assinaturas na imagem)	A de N	A. Kohl?	Paisagem de rochedos vista do mar
s/ indicação		1.1.2				8	UM PILOTO RUSSO	(Assinaturas na imagem)	A de N	C. Laplante	Retrato de piloto russo
s/ indicação		1.1.3				9	O CABO NORTE	(Assinaturas na imagem)	A de N	C. Laplante	Paisagem de rochedos vista do mar
mapa		1.1.4				12	s/ título	(Assinaturas na imagem)	s/ autor		Mapa do mar branco
s/ indicação		1.1.5				13	SAMOYÉDES	(Assinaturas na imagem)	A de N	J. Sommer	Retrato de locais (adulto e criança)
s/ indicação		1.1.6				14	UMA MARGEM DO GOLPHO ONÉGA	(Assinaturas na imagem)	Sargent	Moynel	Paisagem
	T. Coloniais	1.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	Vice-Almirante Fleuriot de Langle	I. "Golpe de vista geral sobre a costa d'África" - Exploração do litoral africano e primeiros estabelecimentos europeus - Tema do congresso de Vienna e abolição da escravatura - Posição de Inglaterra e França a favor da abolição - Medida liberal seguida pela Hollanda, Estados Unidos da America e Portugal - Benefícios para a renovação da sociedade colonial.  Viagem da fragata <i>Zenobie</i> que "vae cruzar na costa occidental d'África". (narrada pelo Vice-Almirante Fleuriot de Langle?)  <i>Em 1860 e 1869</i>	16-18 (Continua)					
	Outras Regioes	1.3	ASCENÇÕES NOS ALPES	Eduardo Whymper (membro do <i>Alpino Club</i> de Londres que adquiriu reputação europeia nos Alpes suíços ou franceses.)	Introdução ao autor e descrição das suas escaladas. Livro publicado <i>Scramble amongst the Alpes in the year 1860</i> , ilustrado por mapas e gravuras. Início de descrição pelo próprio da sua ascensão ao monte Pelvoux.	18-19 (Continua)					
	Noticias	1.4	PELO MUNDO	sem assinatura e sem data. (pela redação)	"(...) resenha dos factos que, mais estreitamente relacionados com a indole d'este jornal, durante a ultima quinzena preocuparam o mundo scientifico, industrial e commercial." Noticias divididas por Europa, Asia, Africa e America.	20					
NUMERO 2.											
	Outras Regioes	2.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	Continuação da descrição, na primeira pessoa, das paisagens percorridas com entrada pelo braço Maimax subindo o delta numa extensão de vinte milhas. Descrição das margens do Dwina [rio Duina] e ilhas visitadas, aldeias e monumentos. Descrição detalhada de objectos encontrados, como por exemplo jangadas, que prestam indicações interessantes sobre o viver dos habitantes. Descrição da cidade de Arkhangel (torreões, cúpulas, edificios públicos, cathedral, casa da camara, tribuna, palácio do governador...).	21-29 (Continua)					
					III O Dwina; IV Arkhangel; V A Vida Religiosa.						
desenho		2.1.1				21	MARGEM DO DWINA	Desenho de A. de Neuville, segundo um esboço de m. H. Dixon	A. de Neuville J. Gauchart		Paisagem da margem do rio
desenho		2.1.2				23	PRAAAMS E JANGADAS NO DWINA	Desenho copiado do natural por I. Moynet	I. Moynet		Paisagem a partir do mar
desenho		2.1.3				26	CASA (ISBA) DO NORTE DA RUSSIA	Desenho copiado do natural por E. Moynet	E. Moynet	Hildibrand	Paisagem da casa
desenho		2.1.4				29	A BENÇÃO DAS AGUAS	Desenho copiado do natural por I. Moynet	I. Moynet	J. Gauchart	Cerimónia no interior de cathedral
	Outras Regioes	2.2	ASCENÇÕES NOS ALPES	(Continuado do numero antecedente)	Continuação da descrição, na primeira pessoa, da expedição em grupo. Descrição da Ville-Valouise, a caminho dos picos de Pelvoux. "<O Grand Pelvoux> que desde o pico até à sua base tem dois mil e duzentos metros de rochedos cortados a pique."	29-33 (Continua)					

História Ciência Tecnologia Opinião	2.3	WELLINGTONIA GIGANTEA	Duarte de Oliveira, Junior.	Artigo sobre "a rainha das florestas", jamais excedida em dimensões, original da Califórnia. Citação do livro <i>Les Merveilles de la Végétation</i> de Mr. Marion para a sua descrição. Questionamento, sem resposta, do facto deste tipo de árvore não conseguir viver na Europa; opinião de que não é o frio que a mata em Portugal contrariamente ao que se pensa. Referência ao "congresso de botânica e de horticultura de Bruxellas" onde foram discutidas estas questões. Conselho de visita ao jardim do Palcio de Crystal e o da Cordoaria onde se poderão encontrar Willingtonias com sinal de doença. "... tem mais 7metros do que a torre da igreja dos Clerigos, o monumento mais elevado que existe em Portugal!" [p.35]	34-35					
desenho	2.2.1				35	WELLINGTONIA GIGANTEA	/	João Pedroso	/	"A gravura que acompanha estas linhas foi copiada pelo professor da Academia de Belas Artes de Lisboa, o snr. João Pedroso, de uma cromolithografia publicada na <i>Illustration Horticole 1854</i> ".
Notícias	2.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 22 de novembro.)		36					
		NUMERO 3.								
Outras Regioes	3.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	Introdução relação dos russos e igreja (nascimento, casamento, morte); símbolos e rituais. Relação sentimentos religiosos, vida social, direitos civis e deveres religiosos. Descrição de costumes de peregrinação. Descrição de Solovetsk, "Ilha Santa", parte de grupo de ilhas a alguma distancia das costas da Coralia. Descrição material dos seus edificios "As bellezas archeologicas a Ilha Santa junta o sentimento da arte e o brilho das cores". Descrição material e de cor: "cruzes vermelhas", "risonha cor verde e com dourados brilhantes", "um zimbório azul, salpicado com d'estrellas d'ouro" etc. [p.48]	37-50 (Continua)					
		VI Os Peregrinos - Frei João; VII Um navio com peregrinos; VIII As ilhas santas								
fotografia	3.1.1				37	EGREJAS D'ARKHANGEL	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	Bertrand	Paisagem de cidade vista do rio
fotografia	3.1.2				39	VISTA GERAL D'ARKHANGEL	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	J. Gauchart	Vista da cidade
fotografia	3.1.3				43	FREI JOÃO, CAPITÃO DE LA "VERRA"	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	C. Laplante	Retrato
fotografia	3.1.4				45	PEREGRINO MENDICANTE	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	C. Laplante	Retrato
fotografia	3.1.5				49	FEOFAN, ARCHIMANDRITA DO CONVENTO DE SOLOVETSK	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A de N	Hildibrand	Retrato
Portugal	3.2	COMOSGRAPHIA DOS LUSIADAS	Augusto Luso da Silva	Republicação pela direcção litteraria do jornal de estudo anteriormente publicado "n'um folheto por occasião de se celebrar o centenario de Camões", com poucos exemplares distribuidos. Referência ao desprezo sentido pelas noções e conhecimentos de geografia e matemática "pondo-se toda a sciencia na parte material dos mappas, sem conhecimento da sua construção, latitudes e longitudes (...)". Análise da "exacta descrição da esphera celeste e seus movimentos" no canto decimo dos Lusíadas que revela os conhecimentos do poeta Luis de Camões. [p.50] "Não quiz o poeta dar uma lição de astronomia, mas simplesmente uma idéa do sistema estudado no seu tempo (...) Mas tendo de fallar dos caminhos desconhecidos e terras descobertas pelos Portuguezes, precisava de dar a descrição da esphera terrestre, pedindo esta a descrição da celeste e o principio das cousas." [p.52]	50-52 (Continua)					
Notícias	3.3	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 10 de dezembro.)		52					
		NUMERO 4.								
Outras Regioes	4.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	Lenda da exclusao da mulher do arquipelago sagrado. História de vida de S. Savatie e S. Zozime. IX Os Santos de Solovetsk: Salvatie e Zozime.	53-56 (Continua)					
desenho	4.1.1				54	ALEXANDRE II VISITANDO AS RELIQUIAS DE S. ZOZIME, NO CONVENTO DE SOLVETSK	Desenho de A. Neuville	A. De Neuville	Hildibrand	Cena interior convento
Portugal	4.2	COMOSGRAPHIA DOS LUSIADAS	(Continuado do numero antecedente)	Análise e interpretação da descrição da "esphera celeste" a partir das estancias do Canto X, dos Lusíadas: LXXVII a LXXLI.	56-60					

T. Coloniais	4.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continuado do numero antecedente)	cont. I. :Tema dos excessos da escravatura; papel de Inglaterra na condenação dos mesmos; congresso de Viena no início do séc.19 que chama a atenção da diplomacia europeia para esta questão. Benéfica influencia da supressão da escravatura nas populações indígenas de África. "A África entrou n'um novo periodo; os cruzeiros que em outro tempos unicamente faziam a policia da sua bandeira e protegiam as populações pacificas contra os piratas e negreiros, hoje unicamente teem por missão o contribuir para o desenvolvimento do commercio e da industria." Descrição viagem da fragata <i>Zenobie</i> , partida de Toulon 1865 - costas Catalunha e Valencia, costa de Murcia, cabos Palos e da Gata, montanha de Gibraltar, rumo ao Senegal. Futuros percursos pelos "logares habitados pela raça Africana".  II. : Caracteres phisicos dos povos africanos - Africa septentrional e meridional.	61-67 (continua)					
fotografia	4.3.1				61	VISTA DE S. LUIZ	Desenho de A. De Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	J. Gauchart	Vista da cidade
fotografia	4.3.2				63	PONTE DE SOR EM S. LUIZ	Desenho de Jules Noel, segundo uma photographia	Jules Noel	/	Vista geral da ponte
fotografia	4.3.3				65	A COBERTA DA ZENOBIE	Desenho de Jules Noel, segundo uma photographia	Jules Noel	/	Vista dentro do barco
fotografia	4.3.4				66	SAPHI DO SENEGAL	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	Gauchard	Desenho de homem nativo com cavalo
Notícias	4.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 22 de dezembro de 1880.)		68					
NUMERO 5.										
Outras Regioes	5.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	X Orações e Trabalho. Ofícios e oficinas dos frades nas ilhas Santas; descrição utensilios feitos no convento de Solovetsk (artes decorativas). Actividade de agricultura, fabrico de mel, padaria, cervejaria. Indústria dos cestos; officina de tecelagem. Atelier de photographia visitado (paisagens, retratos e principalmente manifestações religiosas). Indústria naval.	69-73 (continua)					
fotografia	5.1.1				69	UM FRADE PHOTOGRAPHO NO CONVENTO DE SOLOVETSK	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	C. Laplante	Retrato
desenho	5.1.2				70	UTENSILIOS FEITOS EM SOLOVETSK [2 imagens]	Desenho de B. Bonnafoux, segundo um esboço de M. H. Dixon	B. Bonnafoux	J. Gauchart	Desenho de objectos
desenho	5.1.3				71	VISTA GERAL DO CONVENTO DE SOLOVETSK	Desenho de E. Théron, segundo uma litographia russa.	E. Théron	Bertrand	Paisagem vista aérea
Outras Regioes	5.2	ASCENÇÕES NOS ALPES	(Continuado do numero antecedente)	Descrição repouso em Bessée, rochedo despenhado das alturas a meio da noite; Continuação da subida e atravessamento da geleira; vislumbre do pico Arcines; panorama envolvente da paisagem de inumeros picos: o Monte-Branco, o grupo do Monte-Rosa, o Monte-Vizo.	73-77 (continua)					
fotografia	5.2.1				75	UM PERIGO NA "POINTE DE ECRINS"	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia de M. Whympfer.	A. de Neuville	Hildibrand	Cena de acção
T. Coloniais	5.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.II)	Estudos sobre a influencia que o clima e a alimentação exercem sobre o tom da pelle e o desenvolvimento dos corpos africanos.  III - Estudos sobre o Sahara - Costas, Cilma, população, religião, organização (tribos sedentárias, nómadas) - Geografia - Pescarias, barcos das Canarias - Cabo Bojador - Penha Grande, Rio do Ouro, Cabo Branco, Arguin - Precauções a tomar para entrar em relações com as tribos nómadas.  IV - Estudos sobre a linguistica e emigrações dos povos africanos.	77-83 (continua)					
fotografia	5.3.1				77	CATHEDRAL DE S. LUIZ	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	J. Gauchart	Vista edificio
fotografia	5.3.2				81	FAMILIA SENEGALESA, ORIUNDA DE S. LUIZ	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	A.Bertrand?	Retrato
Notícias	5.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 9 de janeiro de 1881.)		84					
NUMERO 6.										
Outras Regioes	6.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	XI - O Clero Negro - Philarete O Menor Relato da "ódio das classes mais gradas contra os frades" (o clero regular, ou o "clero negro"), pela sua opposição às reformas da igreja e do estado. Extensão do poder monástico no império da grande Rússia: "deserto salpicado de conventos" (não aplicado à Rússia nova..). Russia ainda na idade do heroismo religioso.  XII - Os Votos História de Ivan Jacovlivitch (considerado louco e tomado como mestre para os fiéis); votos de reclusão; o Tio Nicolau (extraordinário heroísmo voltando-se à expiação).	85-92 (continua)					
desenho	6.1.1				86	O CONVENTO DE SOLOVETSK, VISTO DO LADO DO MAR	Desenho de H. Clerget, segundo uma lytographia russa	H. Clerget	J. Gauchart	Paisagem vista do mar

fotografia	6.1.2				87	PHILARÈTE OUCHKA, CHAMADO O MENOR	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	C. Laplante	Retrato
fotografia	6.1.3				90	PHILARÈTE, O MENOR E OS SEUS TRÊS FILHOS	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	J. Gauchart	Retrato de grupo
desenho	6.1.4				91	O TIO NICOLÃO VOTADO Á ABJECCÃO	Desenho de A. de Neuville, segundo um esboço de M. H. Dixon	A. de Neuville	J. Gauchart	Retrato
T. Coloniais	6.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.VI)	Formação das línguas, facilidade no estudo da construção que apresentam - prefixas e sufixas.	92-95 (continua)					
fotografia	6.2.1				93	MERCADO DE S. LUIZ	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	?	Paisagem
Outras Regioes	6.3	ASCENÇÕES NOS ALPES	(Continuado do numero antecedente) Fim.	Descida do vértice até aos rochedos. Descrição da continuação do caminho e peripécias. Relatos na 1ª pessoa intercalados com comentários do editor (?) que abrevia a excursão até o desfiladeiro de Pilatte entre Vallouise e Bérard, fazendo ainda referência à passagem de M. Whymper no mesmo ano, pela primeira vez, da garganta Moming que liga Zigal a Zermatt e no ano seguinte a sua ascensão do Dent-Blanche por um caminho diferente, tendo a glória de descobrir uma passagem mais fácil.	95-99.					
Noticias	6.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 25 de janeiro de 1881.)		100					
NUMERO 7.										
Outras Regioes	7.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	XIII - O Grande Milagre O beneficio da religião dos frades de fazerem milagres. Histórias de milagres de Solovetsk.  XIV - Os Torreões Visita às celas das prisões de Solovetsk.	101-107					
desenho	7.1.1				102	SOROR MARIA, RECLUSA EM SOLOVETSK	Desenho de A. de Neuville, segundo uma lytographia russa.	A. de Neuville	J. Gauchart	Retrato
desenho	7.1.2				103	UM RECLUSO EM SOLOVETSK	Desenho de A. de Neuville, segundo uma lytographia russa.	A. de Neuville	J. Gauchart	Retrato
desenho	7.1.3				106	BOMBARDEAMENTO DE SOLOVETSK PELA ESQUADRA ANGLO-FRANCEZA EM 1854	Desenho de Jules Noel, segundo uma lytographia russa.	Jules Noel	Hildbrand	Paisagem
fotografia	7.1.4				107	UM PRISIONEIRO MYSTERIOSO DE SOLOVETSK	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. De Neuville	C. Laplante	Retrato
T. Coloniais	7.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.IV)	cont. IV: Emigração dos povos africanos, África septentrional; Legendas senegalesas.  V: Mouros senegaleses, Trarzas, Armaduras, Costumes, Gomma, Rebanhos; População do Senegal; S. Luiz.	108-112					
fotografia	7.2.1				110	RAPARIGA DE S. LUIZ	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	AB	Retrato
fotografia	7.2.2				111	CRIADAS ORIUNDAS DO SENEGAL	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	AB	Retrato
T. Coloniais	7.3	EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS	Lourenço Malheiro	Questões do complexo problema da colonização e valorização dos territórios em África; preocupação de encontrar um sistema racional de administração colonial; questão de interesse que agita os esperíritos e necessita de envolver pessoas e financiamentos; importante esforço da Sociedade de Geographia nesta propaganda e movimento da necessidade do conhecimento de territórios inexplorados. O autor defende a necessidade de uma carta geographica do território que não existe ainda; de explorações científicas aos territórios. Exemplo dos EUA e Inglaterra. Conhecimento geológico necessário. Exemplo das minas e exploração de ferro, carvão e petróleo impulsionadores do progresso nos EUA.	112-115					
Noticias	7.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 10 de fevereiro de 1881.)		116		/			
NUMERO 8.										
Outras Regioes	8.1	A RUSSIA LIVRE	(Continuado do numero antecedente)	XV - Nicolau Ilyan (o prisioneiro visto em Solovetsk que era um polaco acusado pelos frades de impostura e falso zelo pela Igreja orthodoxa)  XVI - Dissidências religiosas (mistério dobre outras doutrinas que o imperador não reconhece como nacionais) - os Pequenos Cristãos (...)	117-122					
fotografia	8.1.1				117	M. SAMARIN, REDACTOR DA "GAZETA DE MOSCOU"	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	C. Laplante	Retrato
fotografia	8.1.2				121	VISTA DO CONVENTO DE TROITSA	Desenho de E. Théron, segundo uma photographia	E. Théron	/	

	História Ciência Tecnologia Opinião	8.2	ESTUFA DE S. M. EL-REI LEOPOLDO II	Duarte de Oliveira, Junior.	Monumento à horticultura visitado pelos membros jury da exposição de Bruxellas, a convite do rei. Descrição da visita e chegada ao palácio d'El-rei. Mais de cem visitantes de entre todas as nações d'Europa. Descrição, conforme estampa, da estufa, dimensões, construção, plantas interiores, sistema de aquecimento e ainda do jardim da restante propriedade. Referência a "Cintra", de quem o rei belga Leopoldo II era admirador, como o verdadeiro "eden de Portugal".	123-128						
s/ indicação		8.2.1				124	VISTA EXTERIOR DA ESTUFA DE S. M. EL REI LEOPOLDO II EM LAEKEN	/	/	WG?		Vista exterior edifício
s/ indicação		8.2.2				125	VISTA INTERIOR DA ESTUFA DE S. M. EL REI LEOPOLDO II EM LAEKEN	/	/	WG?		Vista interior edifício
	T. Coloniais	8.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.V)	S. Luiz, fundação, descrição; Tripulantes das Piroga; Gente de cor, Captivos, Voluntarios guerreiros; Aspecto do rio, Barreira de Lampsar.	128-130						
fotografia		8.3.1				129	MOISES, "LAPTOT"	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. De Neuville	C. Laplante		Retrato
	T. Coloniais	8.4	EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS	(Continuado do numero antecedente)	Continuação do exemplo da influencia das minas no desenvolvimento dos EUA. Austrália como exemplo da influencia das minas na colonização; as republicas americanas de origem hespanhola (Bolivia, Mexico, Chili) e a importância do auxilio da indústria mineira.	130-131						
	Notícias	8.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 23 de fevereiro de 1881.)		131						
		NUMERO 9.										
	Outras Regioes	9.1	A RUSSIA LIVRE	Continuação capítulo XVI	(...) Os Mutulistas; os Refractarios ao imposto; Os Napoleónicos; A Egreja popular - Os Velhos Crentes.	133-139						
fotografia		9.1.1				133	VISTA DO CONVENTO DE TROITSA	Desenho de E. Therond, segundo uma photographia	E. Therond	/		Vista cidade
fotografia		9.1.2				137	O VELHO CRENTE	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	J.Gauchard	SC	Retrato
	T. Coloniais	9.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.V)	Jardim de Ricardo Troll; Dagana; Podor; Bracknas; Douaichs; Regimen Commercial; Costumes; Guerra no Senegal. VI: Legendas do alto Senegal; Carácter do chefe do rio do Senegal.	139-144						
fotografia		9.2.1				140	O NIVELAMENTO	Desenho de A. Marie segundo uma photgraphia	A. Marie	C. Laplante		Paisagem/ grupo pessoas
fotografia		9.2.2				141	ALTO SENEGAL - UM PASTOR PEUL	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	AB		Retrato
fotografia		9.2.3				142	MULHERES DO SENEGAL	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	Hildibrand		Retrato grupo
fotografia		9.2.4				143	PHARA PENDA, CHEFE O RICHARD TOLL	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	Bertrand	SC	Retrato grupo
	T. Coloniais	9.3	EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS		(No séc XVI) O caso do Brazil e exploração do ouro e diamantes. A descoberta da minas de Sofalla que permitiram o desenvolvimento das conquistas em Africa, a sua importância e a falta de conhecimentos actuais sobre as mesmas. Em Angola as tentativas de conquista das minas de Cambambe nas margens do Quanza e as minas de cobre de Bengella. O comercio de escravos do séc. XVIII e o abandono da preocupação com as minas.	145-147						
	Notícias	9.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 10 de março de 1881.)		148						
		NUMERO 10.										
	Outras Regioes	10.1	A RUSSIA LIVRE	continuação capítulo XVI	(...) Os Velhos Crentes; Um cemiterio de Velhos Crentes.	149-155						
fotografia		10.1.1				153	CEMITÉRIO DA TRANSGIFURAÇÃO, PERTO DE MOSCOU, EGREJA DE VELHOS CRENTES	Desenho de E. Therond, segundo uma photographia	E. Therond	A. Kohl		Vista exterior edifício
	Portugal	10.2	ARREDORES DE GOLLEGÃ	José Relvas	Descrição paisagem da região que circunda a Gollegã, contraste entre as duas culturas predominantes de olivedo e ceara. Campo limitado pelas serra de Minde, Matto de Miranda, rio Almonda e rio Tejo. Descrição do "tom suave" do aspecto viçoso dos pastos e cereais e simultaneamente "tom phantastico" da beleza do campo inundado formando um lago extenso, palco por vezes de temporais violentos. Considerações sobre a construção do pontão do campo e consequências nos campos e plantações que alagam. "Quadro lutuoso" sobre a negligência face às riquezas naturais; apresentação de soluções para a economia e hygiene da zona. Descrição do campino, "typo de uma classe" do Ribatejo. "[As gravuras] São copiadas de photographias a que a empreza quiz prestar gentil homenagem, fazendo-as reproduzir por Hildibrand, um dos mais conceituados gravadores da França." [p.158]	156-159						
fotografia		10.2.1				156	ARREDORES DA GOLLEGÃ [1]	Segundo uma primorosa photographia de mademoiselle Margarite Relvas	(Margarite Relvas)	Hildibrand		Paisagem com pastor e vacas

fotografia	10.2.2				extra	ARREDORES DA GOLLEGÃ [2]	Segundo uma primorosa photographia de mademoiselle Margarite Relvas	(Margarite Relvas)	Hildibrand	Paisagem lago com barcos
T. Coloniais	10.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.VI)	Histórias sobre "legendas senegalezas" - conflitos entre o rei dos Peuls e Samba.	159-161						
fotografia	10.3.1			160		GUEDÉ	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. Bar	/	Paisagem
fotografia	10.3.2			160		N'DIUM	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. Bar	/	Paisagem
T. Coloniais	10.4	EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS DAS COLONIAS PORTUGUEZAS	Referência à riqueza mineral de Angola e observação de amostras de minérios, produtos metalurgicos da "industria do negro" que fundamentam estudos da sua proveniência. Necessidade de primeira ordem das explorações geológicas dos territórios africanos (para servirem de base a um sistema racional de administração, colonização, emigração) como já o fizeram algumas nações colonizadoras que valorizam os seus territórios. Apelo à atenção do colono e do capitalista.	161-163						
Notícias	10.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 25 de março de 1881.)	164						
		NUMERO 11.								
Outras Regioes	11.1	A RUSSIA LIVRE	Continuação capítulo XVII	Continuação da descrição das <i>Caseas e Aldeias</i> russas; XVIII - A Vida Patriarcal - Uma Boda, Condição da Mulher.	165-172					
desenho	11.1.1			166		NIKON (ELEAZAR D'ANZERK)	Desenho de E. Therond, segundo uma litographia russa	E. Therond	J.Gauchard	Figura santa
fotografia	11.1.2			167		LEONIDAS, PATRIARCA DE MOSCOU	Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia	Émile Bayard	AB	Retrato
desenho	11.1.3			171		UMA "TARANTASE"	Desenho tirado do natural por I.Monet	I.Monet	?	Cena em cidade
T. Coloniais	11.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.VI)	Victoria de Samba; descrição destas histórias tentam desenhar o caracter da raça negra (e o quão perigosas podem ser as suas proclamações de guerra). Menção especial ao capitão do rio, "é o piloto do rio, de que conhece todos os seus perigos".	172-176						
fotografia	11.2.1			173		MULHERES DO ALTO SENEGAL, SAROKOLEZAS E KASSONKEZAS	Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia	Émile Bayard	H.Koch	Retrato par
fotografia	11.2.2			174		ALTO SENEGAL: PEUL	Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia	Émile Bayard	C. Laplante	Retrato
fotografia	11.2.3			175		ALTO SENEGAL: PEUL	Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia	Émile Bayard	AB	Retrato
T. Coloniais	11.3	A QUESTÃO DO TRANSVAAL	Augusto de Castilho	"Este valioso trabalho já publicado n'um opusculo, foi pello proprio conferente colligido d'uma conferencia feita da <i>Sociedade de Geographia de Lisboa</i> ". Reprodução no periodico deste trabalho, considerado pela redação um assunto pertinente.	176-179					
Notícias	11.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa,10 de abril de 1881.)	I - A independencia do TRANSVAAL reconhecida pelos inglezes em 1852 , <i>Convenção do Rio Sand</i> ; II - Anexação do TRANSVAAL pelos inglezes em 1877 (...)	180					
		NUMERO 12.								
Outras Regioes	12.1	A RUSSIA LIVRE		XIX - Aldeias Republicanas - Comunismo.	181-184					
desenho	12.1.1			182		ACAMPAMENTO DE REFRACTARIOS	Desenho tirado do natural por I.Monet	I.Monet	/	Cena em acampamento
desenho	12.1.2			183		CABANA DE REFRACTARIOS	Desenho tirado do natural por I.Monet	I.Monet	Gauchard	Paisagem / cabana
T. Coloniais	12.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.VI)	Casta dos Tiedos ou nobres	VII - Gorêa, população- Dakar, população, escravidão - Escolas musulmanas - Mgr. Kobés, Jpal, O Saloum, A Gambia, Albréda, Santa maria de Bathrust, Maccarthy - Navegação fluvial, população, commercio. VIII - Caçadas na Africa - "quase o unico passatempo" para os europeus, dificil e perigosa - Deserto - Abestruzes.	184-192					
fotografia	12.2.1			186		PODOR	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. Bar	J. Gauchard	Vista da margem
fotografia	12.2.2			187		FORTÉ GORÉA	Desenho de A. Bar, segundo uma litographia	A. Bar	Hildibrand?	Vista exterior edificios
fotografia	12.2.3			190		MARABUTOS DA GORÉA	Desenho de J. Fresquet, segundo uma photographia	J. Fresquet	J. Gauchard	Retrato grupo
fotografia	12.2.4			191		NEGROS CIVILIZADOS DA GORÉA	Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia	A. Neuville	J. Gauchard	Retrato grupo
T. Coloniais	12.3	A QUESTÃO DO TRANSVAAL	(...); III - Protestos do TRANSVAAL CONTRA A ANEXAÇÃO, 1877; <i>Protesto</i>	192-195						
Notícias	12.4	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa,25 de abril de 1881.)	196						
		NUMERO 13.								
Outras Regioes	13.1	A RUSSIA LIVRE		XX - As Cidades XXI - Kiev.	197-202					

fotografia	13.1.1				198	MUSICO D'ALDEIA	Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia	A. Neuville	C. Laplante	Retrato
fotografia	13.1.2				199	CONVENTO DE SANTA THEODOSIA EM KIEV	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	J. Gauchard	Paisagem edificios
fotografia	13.1.3				202	MULHER RUSSA	Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia	Émile Bayard	Hildibrand	Retrato
T. Coloniais	13.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.VIII)	Abetardas, Pintadas, Leões - Caçadas no rio, Crocodilos, Elephantes - Caçadas no Cabo Verde.		203-206					
fotografia	13.2.1				203	PALACIO DO GOVERNADOR NA GORÊA	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. Bar	Hildibrand	Edificio exterior
fotografia	13.2.2				205	PRAÇA DO MERCADO NA GORÊA	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. Bar	AB	Vista mercado
História Ciência Tecnologia Opinião	13.3	O HOMEM	Augusto Luso	"Estrahido da parte politica do <i>Compendio de Geographia</i> , que brevemente sahira á luz, devido ao sábio professor o snr. Augusto Luso." O homem como ser organizado (reino animal) e ser inteligente ( <i>reino hominal</i> )	206-207					
T. Coloniais	13.4	A QUESTÃO DO TRANVAAL		(...); VI - Esforços pacíficos do TRANVAAL para reaver a sua independencia, 1878, <i>Cartas dos delegados do Transvaal ao secretario d'Estado das Colonias 1878</i>	207-211					
Notícias	13.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 9 de maio de 1881.)		212					
NUMERO 14.										
Portugal	14.1	COSTUMES PORTUGUEZES	Theophilo Braga	Descrição das principais características das "mulheres dos arredores do Porto". Importância dos costumes nacionais que, na opinião do autor, não têm sido estudados. Interesse científico na vida doméstica portuguesa, pitoresca nos seus usos e tradições. Reprodução dos "typos" através da arte. Descrição/ análise do desenho <i>A mulher d'Avintes</i> de Columbano.	213-215					
fotografia	14.1.1				213	MULHER D'AVINTES	Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, segundo uma photographia d'Emilio Biel / C.ª e gravura de Hildibrand	Columbano Bordallo Pinheiro	Hildibrand	Retrato
História Ciência Tecnologia Opinião	14.2	GERMANOS	Louis Figuier	"Das <i>Raças humanas</i> , de Luiz Figuier e versão portuguesa de Abilio Lobo, que a Empreza Litteraria Luso-Brazileira está publicando, transcrevemos hoje 12 paginas da primeira caderneta, já distribuída pelos seus numerosos assignantes."	215-222					
s/ indicação	14.2.1				216	TRAJES DA SUABIA (2 gravuras)	/	DL	AG?	Retrato / trajes
s/ indicação	14.2.2				216	TRAJES DA SUABIA (+2 gravuras)	/	DL	AG?	Retrato / trajes
s/ indicação	14.2.3				217	TRAJES DO WUTEMBERG (2 gravuras)	/	DL	AG?	Retrato / trajes
s/ indicação	14.2.4				218	TRAJES DO DUCADO DE BADEN	/	/	/	Retrato / trajes
s/ indicação	14.2.5				219	TRAJES DA BAVIERA, MUNICH (2 gravuras)	/	DL	/	Retrato / trajes
s/ indicação	14.2.6				220	TRAJES D'ALSACIA-LORENA, STRASBURGO	/	/	/	Retrato / trajes
Outras Regioes	14.3	A RUSSIA LIVRE		XXII - Exilio, A Condessa B... (...)	222-226					
fotografia	14.3.1				223	CONVENTO DE ST. ANTONIO EM KIEV	Desenho de E. Théron, segundo uma photographia	E. Théron	Hildi	Vista exterior
fotografia	14.3.2				225	ALDEIA RUSSA	Desenho de I. Monet, segundo uma photographia	I. Monet	/	Vista margem aldeia
T. Coloniais	14.4	A QUESTÃO DO TRANVAAL		(...) cont capit. anterior	226-227					
Notícias	14.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 25 de maio de 1881.)		228					
NUMERO 15.										
Portugal	15.1	TYPOS PORTUGUEZES	Theophilo Braga	<i>O VARINO</i> . Descrição de fisionomia e espirítio do "homem do mar"; provenientes da costa de Ovar.	229-230					
fotografia	15.1.1				229	VARINO	Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, segundo uma photographia d'Emilio Biel & C.ª e gravura de Hildibrand	Columbano Bordallo Pinheiro	Hildibrand	Retrato
Outras Regioes	15.2	A RUSSIA LIVRE	Continuação cap. XXII	(...); XXIII - Os Siberianos.	230-236					
fotografia	15.2.1				232	O MOÇO DE FRETES RUSSO	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	J. Gauchard	Retrato
fotografia	15.2.2				233	O ANTIGO PALACIO DO KHAN TARTARO EM BATHCHI-SERAI	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	J. Gauchard	Edificio exterior

	T. Coloniais	15.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.VIII)		Aldeia de Hann; Jardins de Hann. IX - Cazamance; Sehion, Povos, Religião, Flora - Zikinchor, Bissagos, Boulam, Fouta Diallon.	236-240						
fotografia		15.3.1				237	UM CAIXEIRO DO SENEGAL	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville /		Retrato	
fotografia		15.3.2				238	UM CAIXEIRO DO SENEGAL	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville /		Retrato	
fotografia		15.3.3				239	INTERIOR DO HOSPITAL DA GORÊA	Desenho de A. Marie segundo uma photgraphia	A. Marie	J. Gauchard	Edifício exterior	
	T. Coloniais	15.4	A QUESTÃO DO TRANSVAAL		(...) cont capit. Anterior; transcrição carta de resposta do secretario d'Estado das colonias aos delegados do Transvaal	240-243						
	Notícias	15.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa,10 de junho de 1881.)		244						
NUMERO 16.												
	Portugal	16.1	UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VYZELLA	A redacção?	Descrição dos arrabaldes de Vizella (distrito de Braga?); O coração da aldeia: a <i>Lameira</i> ; paisagem, povoação, casas; exaltação da simplicidade da natureza; referência ao fascínio do <i>touriste</i> estrangeiro que por ali passe por oposição ao "desaproveitamento do indígena"	246-247						
fotografia		16.1.1				245	UMA PAYSAGEM DAS CALDAS DE VYZELLA	Segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.mo Carlos Relvas e gravura de Severini	Carlos Relvas (foto original)	Severini	Paisagem	
	Outras Regioes	16.2	A RUSSIA LIVRE		XXIV - Um Côrte Tartara XXV - Os Servos	247-254						
fotografia		16.2.1				248	BATCHI-SÉRAI	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	J. Gauchard	Edifício exterior	
desenho		16.2.2				249	PALACIO D'INVERNO EM S. PETERSBURGO	Desenho de I. Monet, segundo um esboço tirado ao natural	I. Monet	AB	Edifício exterior	
desenho		16.2.3				253	VISTA GERAL DE MOSCOU	Desenho de I. Monet, tirado ao natural	I. Monet	C. Laplante	Paisagem de cidade	
	História Ciencia Tecnologia Opinião	16.3	ESBOÇO DE MYTHOLOGIA IBERICA	Theophilo Braga (continua)	Análise do termo empregado nas locuções populares portuguesas: <i>O Trango-Mango</i> ; seu significado e origem.	254-256						
	T. Coloniais	16.4	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA (Continua cap.IX)		Rio-Nunez; Povos; Karkandy, Forte de Bokey, Cataratas, Landoumans, O Seuto, Caminhos para o interior, Rio Pongo, Mella Corêa, Estações.	256-259						
fotografia		16.4.1				257	MERCADO NA GORÊA	Desenho de A. Marie segundo uma photgraphia	A. Marie	Hildibrand	Edifício exterior	
fotografia		16.4.2				259	GRIOTS DA GORÊA	Desenho de J. Fesquet, segundo uma photographia	J. Fesquet	Laplante	Retrato grupo	
	Notícias	16.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa 24 de junho de 1881.)		260						
NUMERO 17.												
	Portugal	17.1	TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL	Sousa Pinto	Exaltação dos arredores de Villa Real, a partir da gravura ilustrativa. "A gravura que damos hoje, é cópia d'uma formosa photographia cedida pelo ex.mo snr. Carlos Relvas, distincto photographo amator, e representa uma das mais bonitas paysagens de Traz-os-Montes nos arredores de Villa Real. Descrição a provincia, paisagem, industria, homens e mulheres... Referência à Serra do Marão (e fotografias da mesma na posse do jornal a serem publicadas em breve...)	262-263						
fotografia		17.1.1				261	TRAZ-OS-MONTES: ARREDORES DE VILLA REAL	Desenho de Casanova, gravura de F. Pastor, segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.mo Carlos Relvas	Casanova	F. Pastor	Paisagem	
	História Ciencia Tecnologia Opinião	17.2	ESBOÇO DE MYTHOLOGIA IBERICA	Conclusão.	Continuação da análise anterior através de exemplos de "parlendas populares" onde é utilizada a expressão.	263-265						
	História Ciencia Tecnologia Opinião	17.3	TEMPESTADAS E NAUFRAGIOS	Zurcher e Margollé	Descrição das tempestades e naufrágios mais notáveis. Tentativa de reprodução de descrição de testemunhas e resumos cuidadosos que tentam não omitir factos essenciais. "Voltando hoje ás commoventes narrativas dos dramas maritimos originados pelas violentas perturbações atmosphericas, nao temos por unico fim agitar a sensibilidade do leitor, mas principalmente desejamos mostrar, como o progresso da sciencia unido ao abençoado desenvolvimento dos sentimentos humanitarios, dia a dia, faz com que as victimas d'essas perturbações diminuam e com que se estreitem tambem os laços que, no meio do flagello da guerra, preparem a paz duradoura, a fecunda alliança das nações cristãs." Perda do <i>Captain</i> - Tufões no Japão - <i>Cyclones</i> no Atlântico - Cyclonei apanhado pelo Amazone.	265-271						
fotografia		17.3.1				266	OS ROCHEDOS D'AR-MEN	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Webber /		Vista mar/ barcos	

desenho	17.3.2				267	NAUFRAGIO DO "VILLE DU HAVRE" a 20 de novembro de 1873	Desenho de Riou	Riou	A. Kohl	Vista mar/ barcos
desenho	17.3.3				269	BARCO SALVA-VIDAS	Desenho de Riou, segundo um esboço dos autores	Riou	Barbant	Vista mar/ barcos
	17.4	História Ciência Tecnologia Opinião	AS VIAGENS DE FRANCISCO D'HOLLANDA	Joaquim de Vasconcellos	271-273	"O presente artigo é fragmento de uma biographia inedita sobre documentos novos, que sahira á frente do tratado <i>Da Pintura antiga</i> , unico que nos falta publicar e que está no prélo." Descrição das viagens do artista iluminista renascentista portugues Francisco d'Hollanda (Italia, Lombardia, Sicilia, parte de França e de Hespanha. Referência que será dada, num outro artigo, a lista critica completa dos desenhos de Hollanda e documentos ilustrativos das suas viagens.				
	17.5	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.IX)	273-275	As Estações. X: Aspecto da Serra Leoa.				
fotografia	17.5.1				275	HOTEL DES MESSAGERIES	Desenho de A. De Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Hildibrand	Edifício exterior
fotografia	17.5.2				275	VISTA DE DAKAR	Desenho de A. De Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	/	Paisagem de cidade
Notícias	17.6		PELO MUNDO	A.L. (Lisboa 10 de julho de 1881.)	276					
			NUMERO 18.							
	18.1	Portugal	A CASA DOS BICOS	Joaquim de Vasconcellos	277-280	Referência ao artigo publicado em 1860 no <i>Archivo Pittoresco (vol. III)</i> sobre a Casa dos Bicos, questões históricas que levanta e curiosidades. Crítica da falta de informações no artigo anterior relativamente à <i>questão artística</i> . Identificação do construtor Braz de Albuquerque (filho de Afonso de Albuquerque); estado actual apresenta apenas um fragmento da construção antiga; história da sua construção, data 1523. Questão artística: factos que contrapõem o artigo do <i>Archivo</i> ; estilo Renascentista; elementos architectónicos dos bicos, arcos estilo <i>manuelino</i> : Exemplos semelhantes: em Segóvia <i>La casa de los picos</i> . Demonstração da "vulgaridade" deste processo de ornamentação; desmistificação das "invenções da imaginação popular" ainda hoje usadas para justificar aspectos da casa.				
s/ indicação	18.1.1				277	A CASA DOS BICOS EM LISBOA	S/ autor (gravura de madeira publicada em 1860 no <i>Archiv Pittoresco</i> ?)	Barclay	Barbant	Edifício exterior
	18.2	História Ciência Tecnologia Opinião	TEMPESTADAS E NAUFRAGIOS	(Continuado do numero antecedente)	281-288	Furacão em Zanzibar - Golpe de vento no Baltico - Perda de Northfleet - Naufragio de <i>Ville-du-Havre</i> - Incendio do <i>Cospatrick</i> .				
desenho	18.2.1				283	BOIA DE SALVAÇÃO LUMINOSA PELO PHOSPHORETO DE CALCIO	Desenho de Th. Weber, segundo um esboço dos autores	Th. Webber	AB	Vista mar/ barcos
desenho	18.2.2				285	CYCLONE APANHADO PELO "AMAZONE"	Desenho de Th. Weber, segundo um esboço dos autores	Th. Webber	Hildibrand	Vista mar/ barcos
desenho	18.2.3				287	INCENDIO DO COSPATRICK	Desenho de Th. Webber	Th. Webber	Hildibrand	Vista mar/ barcos
T. Coloniais	18.3		CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.X)	288-290	O pharol, Free-Town; as lavadeiras crumanas; visita a Free-Town.				
fotografia	18.3.1				289	PONTO DE DESEMBARQUE EM DAKAR	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	C. Laplante	Paisagem de cidade
T. Coloniais	18.4		A QUESTÃO DO TRANSVAAL		290-291	(...) cont capit. anterior; <i>Carta dos delegados ao Ministro</i>				
Notícias	18.5		PELO MUNDO	A.L. (Lisboa 25 de julho de 1881.)	292					
			NUMERO 19.							
	19.1	Portugal	ARCO DA RUA AUGUSTA		293-294	Descrição do projecto do Arco da Rua Augusta apresentado pelo artista frances snr. Camels, "que era, como se vê na gravura digno de ter apparecido um seculo antes". Convicção de que será um monumento dos séculos, apesar de ter tido uma existência legendária até à data. "Cada geração há-de trazer uma pedra, accrescentar um festão, bordar um lavor, juntar uma estatua, rendilhar uns cinzelados, prolongar um entablamento, tecer uma nova grinalda. Em quanto existir Portugal, ha de estar em via de construção o arco da Rua Augusta."				
fotografia	19.1.1				293	ARCO DA RUA AUGUSTA	Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia	H. Catenacci	A. Kohl	Vista monumento
	19.2	História Ciência Tecnologia Opinião	TEMPESTADAS E NAUFRAGIOS	Conclusão.	294-300	Barco de salvavidas de Camaret - Leis da tempestade - Meteorologia telegraphica -Os Pharoes - Sociedades de Salvação.				
desenho	19.2.1				296	BOIA DE SALVAÇÃO ILUMINADA PELO PHOSPHORETO DE CALCIO (corte)	Segundo um desenho feito na escola pyrothecnica de Toulon	/	/	Desenho técnico
desenho	19.2.2				297	ESTAÇÃO TELEGRAPHICA SEMAPHORICA E PHAROL D'AGDE (HERAULT)	Desenho de H. Clerget, segundo um esboço cedido pelo auctor	H. Clerget	Barbant	Edifício exterior

	História Ciência Tecnologia Opinião	19.3	NAUFRAGIOS AERIOS	Gastão Tissandier	Apesar da ascensão dos primeiros balões ter ocorrido há 90 anos ainda existe hesitação em confiar no meio aéreo. Proporção dos naufrágios aéreos menor que a dos marítimos e de caminho-de-ferro. Sinistros aéreos quase sempre consequência de ignorância ou loucura... Exemplos de acidentes mais vulgares nas viagens aerias. Relato do próprio testemunho. O Balão <i>Jean-Beart</i> .	300-306					
desenho		19.3.1				302	BALÃO ATIRADO, NO MOMENTO DA PARTIDA, CONTRA UM GAZOMETRO DA FABRICA DE GAZ DE LA VILLETE, a 7 de março de 1869	Desenho de A. Marie, segundo um esboço d'Albert Tissandier	A. Marie	/	Cena segundo esboço
desenho		19.3.2				303	EFEITOS DA SOMBRA D'UM BALÃO COM AUREOLA LUMINOSA OBSERVADA POR CIMA DAS NUUVENS	Desenho d'Albert Tissandier tirado ao natural	Albert Tissandier	Barbant	Esboço ao vivo
desenho		19.3.3				305	MORTE DO AERONAUTA LA MOUNTAIN, SEPARADO DO SEU BALÃO A 4 DE JULHO DE 1873, EM IONA (ESTADOS-UNIDOS)	Desenho d'Albert Tissandier	Albert Tissandier	C. Laplante	Cena
T. Coloniais		19.4	A QUESTÃO DO TRANVAAL		(...) cont capit. anterior; <i>Carta dos delegados ao Ministro</i>	306-307					
Notícias		19.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa 10 de agosto de 1881.)		308					
NÚMERO 20.											
	História Ciência Tecnologia Opinião	20.1	NAUFRAGIOS AERIOS	(Continuado do numero antecedente)	Naufrágios aerios em que os autores experimentaram "vivas comoções, mas não a morte". O balão <i>Neptune</i> . O pequeno aerostata <i>Tricolore</i> .	309-314					
texto		20.1.1				310	M. E M.me DURUOF NA BARQUINHA DO BALÃO "LE TRICOLEUR", DESCIDO Á SUPERFICIE DO MAR DO NORTE (1 de setembro de 1871)	Desenho de A. Marie, segundo um esboço d'Albert Tissandier feito segundo umas notas dadas por M. J. Duruof	A. Marie	/	Cena segundo esboço e notas
texto		20.1.2				312	O AEROSTATA DE M. SILVEL PRESO Á SUPERFICIE DO MAR POR MEIO DE "CONE-ANCORA" (19 d'agosto de 1874)	Desenho de Albert Tissandier, segundo umas notas dadas por M. Silvel	Albert Tissandier	AB	Cena segundo notas
desenho		20.1.3				313	BALÃO DO CÉRCO DE PARIS PASSANDO POR CIMA DO ACAMPAMENTO PRUSSIANO (14 d'outubro de 1870)	Desenho de Albert Tissandier, copiado ao natural	Albert Tissandier	Barbant	Desenho ao vivo
T. Coloniais		20.2	EXCERPTO DO LIVRO "DE BENGUELA ÀS TERRAS DE IACCA"	Capello e Ivans	Pucliação de excerto do livro, "obsequiosamente cedido pelos auctores" sobre experiência em terras do Hungo.	315-318					
desenho		20.2.1				317	MULHERES DO HUNGO	Gravura de Christino, segundo um esboço de Ivans	Christino	JR.Christino.De s.Sc	Retrato pessoas
T. Coloniais		20.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.X)	Visita a Free-Town, o warf, a rua principal, Casas, Palacio do Governador, Quarteis, Arrabaldes, Cubatas dos libertos, Sua susceptibilidade, Cavalgata, Um acidente. XI: Deslocamento dos povos do interior; Conquistas mandingues; Marabutos; Timanios; Mandigues; O Kouranko; Soulimana.	318-322					
fotografia		20.3.1				320	FREE-TOWN, CAPITAL DA COLONIA DA SERRA-LEOA	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Bertrand	Paisagem cidade
fotografia		20.3.2				321	FREE-TOWN, VISTA TIRADA DO MAR	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Bertrand	Paisagem cidade
T. Coloniais		20.4	A QUESTÃO DO TRANVAAL		(...) cont capit. anterior	322-323					
Notícias		20.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa 26 de agosto de 1881.)		324					
NÚMERO 21.											
	Portugal	21.1	CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA	P. A. Ferreira	"As cartas que hoje principiam a publicar são devidas à penna do exc.mo e rev.mo snr. dr. P. A. Ferreira, dignissimo abbdade da freguezia de Miragaya." Escritos do acampamento da expedição scientifica à Serra da Estrela . <i>5 d'Agosto de 1881</i> Descrição da viagem e do acampamento em Loriga (concelho de Ceia) A Lagoa Escura (acompanhamento dos incubidos dos desenhos e paysagens); A Lagoa Comprida. Descrição dos guias - pastores que conhecem a montanha.	326-327					
fotografia		21.1.1				325	FERVENÇA (SERRA DA ESTRELLA)	[no final do capítulo p.366: "A gravura que, sob o título <i>A Fervença</i> , publicamos a pagina 325, é cópia d'uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.mo snr. Carlos Relvas. A Redacção."	foto original base de Carlos Relvas	Hildibrand	Paisagem natural

	História Ciência Tecnologia Opinião	21.2	NAUFRAGIOS AERIOS	Conclusão.	Viajens levadas a cabo por homens de coragem, marinheiros, sem saber manobras aerostaticas, em condições muitas vezes de intempéries - que justifica a frequência de naufrágios aéreos. O balão <i>Bretagne</i> , o <i>Gallié</i> , o <i>Daguerre</i> ...	327-334					
texto		21.2.1				329	DESCIDA DO BALÃO DE "VILLE D'ORLEANS" NO MONTE LID NA NORUEGA (25 de novembro de 1870) por M. Roiler	Desenho de Albert Tissandier, segundo apontamentos dados por M. Roiler	Albert Tissandier	Hildibrand	Cena a partir de relato
desenho		21.2.2				332	TRANSPORTE DO BALÃO CAPTIVO "JEAN BART" PARA AS AVANÇADAS DO EXERCITO DO LOIRE	Desenho tirado ao natural por Albert Tissandier	Albert Tissandier		Cena ao vivo
desenho		21.2.3				333	O "FOURGON" DOS AERONAUTAS MILITARES DEIXANDO ORLEANS A 5 DE DEZEMBRO DE 1870	Desenho de A. Marie, segundo um esboço d'Albert Tissandier	A. Marie	C. Laplante	Grupo
	T. Coloniais	21.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	Continuado do numero anterior	XII: Religiões: muçulmana, fetichista; Templos e ídolos; Constituição dos impérios africanos; Chefes, General em chefe, Vida Civil, Esponsaes, Casamentos, Costumes, Divorcio, Ceremonias funebres, Julgamento depois da morte.	335-338					
fotografia		21.3.1				336	RUA E QUARTÉIS EM FREE-TOWN	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Barbant	Paisagem cidade
	T. Coloniais	21.4	CONFERENCIA DO ENGENHEIRO EXPLORADOR AFRICANO LOURENÇO MALHEIRO, FEITA NA NOITE DE 29 DE JULHO DE 1881 PELA OCCASIÃO DA SUA PASSAGEM EM LOANDA	Engenheiro explorador africano Lourenço Malheiro <i>Feita na noite de 29 de Julho de 1881 pela ocasião da sua passagem por Loanda</i> (continua)	"Este extracto da notavel conferência do disctintissimo engenheiro chegou á nossa mão no dia em que tivemos a ventura d'abraçar este excelente colega da imprensa e apreciabilissimo character de volta da sua viagem á Africa e apressamos em dar d'este trabalho do insegue explorador conhecimento ao publico (...)" Descrição detalhada da conferência da viagem de Lourenço Malheiro, na terceira pessoa; suas opiniões sobre assuntos coloniais; missão de visita e estudo das minas de enxofre de Dombe Grande.	338-339					
	Notícias	21.5	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 10 de setembro de 1881.)		340					
			NUMERO 22.								
	Portugal	22.1	CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA	(Continuado do numero antecedente)	8 d'Agosto de 1881 Visitas na serra: a pyramid da Estrella, as lagoas Escura e Comprida, a do Paixão, O Cantaro Gordo, o Cantaro Magro e o Cantaro Raso. A rua do Inferno. O Covão do Boi, o Covão da Lameira e o Covão do Meio. A água do chafariz d'El-Rei e dos Perú. 9 d'Agosto de 1881 Telegrama de Serpa Pinto ao chefe da Expedição Scientifica, com felicitações e pesar de não estar presente. Referência ao interesse do relatório geral a ser desenvolvido, às photographias e colecção de croquis executados, que "depois de retocados e passados a gravuras, muito valor podem dar ao relatório".	341-343					
mapa		22.1.1				341	CARTA GEOGRAPHICA DOS ARREDORES DE LISBOA	Gravé par Erhard	/	Erhard	Mapa
	Outras Regiões	22.2	A RUSSIA LIVRE	(cont. do n.16)	XXVI - A Emancipação; XXVII - A Liberdade (...)	343-349					
desenho		22.2.1				345	CASA RUSSA DO NORTE	Desenho de I. Moynet, tirado ao natural	I. Moynet	Hildibrand	Edifício exterior
desenho		22.2.2				347	MOSTEIRO DE MULHERES DE MOSCOU	Desenho de I. Moynet, tirado ao natural	I. Moynet	Hurel	Edifício exterior
	T. Coloniais	22.4	CONFERENCIA DO ENGENHEIRO EXPLORADOR AFRICANO LOURENÇO MALHEIRO, FEITA NA NOITE DE 29 DE JULHO DE 1881 PELA OCCASIÃO DA SUA PASSAGEM EM LOANDA	Conclusão	Continuação da descrição da conferência. Conclusão acerca da necessidade de se fazerem explorações geológicas nas colonias portuguesas.	349-352					
	T. Coloniais	22.5	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.XII)	O pourah (especie de maçonaria); a confraria das mulheres. XIII: libertos desembarcados em Serra Leôa, Estado do commercio em Serra Leôa; Barcos a Vapor; Inferioridade dos libertos; Ilha de Sherboro; morte de julio Gerard o caçador de leões; Costa da Liberia; Gallinhas.	352-355					
fotografia		22.5.1				354	TERRAS DA SERRA LEOA	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Meunier	Paisagem
fotografia		22.5.2				354	TERRAS DA BAHIA DO CABO DO MONTE	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Meunier	Paisagem
fotografia		22.5.3				355	TERRAS DA BAHIA DO CABO MESURADE	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	C. Laplante	Paisagem
	Notícias	22.6	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 25 de setembro de 1881.)		356					
			NUMERO 23.								

T. Coloniais	23.1	EBU-AMENA	A Redacção?	Artigo sobre a figura de Ebu-Amena, "segundo dizem os jornais d'Oran, um marabuto de Moghar que levantou bandeira de rebelião e de extremínio contra os francezes, invocando uma profecia africana que enuncia a <i>derrata dos infieis aos cincoenta annos da usurpação d'Argelia</i> e proclamando a guerra santa para conseguir a realização da profecia". Opinião de que de nada servirão os reforços francezes perante a gravidade da situação e o "valor indomavel dos arabes que pelejam pela sua religião e autonomia".	357-358						
s/ indicação	23.1.1				357	EBU-AMENA	Sem titulo ou autor	/	/		Retrato
Outras Regioes	23.2	A RUSSIA LIVRE		(...); XVIII - A Tseck e a Artel.	358-364						
fotografia	23.2.1				361	O SINO GRANDE E TORRE D'IVAN VILIKOI	Desenho de E. Therond, segundo uma photographia	E. Théron	A. Kohl		Edificio exterior
fotografia	23.2.2				363	UM NEGOCIANTE RUSSO	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville	C. Laplante		Retrato
Portugal	23.3	CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA	(Continuado do numero antecedente)	<i>Gouveia 15 de Agosto</i> Abandono do acampamento da expedição no planalto da serra e ida a Ceia com os agronomos; "labor insano" da secção arqueológica; companhia do major brito Capello desde o acampamento até Ceia, antes de regressar a Lisboa. [membros da secção photographica: alferes de artilharia Brito e Cunha vogal da secção, de que é presidente o snr major Torres]. Sondagem das lagoas (medição profundidades). Descrição percuso desde o acampamento a ceia: freguezia do Sabugueiro. Partida da diligência de Coimbra de Ceia para a villa de Gouveia para assistir às festas, feira e romagem do Senhor do Calvário.	365-366						
T. Coloniais	23.4	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(Continua cap.XIII) Com continuação no Volume II	Gallinhas - Cabo do Monte - Fanatoro - Fraude d'un marabuto: o carneiro de Peter Grey XIV: Costa de Crou - Os Crumanos - Fundação da Liberia - Cabo das Palmas - Comunicações com o interior - Mandigues - Mousardou - Culturas em S. Paulo.	366-370						
desenho	23.4.1				366	TYPOS DA COSTA D'AFRICA	Desenho de P. Sellier, segundo um esboço offerecido pelo auctor	P. Sellier	Hildibrand		Retrato grupo
desenho	23.4.2				369	GUERREIROS DO TASSO	Desenho de P. Sellier, segundo uma aguarella da Exposição do Ministerio da Marinha e Colonias	P. Sellier	Bertrand		Retrato pessoas
fotografia	23.4.3				folha extra	ARREDORES DE COIMBRA: O CHOUPAL	Segundo uma photographia obsequiosamente cedida pelo ex.mo Carlos Relvas e gravura de Th, Hildibrand	Carlos Relvas (foto original)	Hildibrand		Paisagem
T. Coloniais	23.5	A QUESTÃO DO TRANSSVAAL		(...) cont capit. anterior; <i>Carta do Ministro aos delegados</i>	370-371						
Noticias	23.6	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 10 de outubro de 1881.)		372						
NUMERO 24.											
Portugal	24.1	ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS	João Augusto Martins	Descrição do atelier, seu aspecto extrior e interior; sua localização e louvor da beleza dos arredores da Gollegã. Elogio ao caracter do fotografo Carlos Relvas.  "Construido na elevação pittoresca d'um formosissimo jardim, esse atelier d'uma reputação verdadeiramente européa, como que recebe da vegetação luxuriante e compacta que o cerca, o colorido ardente e tropical que o envolve."  "É esse atelier principesco da Golllegã que se vê representado na gravura que acompanha este artigo; ella é a cópia fiel d'uma primorosa photographia de Carlos Relvas. O valor d'esse nome no mundo artistico, os seus merecidos triumphos, e as distincções não vulgares que tem merecido das academias e da critica do mundo inteiro, substituem vantajosamente tudo o que podersemos dizer da em sua apologia".	374						
fotografia	24.1.1				373	ATELIER PHOTOGRAPHICO DE CARLOS RELVAS	/			foto original base de Carlos Relvas	Penoso Vista exterior
Outras Regioes	24.2	A RUSSIA LIVRE		XXIX - Senhores e Servos.	374-379						
desenho	24.2.1				376	ALDEIA RUSSA	Desenho de I. Moynet, segundo uma lytographia russa	I. Moynet			Vista aldeia
desenho	24.2.2				377	PALÁCIO DO TERÉM EM MOSCOU: A SALA D'OURO	Desenho de I. Moynet, segundo um desenho tirado ao natural	I. Moynet	Laplante		Edificio interior

Portugal	24.3	CARTAS DA SERRA DA ESTRELLA	Conclusão.	<i>Gouveia 15 de Agosto</i> Relato da chegada a Gouveia de membros da secção agronomica. Descrição de Gouveia (locais visitados e sua descrição histórica): <i>bairro do catello</i> , <i>bairro da Biqueira</i> (antiga judiaria), capelinha com a evocação da Santa Cruz ou Vera Cruz, o convento do Espírito Santo dos frades de S. Francisco, o extinto convento de feiras franciscanas de Vinhô, a Capelinha do Senhor Calvário, a Capella de S. Lazar, casaraõ em ruínas <i>o lagar dos padres</i> , uma casa da rua Direita ("que é hoje a velharia mais interessante de Gouveia"). Partida de Joaquim Vasconcellos (secção agronomica) para Celorico. Partida de Castello Branco e João E. Albers (secção mineralogica).	379-382					
T. Coloniais	24.4	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA		XV - Grebos - Costumes usos; Superstições - Observações, características - Entrerros - Dupla vista - Os Espíritos Kous: O Duque de Sestro - Importunidade dos negros - A lagoa Glé - Pai-pi-bri - Mulheres Fetiches - Peregrinações - Santo André.	382-387					
desenho	24.4.1				383	CRUMANOS	Desenho de P. Sellier, segundo um esboço offerecido do auctor	P. Sellier	/	Retrato grupo
fotografia	24.4.2				385	HABITANTES DO GRÃ BASSAM	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia	A. Marie	CG Barbant	Retrato grupo
T. Coloniais	24.5	A QUESTÃO DO TRANSVAAL		(...) cont capit. anterior; <i>Carta dos delegados ao Ministro</i>	387					
Notícias	24.6	PELO MUNDO	A.L. (Lisboa, 26 de outubro de 1881.)		388					

CAT II	CAT I	#ref	Texto	Autor	Descrição	Pág.	Ilustração (todas tipo Gravura)	Subtítulo imagem	Autor	Tipografia?	Descrição
VOLUME II, 1882											
NUMERO 1.											
	T. Coloniais	1.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	EXCERPTOS DO LIVRO DE VIAGENS DO MAJOR SERPA PINTO - Adornados com ilustrações e mapps da edição franceza.  Serpa Pinto	Reprodução dos relatos, na primeira pessoa, de excertos do livro de viagens de Serpa Pinto, enquanto explorador durante expedição geografica a Africa Austral, organizada pelo Estado Português. Partiram em grupo para a expedição Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens. Prólogo - interesse de Serpa Pinto por África, experiência de viagens anteriores, desenvolvimento do processo até efectivação da expedição.	5-10 (continua )					
	mapa	1.1.1				5	COMO EU ATRAVESSEI ÁFRICA	Itinerario da viagem do major Serpa Pinto, do Atlantico ao Oceano indico (Mappa)			
	desenho	1.1.2				7	OS MACACOS NO JARDIM DE JACINTHO D'AMORIZ	Desenho de A. de Bar, segundo um esboço de Serpa Pinto	A. de Bar	Barbant	Cena
	Outras Regioes	1.2	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número e volume antecedente)	XXX -Os Parochos.	10-14 (continua )					
	fotografia	1.2.1				11	MOSCOW: VISTA GERAL DO KREMLIN	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget	Laplante	Paisagem cidade
	desenho	1.2.2				13	UMA SALA DO TEREM	Desenho de J. Moynet, tirado ao natural	J. Moynet	Gauchard	Edifício interior
	T. Coloniais	1.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número e volume antecedente)	(...) XVI - Costa de Quaqua - Cabo Lahou - Grã Bassam - Tratado - Pitar, Waka - Creação d'um posto - Rios africanos - Geographia - Kong - Banbarras - Casas de pedra em Guindé - Ashantis	15-18 (continua )					
	fotografia	1.3.1				15	CABANAS DE CAÇADORES	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Barbant	Vista exterior
	desenho	1.3.2				17	MULHER FETICHE	Desenho de A. Marie, segundo uma aguarella de M. Leonard, tenente da marinha	A. Marie		Retrato
	T. Coloniais	1.4	A QUESTÃO DO TRANSSVAAL		(...) A <i>Convenção do Rio Sand</i> - termos de concepção	18-20 (continua )					
NUMERO 2. (sem erteza da distinção dos nºs)											
	T. Coloniais	2.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	Do Atlantico ao Mar Indico - Viagem de Bengella à Contra-Costa - Através Regiões Desconhecidas - Determinações Geographicas e Estudos Ethnographicos  (continuado de número antecedente)	Primeira parte - A Carabina D'El-Rei: Como foi preparada a expedição. Aconselhamento em Paris com M. D'bbdie, o grande explorador da Abissinia e M. Ferdinand de Lesseps; encomendas para a viagem em Paris; passagem por Londres; descrição de bagagens etc. Capítulo I - Em Busca dos Carregadores: Chegada a Loanda - O Governador de Albuquerque - Não há carregadores - Vou ao Zaire - O Ambriz	22-26 (continua )					
	fotografia	2.1.1				21	O MAJOR SERPA PINTO	Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia	E. Bayard	H. Thiriart?	Retrato
	desenho	2.1.2				25	PARTIDA DA CARAVANA	Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. Ferdinandus		Cena
	T. Coloniais	2.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) continua temas anteriores	26-31 (continua )					
	fotografia	2.2.1				27	ÁRVORE FETICHE	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Hildibrand	Paisagem
	fotografia	2.2.2				28	MARABUTO	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	Hildibrand	Retrato
	fotografia	2.2.3				29	RAPARIGAS DO GRÃ-BASSAM	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	Emile Bayard	AB?	Retrato 2 pessoas
	História Ciencia Tecnologia Opinião	2.3	VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO (TRANSCRIPÇÃO)	Fausto Scipião. Escrito à data de 1881 - relato na 3ª pessoa do Itinerário de António Tenreiro no Século XVI.	Tnascrição de relato histórico relativo a embaixada enviada por D. Duarte de Menezes (governador da India na época do rei D. Manuel) de Ormuz ao Sufi numa situação de conflito entre os capitães do Sufi e os portugueses. Faziam parte da embaixada: Balthasar Pessoa "um homem de muito merecimento", Abidalcalifa "um creado do Sufi", Vicente Corrêa "escrivão do embaixador", Antonio de Noronha "judeu convertido em crhistão", João Gouvea e mais quinze homens... entre eles Antonio Tenreiro que determinou ir em companhia do embaixador. Descrição viagem da partida.	31-33 (continua )					
	T. Coloniais	2.4	A QUESTÃO DO TRANSSVAAL	(continuado de número antecedente)	(...) <i>O Triumvirato dos Boers e is Governos da África do Sul</i>	33-36 (continua )					
NUMERO 3.											
	T. Coloniais	3.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Chego ao Porto da Lenha - Os resgatados - Sei da chegada de Stanley - Vou a Cabinda - Tomo Stnaley a bordo da Tamega - Os officaes da canhoeira - Stnaley meu hospede - O nosso itinerario - Chegada de Ivens.	37-41 (continua )					
	desenho	3.1.1				38	OS TRÊS SOVAS, PRINCIPES DO DOMBE	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard		Cena grupo
	mapa	3.1.2				40	(Mappa)	Itinéraire du major Serpa Pinto De Benguêla au Bihé (Novembre 1877-Mars 1878)			Mapa
	Portugal	3.2	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	Theophilo Braga	Artigo sobre o fenómeno das <i>Superstições</i> , descrição e origem. <i>A Tradição, o Costume, o Mytho.</i>	41-44 (continua )					
	T. Coloniais	3.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	XII - Exploração das lagoas - Organização politica - Hostilidades - Tratados de paz - Direito de vida e de morte - Sacrificios humanos - Pescadores.	44-50 (continua )					

s/ indicação	3.3.1				45	O REI DO GRÃ-BASSAM RODEADO DA SUA CÔRTE E DOS SEUS MUSICOS		Emile Bayard	Barbant	Cena grupo
fotografia	3.3.2				48	CAMPO ENTRICHEIRADO NO GRÃ-BASSAM	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Laplante	Vista exterior
fotografia	3.3.3				49	INTERIOR DO CAMPO ENTRICHEIRADO NO GRÃ-BASSAM	Desenho de A. Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	AB?	Vista exterior
T. Coloniais	3.4	A QUESTÃO DO TRANSVAAL	Conclusão.	Proclamação da Republica de Africa Austral enviada ao presidente do conselho de ministros do Cabo; ao Governador de Natal; Proclamação do governador Sir William Owen Lanyon governador do Transvaal; Ordem do exercito.	50-52 (conclusão)					
NUMERO 4.										
T. Coloniais	4.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	Capitulo II - Ainda em Busca de Carregadores: O governador, Alfredo Pereira de Mello - A casa do governador - Cousas de que não tem culpa o governo da Metropole - O que é Benguella - O commercio - Sou roubado - Outro roubo - A Catumbela - Obtenho carregadores	53-57 (continua)					
desenho	4.1.1				53	FORTE DE QUILENGUES	Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. de Bar		Paisagem
desenho	4.1.2				56	DUAS MORTES COM UM SÓ TIRO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	Hildibrand	Cena
Portugal	4.2	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Importância do critério étnico no estudo das Superstições. O fetichismo popular primitivo; a Religião; cultos e crenças...	57-60 (continua)					
Outras Regiões	4.3	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)	XV - Uma Revolução Conservadora.	60-66 (continua)					
fotografia	4.3.1				61	PADRE RUSSO	Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia	A. Neuville	Hildibrand	Retrato
fotografia	4.3.2				64	PORTA DA RESSUREIÇÃO, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOW	Desenho de E. Theronds, segundo uma photographia	E. Theronds	Hildibrand	Vista exterior
desenho	4.3.3				65	CASA RUSSA DO SUL	Desenho de J. Moynet, tirado ao natural	J. Mounet	Laplante	Vista exterior
História Ciência Tecnologia Opinião	4.4	OS DOZE DE INGLATERRA - ESTUDO CRITICO-HISTÓRICO	João T. Soares	"Estudo crítico-histórico" sobre OS Doze de Inglaterra. Tradução pela primeira vez citada no <i>Mémorial</i> de Joaquim Ferreira Vascnellos. História sobre a conduta da Honra cavaleiresca da Idade Média (semi-lendária semi-factual?) contada por Camões no canto VI dos Lusíadas que terá acontecido no reinado de D. Joao I de Portugal)	66-68 (continua)					
NUMERO 5.										
Portugal	5.1	CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM	Augusto Fuschini	Artigo sobre a actividade artística nacional, caracterizada como pequena e modesta mas de certo valor relativo; linguagem artística relacionada com os descobrimentos e navegações longíquas. Exemplos famosos do templo ogival da Batalha e o manuelino de Belém. Análise dos seus elementos e estilo, nomeadamente o exemplo do Claustro do Convento dos Jeronimos.	70-72					
fotografia	5.1.1				69	CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM	Desenho de E. Therond, segundo uma photographia	E. Therond		Vista interior
Portugal	5.2	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Crença os <i>phantmas</i> , <i>almas penadas</i> ; Feitiçaria...	72-75 (continua)					
T. Coloniais	5.3	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	Chegada de Capello e Ivens - Nova alteração de itinerario - Outra dificuldade - Silva Porto, o velho sertanejo - Aparecem novos obstaculos - O Capell vai ao Dombe - Partida - O que é o Dombe - Novas dificuldade - Partimos enfim; Capitulo III - Historia de um Carneiro: Nove dias no deserto - Falta de agua	75-80 (continua)					
desenho	5.3.1				77	EFEITOS D'UMA BALA EXPLOSIVA ROUBADA	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	A. Kohl	Cena
desenho	5.3.2				79	SAIDA DO SOBA CHIMBARANDONGO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard		Cena
Outras Regiões	5.4	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)	XVI - A Polícia Secreta	80-85 (continua)					
fotografia	5.4.1				81	KAZAN: CONVENTO	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia	H. Clerget		Paisagem cidade
fotografia	5.4.2				83	UM ADVOGADO RUSSO	Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia	A. de Neuville		Retrato
desenho	5.4.3				85	INTERIOR DA CASA D'ANCHIETA	Desenho de Emilio Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard		Cena interior
NUMERO 6.										
T. Coloniais	6.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) O ex-chefe de Quilengues - Eu perco-me nas brenhas - Dois tiros a tempo - Perde-se um muleque e uma preta - Perde-se um burro - Quillengues enfim - Morte de carneiro.	86-90 (continua)					
desenho	6.1.1				88	CACONDA	Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. de Bar	A. Kohl	Cena
desenho	6.1.2				89	COBRA	Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. Ferdinandus		Cena
Portugal	6.2	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Superstições dos Bascos comuns a Portugal; <i>treze à meza</i> ; <i>espirro</i> ; <i>facas cruzadas</i> etc.; importância da explicação de semelhanças entres os dois povos ibéricos;	91-93 (continua)					
T. Coloniais	6.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...); XVIII - Aldeias da costa do Ouro - Brebio - Numba - A favorita do collar d'ouro - Azeite de palma - Mimica - A cantora - A suplicante - Fatma - Tupa e o chefe Matafué - Os Bombourys e o seu chefe Bombio.	93-98 (continua)					

fotografia	6.3.1				96	PEREGRINOS BAMBARAS	Desenho de P. Sellier, segundo uma photographia	P. Sellier		Retrato grupo
fotografia	6.3.2				97	CANTOU KAN, CHEFE D'ABRA	Desenho de E. Bayard, segundo uma photographia	E. Bayard		Retrato
	6.4	História Ciencia Tecnologia Opinião	VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO (TRANSCRIPÇÃO)	(continuado de número antecedente)		Continuação percurso por diferentes localidades até chegada ao arraial do Sufi. Sucessão do Sufi após sua morte. Partida de Antonio Tenreiro com cristãos armenios que se dirigiam a Jerusalém, deixando o embaixador.		98-100 (continua)		
	NUMERO 7.									
	7.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)		Capitulo IV - Por Terras Avassaladas: Jornada a Ngola - O Sova Chimbarandongo - Belleza do Caminho - Chegada a Caconda - José d'Anchieta		101-106 (continua)		
desenho	7.1.1				101	QUINGOLO	Desenho de A. de Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. de Bar		Paisagem
desenho	7.1.2				105	BANDO DE RAPARIGAS	Desenho de A. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard		Retrato grupo
	7.2	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)		Igrejas provinciais e ritos; os agouros das aves na sociedade portuguesa...		106-107 (continua)		
	7.3	Outras Regioes	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)		XXVII - Os Governadores de Provincia		108-114 (continua)		
fotografia	7.3.1				109	EGREJA S. VASSALI, NA PRAÇA VERMELHA, EM MOSCOW	Desenho de Therond, segundo uma photographia	E. Therond	Laplante	Edifício exterior
desenho	7.3.2				112	MOSTEIRO DE SIMEONOF, EM MOSCOW	Desenho de J. Moynet, tirado ao natural	J. Moynet	Hildibrand	Vista exterior
fotografia	7.3.3				113	O KREMLIN DE KAZAN	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar		Vista exterior
	7.4	História Ciencia Tecnologia Opinião	VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO (TRANSCRIPÇÃO)	(continuado de número antecedente)		Partida de A. Tenrinho conduzido por turcos ao longo do Tigre; passagem pela villa Arcengifa e cidade de Urfa (na serra Negra, além do Tigre e do Eufrates); cidade de Beria; rio Agua de Jacob; cidade de Galiléa na Judéa; cidade de Ramala; cidade de Gazara; atravessamento do deserto; cidade de Remaya; Cairo; Raxite (vila na margem do Nilo); Alexandria.		114-116 (continua)		
	NUMERO 8.									
	8.1	Portugal	A ESTÁTUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO	Ferdinand Denis, Raczynski Fr. Luiz Gomes		Artigo sobre o monumento concebido por Marques de Pombal, após o terramoto de 1755 quando inciou a reedificação da cidade de Lisboa, para a praça do Commercio. Eugenio dos Santos de Carvalho, capitão de engenheiros e autor de edificios que flanqueam a praça deixou o projecto inicial da estátua equestre; projecto final de Machado de Castro, auxiliado em obra por Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes. Referência à representação, pela estátua, da grandeza do séc.XVIII portuguesa.		117-118		
s/ indicação	8.1.1				117	ESTÁTUA EQUESTRE DE D. JOSÉ I, NA PRAÇA DO COMMERCIO DE LISBOA				Barbant Monumento
	8.2	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)		Nada de correspondencia - Chegada do Chefe - Vamos aos carregadores - Ivens vai ao Cunene e eu vou ao Cunene - Volta de casa do Bandeira - Falham os carregadores - O meu juizo. Capitulo V - Vinte dias de Agonia: Porto de Caconda - O sova Quipembe - Quingolo e o sova Caimbo - 40 carregadores - Febre		119-124 (continua)		
desenho	8.2.1				120	HOMNS MONDOMBES	Segundo um esboço do major Serpa Pinto			Retrato grupo
desenho	8.2.2				120	MARIMBAS	Segundo um desenho do major Serpa Pinto			Objecto
desenho	8.2.3				121	TEMPLO DA CONVERSAÇÃO	Segundo um esboço do major Serpa Pinto			Vista exterior
desenho	8.2.4				121	HOMEM E MULHER DO HUAMBO	Segundo um esboço do major Serpa Pinto			Retrato-tipos
	8.3	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)		Superstição da Astrologia (desastre, desastrosos); referência a Gil Vicente e ao seu protesto contra o obscurantismo sistemático proclamando o criterio scientifico na sua obra.		124-126 (continua)		
	8.4	Outras Regioes	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)		XVIII - Kazan; XIX - O Steppe Oriental		127-131 (continua)		
fotografia	8.4.1				128	VISTA DE KAZAN	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	AB?	Paisagem cidade
fotografia	8.4.2				129	EGREJA DE VELHOS CRENTES, EM KAZAN	Desenho de E. Therond, segundo uma photographia	E. Therond	Gauchard	Vista exterior
	8.5	História Ciencia Tecnologia Opinião	VIAGENS DE ANTONIO TENREIRO (TRANSCRIPÇÃO)	Conclusão.		Embarque para a ilha do Chypre e depois para a villa Assalinas; embarque para Ajaça (junto ao mar mediterraneo na Costa de Caramania); partida para Baçora pelo deserto; cidade Mexete d'Ali (Mesquita d'Ali); chegada a Ormuz onde ficou 5 ou 6 anos. Em 1527 o então governador de Ormuz, Christovao de Mendonça, pediu que partisse por terra a portugal passando pelos territorios anteriormente visitados, em 1528 partiu para Baçorá pelo estreito entre a Pérsia e Arábia, entrando no Eufrates e Baçorá; Cocana (cidade no deserto) onde entregou a carta do governador ao xeque ali residente. Regresso à Europa e a Lisboa em 1529.		131-132 (conclusão)		
	NUMERO 9.									
	9.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)		(...) O Huambo, o sova Biombo e seu filho Capôco - 80 carregadores - Cartas e noticias - Quasi perdido! - Sigo ávante		133-138 (continua)		
fotografia	9.1.1				133	PORTO DA LENHA	Segundo uma photographia			Paisagem construída
fotografia	9.1.2				136	CUBATAS MONDOMBES	Segundo uma photographia			Cena grupo

desenho	9.1.3				136	EM CIMA D'UM BOI	Desenho de A. Ferdinandus, segundo um esboço do major Serpa Pinto	A. Ferdinandus	A. Kohl	Cena
desenho	9.1.4				137	O MAJOR FAZ FOGO SOBRE O SOBA DUDOMBO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard		
	9.2	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	139-142 (continua)	Continuação da análise da obra de Gil Vicente, exemplos importantes para o conhecimento das superstições populares.				
	9.3	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	142-146 (continua)	XIX - Visita aos jacks-Jacks - Quilindja - Ainda Numba - Aur'é - O Foutou-foutou - O forte do Grã-Bassam - Abra - Cutu - Kan - Bunona - Acka - Escolas - Os fetiches - riquezas commercaes desconhecidas.				
fotografia	9.3.1				144	ASSINIA	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar		Paisagem cidade
fotografia	9.3.2				145	ASSINIA: VISTA TIRADA DA PLANICIE	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar		Vista exterior
	9.4	História Ciência Tecnologia Opinião	MEMORIAS DO ULTRAMAR		146-148 (continua)	Introdução sobre o autor dos documentos, explorador, capitão, juiz e provavelmente mercador, "Garcia Mendes Castello Branco foi um dos fidalgos aventureiros que acompanharam Paulo Dias de Novaes, o celebre conquistador de Angola, na sua segunda numerosa expedição de 1574-1575."				
			1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco	Luciano Cordeiro		Análise do documento em questão:				
				"Os magnificos artigos que se vão seguir são devidos à obsequiosidade do seu erudito colleccionador e commentador."	I - 1603	Relações com o Congo - Paizes do interior onde vão os portugueses - Vassalagem do Congo - Fortaleza em Pinda - Minas de Pemba - Padres				
			NUMERO 10.							
	10.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	150-154 (continua)	(...) Grave questão no Chaca Quimbamba - Os rios Caláe, Canhungamua e Cunene - Nova e séria questão no Sambo - O Cubango				
desenho	10.1.1				149	O MAJOR SERPA PINTO LANÇA POR TERRA E DESARMA PALANCA	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	Armand Kohl	Cena
s/ indicação	10.1.2				152	O SECULO QUE ME DEU UM PORCO				Rtrato-tipos
s/ indicação	10.1.3				152	MULHERES GANGUELAS DAS MARGENS DO CUBANGO				Rtrato-tipos
desenho	10.1.4				153	O MAJOR E O FEITICEIRO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	Bertrand	Cena grupo
	10.2	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	154-157 (continua)	Superstições populares portuguesas do tempo de D. Joao I; continuação exemplos e explicações de Gil Vicente.				
	10.3	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	157-162 (continua)	XX - Assinia - O cavalheiro -daum - O rio Tando - A barra d'Assinia - Apollonia - Quaquaka - Amadifou - Tratado - Ceremonia - O forte. XXI - Culto publico - Usos funerarios - Politica - Amadifou - Commassia - Guerra dos Ashantis contra os musulmanos - Lutas com os ingleses - Ataque ao Cab Coast - Elmina.				
fotografia	10.3.1				160	VISTA DE LAGOS	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Bertrand	Paisagem cidade
fotografia	10.3.2				161	RAPAZ DO DAHOMEY	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat	Hildibrand	Retrato
	10.4	História Ciência Tecnologia Opinião	MEMORIAS DO ULTRAMAR		162-164 (continua)	continuação dos tópicos anteriores.				
			1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco	(continuado de número antecedente)						
			NUMERO 11.							
	11.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	165-170 (continua)	(...) Chuvas e temporaes - Grave doença				
desenho	11.1.1				165	MULHER DO SAMBO	(croquis do Serpa Pinto?)			Retrato-tipos
desenho	11.1.2				165	O MEU ACAMPAMENTO ENTRE O SAMBO E O BIHÉ	(croquis do Serpa Pinto?)			Vista exterior
desenho	11.1.3				168	NO PANTANO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	A. Kohl	Cena
desenho	11.1.4				169	A NADO	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	Hildibrand	Cena
	11.2	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	170-172 (continua)	A procissão de Corpus na Provença (Introduzida no tempo de D. Diniz); exemplos sua génese e explicação.				
	11.3	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	172-178 (continua)	cont. cap. XXI XXII - Relevo do continente africano - Resultados da guerra contra os Achantis - O Dahomey - Golpho de Benin - Configuração physica - Whydah - Governo, religião e superstições de Dahomey.				
fotografia	11.3.1				173	AMADIFOU E A SUA CÔRTE	Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia	E. Bayard		Retrato grupo / cena
desenho	11.3.2				176	MATAFOUÉ, CHEFE DE TOUFA	Desenho de Emile Bayard, segundo uma aquarela M. Leonard, tenente de marinha	E. Bayard		Retrato
fotografia	11.3.3				177	CHEFE DE POLICIA NA ASSINIA / CASTOR, INTERPRETE (BUCHMAN)	Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia	A. Rixens		Retrato casal

	História Ciência Tecnologia Opinião	MEMORIAS DO ULTRAMAR	(continuado de número antecedente)	II - 1620	178-180						
		1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco		Projecto de um regimen de aforamento e tributação dos sobados - Protecção dos indigenas	(continua )						
	T. Coloniais	12.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Uma aventura horrivel	181-184					
desenho		12.1.1				181	CORA	Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bayard	Barbant	Cena
desenho		12.1.2				184	CERRADO DE BELMONTE	Desenho de E. Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto	E. Bar		
	Portugal	12.2	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Interjeições da língua portugueza; Conclusão da introdução sobre o tema geral das superstições. "De tudo isto, persitiu apenas a fôrma da superstição popular, atraves de todas estas decadencias, mas com elementos desconexos bastantes para reconstruir a sua importancia mythica, e por consequencia a sua expressão da mais primitiva concepção da humanidade."	185-188					
	T. Coloniais	12.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXII	189-194					
fotografia		12.3.1			XXIII - Lagôas - Porto-Novo - Lagos - Linguas - Emigração - Superstição - Missão christã - O Bénin	189	RIO D'ELMINA	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A.de Bar		Paisagem cidade
fotografia		12.3.2				192	MULHERES D'ELMINA	Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard e segundo uma photographia	A. Rixens		Retrato grupo
desenho		12.3.3				193	PENTEADOS D'ELMINA	Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente da marinha	A. Rixens		Retrato tipo
	História Ciência Tecnologia Opinião	MEMORIAS DO ULTRAMAR	(continuado de número antecedente)	III - 1621	194-196						
		1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco		Primeiro reconhecimento e conquista de Angola - Projectos de colonisação - Descrição do paiz - Creação de gado cavallar - Fortificação de Loanda - Guerras - Missões Religiosas							
	Portugal	13.1	O CASTELLO DOS TEMPLARIOS	Z. Consiclieri Pedrozzo	"Se ha monumento do nosso paiz, de cujas ruinas sepossam evocar as mais encontradas recordações - tristes e gloriosas, jubilosas e sombrias, docemente sympathicas e tragicas sinistramente - é concerteza o Castello dos Templarios". Descrição histórica e física do monumento.	198-199					
fotografia		13.1.1				197	THOMAR - CASTELLO DOS TEMPLARIOS	Gravura de Hildibrand, segundo uma photographia do distincto amator nosso amigo o Exc.mo Carlos Relvas	Carlos Relvas (fotografia original)	Hildibrand	Monumento
	T. Coloniais	13.2	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...)Bihé finalmente! Capitulo VI - Pereira de Mello e Silva Porto: No Bihé	199-204					
desenho		13.2.1				201	HOMENS E MULHERES DO BIHÉ	Composição de D. Maillart, segundo as gravuras da edição ingleza			Retrato/ Cena
	T. Coloniais	13.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXIII	205-210					
fotografia		13.3.1			XXIV - Niger ou Quarra - Escravatura - Bonny - O seu commercio - Cameron - Fernndo Pó	205	FEITORIA ITALIANA EM LAGOS	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Eug. Meunier	Paisagem cidade
fotografia		13.3.2				207	AGNYS D'ASSYNIA	Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia	A. Rixens	?	Retrato duas pessoas
fotografia		13.3.3				209	VELHO AGNYS D'ASSYNIA	Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia	A. Rixens	Hildibrand	Retrato
	Portugal	13.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Referência ao sistema do trabalho usado na compilação das superstições portuguesas: a ordem cronologica; identificação dos mesmos, respectivo desenvolvimento e comparação com os costumes actuais. Séc. XII a XIV textos dos Cancioneiros provençaes; Séc. XV capitulo <i>Leal Conselheiro do rei D. Duarte</i> ; Séc. XVI livro quinto das <i>Ordenações manuelinas...</i>	210-212					
	Portugal	14.1	CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE	I. de Vilhena Barbosa	Descrição da capela como verdadeiro monumento artístico, de caracter incomparável dado o seu valor artístico e riqueza de materiais. Referencias historicas (descobertas das minas de oiro e diamentes no Brasil) - capela como epitome de todas as glorias architectónicas e artisticas do reinado. História da fundação e construção e existência actual.	214-216					
desenho		14.1.1				213	CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE EM LISBOA	Desenho de Barclay e gravura de Hildibrand	Barclay	Hildibrand	Edifício interior
	T. Coloniais	14.2	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) cont. história de Bihé	218-222					
desenho		14.2.1				217	AUGUSTO DE JOELHOS DEANTE DO MAJOR SERPA PINTO	Composição de E. Bayard, segundo as gravuras da edição ingleza	E. Bayard	Armand Kohl	Cena
desenho		14.2.2				220	VERISSIMO	Segundo um esboço do major Serpa Pinto			Retrato
	T. Coloniais	14.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXIV	222-226					
fotografia		14.3.1				224	FERNANDO-PÓ: ILHOTA HENRIQUE, PRESIDIO DOS DEPORTADOS POLITICOS	Desenho de Th. Werber, segunda uma photographia	Th. Weber	Hildibrand	Paisagem

fotografia	14.3.2				225	BAHIA SANTA IZABEL (ILHA DE FERNANDO-PÓ)	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A.de Bar	Barbant	Vista cidade do mar
Portugal	14.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Continuação de análise do texto do <i>Cancioneiro da Vaticana</i> e relação com superstições regionais do país	226-228					
NUMERO 15.										
T. Coloniais	15.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	resumo história de Bihé	229-231					
texto	15.1.1				229	O TALISMAN ESMIGALHADO	Composição de E. Bayard, segundo o texto	E. Bayard	Barbant	Cena
T. Coloniais	15.2	VIAGEM Á NOVA-GUINÉ	Achille Raffray "Encarregado d'uma missão científica pelo ministro d'Instrução Publica em França"	Relato da sua missão, na primeira pessoas (missão gratuita obtida pelo ministerio da instrução pública para a exploração das Molucas e Nova-Guiné, para onde partiu acompanhado por M. Mauricio Maindron para auxílio nos trabalhos de historia natural). Partida a 20 de julho de 1876.  <i>Ternate - As molucas</i> Ternare - A cidade - As casas - Os habitantes - A vida que ali se passa - O exercito hollandez - A ilha de Giolo - Os alfuros - Uma lição d'esgrima - Caçada ao tohokko - Preparativos da expedição - Um armador malaio - A sua casa - A sua urbanidade - A partida.	232-237					
s/ indicação	15.2.1				232	UMA CASA HOLLANDEZA EM TERNATE		Mésples?		Vista exterior
s/ indicação	15.2.2				233	A MESQUITA DE TERNATE		Mésples	C. Laplante	Vista exterior
s/ indicação	15.2.3				236	O RIO DODINGA		E. Mésples	C. Laplante	Paisagem / cena
T. Coloniais	15.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	XXV - Exploração do Niger - O <i>Ethiops</i> - Trotter - Glover - A biblia de Mungo - Park - Mau exito das explorações - Relancear d'olhos sobre os caminhos do Sudão.  XXVI - O Monni - O Moondah - O Gabão - O capitão Blanchard - Fim d'uma mulher aborrecedora - Caça ao elephante - Um homem comido pelas formigas.	237-242					
fotografia	15.3.1				237	VIVENDA EM FERNANDO-PÓ	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	Alexandre de Bar	Barbante?	Vista exterior
fotografia	15.3.2				240	MONSENHOR DE BESSIEUX, BISPO DAS DUAS GUINÉS	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat		Retrato
fotografia	15.3.3				241	PICO DE FERNANDO-PÓ	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia			Paisagem
Portugal	15.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Análise de <i>As Origens da Religião</i> de Jules Baissac; textos e relações com proverbios populares...	242-244					
NUMERO 16.										
T. Coloniais	16.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. descrição de Bihé	246-248					
desenho mapa	16.1.1				245	HOMENS E MULHERES QUIMBANDÉS	Composição de E. Bayard	E. Bayard	Hildibrand	Retrato / Cena
	16.1.2				248	CARTA DO PAIZ DOS GUIMBANDÉS	Mapa			
T. Coloniais	16.2	VIAGEM Á NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	249- 254					
s/ indicação	16.2.1				249	MULHER MALAIA DE DODINGA E SUA FILHA				Retrato 2 pessoas
s/ indicação	16.2.2				252	A NOSSA COSINHA E CASA DE TRABALHO EM DODINGA		Mésples?		Vista interior
s/ indicação	16.2.3				253	A MESQUITA DE DODINGA		Mésples?		Vista exterior
T. Coloniais	16.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXVI	254-258					
fotografia	16.3.1				257	RIO MOONDAH	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	?	Paisagem
Portugal	16.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Ordenações manuelinas e orações persistentes na tradição popular. O romance <i>Lozana andalusa</i> do padre Francisco Deicado e a influência na enumeração da "medicina mágica".	258-260					
NUMERO 17.										
T. Coloniais	17.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Doenças - Melhoras - A casa de Belmonte	262-264					
s/ indicação	17.1.1				261	O LAGO LIGUORI				Paisagem
T. Coloniais	17.2	VIAGEM Á NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	265-269					
s/ indicação	17.2.1				265	KIMALAHA, PROFESSOR D'ESGRIMA		E. Mésples		Retrato
s/ indicação	17.2.2				268	NIROU, ALFURO DE DODINGA		E. Mésples	HILDL?	Retrato
Outras Regioes	17.3	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)	XX - Os Cossacos do Don	269-273					
desenho	17.3.1				272	MILITARES RUSSOS	Desenho de A. de Neuville, segundo um esboço tirado ao natural	A. de Neuville		Retrato grupo
T. Coloniais	17.4	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	XXVII - O Gabão e os seus affluentes - Os Fans - Emigrações - O lago Tem - Designação dos numerosos africanos - Costumes dos Fans.	273-275					
fotografia	17.4.1				276	O PILOTO JOSÉ E ALGUNS BULUS	Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia	A. de Rixens	Laplante	Retrato grupo
NUMERO 18.										
T. Coloniais	18.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Decidido ir ao alto Zambeze - Cartas ao governo	277-281					

s/ indicação	18.1.1				277	VI OS MEUS NEGROS ESPANTADOS E FUGINDO			Ferdinant	Barbant	Cena	
texto	18.1.2				280	HOMENS E MULHERES LOUHAZÉS COM OS SEUS UTENSÍLIOS	Composição de D. Maillart, segundo o texto		D. Maillart			
	18.2	Outras Regiões	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)	XXI - O Exército Russo							
	18.3	T. Coloniais	VIAGEM À NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	<i>Ternate - As Molucas</i> A ilha de Saltway - O rajah Abou-Kassin e o príncipe de Tidoro - Os Papus Mafors - Costumes - Enfeites - Armas - Arithmetica papu - Deslealdade - Governo - Individualidade - Solidariedade - Casamentos - Escrupulos - Paixões - Religião - Casa sagrada - Idolos e legenfa buddhica ou christã - A arte papu - Lingoas - aldeia d'Aimbori - Habitações - os Papus Arfaks - Penteados - Costumes sanguinarios - Roubo d'un escravo e sinfular vingança.	282-283						
fotografia	18.3.1					284	ALFUROS DE GALILA VINDO PHOTOGRAPHAR-SE		Mesples?		Retrato de grupo Retrato 2 pessoas	
s/ indicação	18.3.2					285	HASSAN E SEU FILHO IDRIS					
	18.4	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXVII							
fotografia	18.4.1					289	EDIFÍCIO DAS MISSÕES NO GABÃO	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	A. de Bar	Sarcent?	Vista exterior	
	18.4	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	O processo da Inquisição de Evora contra Luiz de la pena (1626) como vasto inventario das superstições portuguezas do fim do sec XVI e primeiro quartel XVII; orações populares...	290-292						
	NUMERO 19.											
	19.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Como se organiza uma expedição no Bihé- Difficuldades, e como se vencem	294-297						
texto	19.1.1					293	AUGUSTO E O SEU COMPANHEIRO CONDUZEM O MAIOR PARA UM LUGAR MAIS SECCO	Composição de D. Maillart, segundo o texto	D. Maillart		Cena	
texto	19.1.2					296	CASTIGO DE CHAQUICONDÉ	Composição de E. Bayard, segundo o texto	E. Bayard		Cena	
	19.2	Outras Regiões	A RUSSIA LIVRE	(continuado de número antecedente)	XXII - Alexandre. Conclusão	298-302						
	19.3	T. Coloniais	VIAGEM À NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	302-304						
s/ indicação	19.3.1					304	A MINHA VIVENDA EM DOREY		Mésples	Hildibrand		
	19.4	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	XXVIII - Exploração do Ogôoué - Estado politico das tribus - Aspecto do rio - A sacerdotisa d'Igalavé - O confluente - Intrigas dos Oronghons - Ponta Fetiche - A região d'Aloria - M. Walker - M. M. De Compiegne e Marche - Systema religioso.	305-307						
fotografia	19.4.1					305	DESEMBARCADOIRO DA POVOAÇÃO DE REI LUIZ	Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia	Alexandre de Bar	A. Sarcent	Vista exterior	
fotografia	19.4.2					308	EDUCANDOS DA MISSÃO DO GABÃO	Desenho E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat			
	NUMERO 20.											
	20.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	(...) Os meus trabalhos - Novas difficuldades - Deixo Belmonte - Até ao Cuanza - Escravatura.	309-313						
s/ indicação	20.1.1					309	TERCEIRA ENTREVISTA COM O REI LOBOSSI	Desenho de Yvan Pranishnikoff	Yvan Pranishnikoff	Hildi?	Cena	
texto	20.1.2					311	UMA CARTA D'AMOR	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff		Cena	
	20.2	T. Coloniais	VIAGEM À NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	313-318						
s/ indicação	20.2.1					316	POVOAÇÃO E HABITANTES DE SALWATY		Mesples?		Vista exterior	
s/ indicação	20.2.2					317	PAYZAGEM DOREY - PAPUS LANÇANDO À AGUA AS SUAS PIROGAS		Mesples	Hildi	Paisagem /cena	
	20.3	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXVIII XXIX - Fernão Vaz - Estado politico - Ravenjigoy - O Rhembo-Oouenga - Obongos - José - O Ginna - Futuro do Gabão - M. Saborguan de Brazza	319-321						
fotografia	20.3.1					320	UM INDIGENA DO GABÃO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat	H. Barbant	Retrato	
	20.4	Portugal	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Outros processos da Inquisição fontes de descrições (cultos rituais de <i>Bruxas</i> etc)	321-324						
	NUMERO 21.											
	21.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(continuado de número antecedente)	Rápido Golpe de Vista Retrospectivo	326-330						
texto	21.1.1					325	O REI LOBOSSI	Desenho de E. Bayard, segundo uma gravura da edição ingleza e o texto	E. Bayard	Hildibrand	Retrato / cena	
texto	21.1.2					328	VISITA DO DOUTOR	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Cena	
	21.2	T. Coloniais	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	(continuado de número antecedente)	cont. cap. XXIX	330-332						
fotografia	21.2.1					332	UMA RAPARIGA DO GABÃO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat	Hildibrand	Retrato	
	21.3	T. Coloniais	VIAGEM À NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	333-338						
s/ indicação	21.3.1					333	UM TEMPLO DE DOREY	E. Mésples			Vista exterior	

s/ indicação	21.3.2				337	A POVOAÇÃO D'ALAMBOI	E. Mésples			Vista exterior / retrato grupo
Portugal	21.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	Continuação do tema das orações; a <i>chiromancia</i> (leitura das mãos); a <i>cartomancia</i> (adivinhação)	338-340					
NUMERO 22.										
T. Coloniais	22.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		Capítulo VII - Entre os Benguellas: Passagem do Cuanza - Os Quimbandes - a sova Mavanda - Os rios Varea e Onda - Fetus arboreos	342-348					
texto	22.1.1				341	TENTATIVA D'ASSASSINATO	Desenho de E. Bayard, segundo o texto	E. Bayard	Sarcent?	Cena
desenho	22.1.2				348	MULHERES LUINAS	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Retrato grupo
T. Coloniais	22.2	VIAGEM Á NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	349-352					
s/ indicação	22.2.1				349	DIVINDADES PAPUS				Objectos
s/ indicação	22.2.2				352	MULHERES MAFORS		E. Mésples		Retrato-tipo
T. Coloniais	22.3	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA		cont. cap. XXIX XXX - As ilhas do golfo de Biafra - S- Thomé ou S. Thomaz - Colonização do Brazil - Aspecto geral - Sant'Anna de Chaves - Ilha do Principe - Aspecto geral - Origem do seu actual nome - O Black-Jock - Os srs. Carneiro e Burnay - Os tubarões da bahia - Anno-bom.	353-356					
fotografia	22.3.1				353	INTERPRETE PAHUIN	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat		Retrato
desenho	22.3.2				356	O ATAQUE AO CAMPO	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza	Yvan Pranishnikoff		Cena
NUMERO 23.										
T. Coloniais	23.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Attribulações - Escravos - O rio Cuito - os Luchazes - Emigração de Quibocos	358-360					
texto	23.1.1				360	A CAÇA AOS PATOS	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Cena
T. Coloniais	23.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA		XXXI - A Africa meridional - Estações - Rios - O imperio do Congo - Religião - Aspecto do Congo XXXII - Angola - S. Paulo de Loanda - Orçamento colonial - Forças militares XXXIII - O Quanza - A arte africana: esculptura - Esculpturas em alto relevo feitas em marfim - escravatura - Benguella, bahia dos elephantes - Mossamedes.	361-364					
fotografia	23.2.1				361	PAHUIN	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia	E. Ronjat		Retrato
T. Coloniais	23.3	VIAGEM Á NOVA-GUINÉ	(continuado de número antecedente)	Continuação tópicos anteriores	366-369					
s/ indicação	23.3.1				365	DESCIDA DOS GUERREIROS ARFAKS A DOREY		E. Mésples	Laplante	Cena
s/ indicação	23.3.2				368	RAPARIGA ARFAK		Mésples	Laplante	Retrato
Portugal	23.4	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	(continuado de número antecedente)	As doenças, a <i>arte de curar</i> e ritos mágicos.	369-372					
NUMERO 24.										
T. Coloniais	24.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Cambuta - O Quando - Leopardos - Os Ambuelas - O sova Moem-Cahenda	373-377					
texto	24.1.1				373	TRAHIDO!	Desenho de E. Bayard, segundo o texto	E. Bayard	Barbante?	Cena
texto	24.1.2				376	DESEPERO	Desenho de E. Bayard, segundo o texto	E. Bayard	Hildibrand	Cena
T. Coloniais	24.2	CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA	Fim.	cont. cap. XXXIII XXXIV - As columnas commemorativas - S colonia do Cabo - O amr do Cabo - O navio phantasma - Decadencia das sociedades - O futuro. Conclusão com referência à missão civilizadora de França e Inglaterra nos territórios africanos ("A Algeria d'un lado, a colonia do Cabodo outro acabarão por estender o seu dominio sobre as vastas regiões que deante d'ellas se abrem.")	377-384 (Fim)					
fotografia	24.2.1				381	PORTO DE LIBREVILLE NO GABÃO	Desenho de T. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	?	Vista exterior
fotografia	24.2.2				384	GUERREIROS E MULHERES FANS	Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia	A. Rixens	?	Retrato grupo
Portugal	24.3	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL	Conclusão?	A poseia lyrica das superstições (como são exemplo as orações); a crença do poder do <i>nome</i> . Conclusão do porcesso de Luiz da Penha, mandado "curar com palavras" (os <i>saudadores</i> ) pelo rei e assim liberto da alçada inquisitorial.	385-387 (Conc?)					

CAT II	CAT I	#	Texto	Autor	Descrição	Pág.	Gravura	Subtítulo	Autor	Tipografia	Descrição	
			VOLUME III, 1883									
			NUMERO 1.									
	Portugal	1.1	ESTÁTUA DE LUIZ DE CAMÕES	Pinho Leal	Descrição física e histórica do monumento, iniciativa do "illustre escultor, snr. Victor Bastos", inaugurada a 9 d'outubro de 1867; estátua inicialmente fundida por Mr. Luiz Baptista Berry de Paris, que a estragou, tendo sido a actual fundida por Alexandre das Neves e Delphim Antonio ("obra exclusivamente portugueza")	5-6						
s/ indicação		1.1.1				5	ESTATUA DE LUIZ DE CAMÕES, NA PRAÇA DO MESMO NOME	Na praça do mesmo nome	J Barclay	Bertrand	Vista monumento	
	T. Coloniais	1.2	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	major Serpa Pinto	(...)Descida do rio Cubangui - Os Quichobos - Pripeccias - Parto para o Cuchibi	6-14						
texto		1.2.1				8	A REDE DE PESCAR	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena personagens	
texto		1.2.2				9	REGRESSO A CATONGO	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	AB	Cena personagens	
	T. Coloniais	1.3	VIAGEM Á NOVA GUINÉ	Achille Raffray	Continuação do número anterior. Encontro com dois "verdadeiros Karons". "Só no dia seguinte, mediante uma faca de cabo pintado de vermelho e um espelho reles, os dois Karons, seduzidos por tão ricos presentes, consentiram em collocar-se deante da objectiva. O meu gabinete photographico era ao ar livre junto d'un tronco d'arvore em que eu fizera um corte para appoiar a cabeça do paciente, que eu para obter a necessaria immobildade ainda apertara entre dois grandes pregos. Apezar disso, quando me viram esconder a cabeça sob o panno negro, tiveram medo de morrer e para os tranquilisar foi necessario que o maior se deixasse photographar com elles. Só depois de muito trabalho pude conseguir tirar uma prova negativa bastante razoavel para trazer commigo a prova indiscutivel da existencia e da physionomia d'estes selvagens (...)". p.15-16	15-18						
s/ indicação		1.3.1				16	PAPUS ARFAKS	/	E. Mésplés	C. Laplant	Retrato-tipos	
s/ indicação		1.3.2				17	ALDEIA D'ANDAI	/	E. Mésplés	C. Laplant	Paisagem	
	História Ciência Tecnologia Opinião	1.4	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco	Continuação dos tópicos anteriores sobre o documento em análise.	18-20						
			Luciano Cordeiro									
			NUMERO 2. (sem certeza da distinção entre números)									
	Portugal	2.1	AS PEIXEIRAS	Theophilo Braga	"Lisboa é uma cidade povoada de pequenas colonias emigrantes; o typo genuinamente local do <i>alfacinha</i> desaparece confundido no meio da invasão do elemento provincial." Exaltação da "parte activa de Lisboa provinciana"; colonias dos varinos de Ovar e Averoio que vêm no Inverno trabalhar para Lisboa; Descrição das mulheres peixeiras.	22-23						
s/ indicação		2.1.1				21	AS PEIXEIRAS		E. Roniat?	Bertrand	Retrato	
	T. Coloniais	2.2	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		Cap III - As Filhas do Rei dos Ambuelas O Cuchibi - O sova Cau-eu-hue - Os Mucassequeres (...)	23-29						
texto		2.2.1				25	OS HIPPOPOTAMOS NO RIO LIMBAI	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena personagens	
	T. Coloniais	2.3	VIAGEM Á NOVA GUINÉ		A ilha Mafor - Emigração dos habitantes - Os piratas - O cacatu Korano - Extraordinari sepultura - Scena de escravatura - Os chefes de Soweik - Uma povoação lacustre - Entre os insulares de Korido - Desconfiança e superstição - Compras forçadas - Na recepção - Ameaças de morte - O desafio - Negocio de craneos - Partida forçada - Regresso a Dorey - Partida para Ternate - Uma tempestade.	30-34						
s/ indicação		2.3.1				30	ARVORE DE PAU-FERRO EM ANDAI	/	E. Mésplés	Hildibrant	Paisagem - árvore	
s/ indicação		2.3.2				32	FLORESTA DE SAOBABA	/	E. Mésplés	F. Méaulle	Paisagem	
s/ indicação		2.3.3				33	LAPHORINA ATRA	/	E. Mésplés	Lévy?	Pássaro	
	História Ciência Tecnologia Opinião	2.4	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco	IV - 1621 S. Jorge da Mina - Os holandezes - S. Thomé, as suas produções, commercio e população - Arda (Ardra) - Benim - Xabu (jabum) - Calabar - Rio Real - Rio Forçados - Principe - Anno Bom - Lopo Gonçalves - Loango - Lopo - Congo - Os Jesuitas - Pinda - Angola - Loanda - Benguelia - Cabo Negro.	34-36						
			NUMERO 3.									
	T. Coloniais	3.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Opudo e Capeu - Abundancia - Bondade dos indigenas - Povoações e costumes (...)	37-43						
desenho		3.1.1				37	CABANA D'ITUFA	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza	Yvan Pranishnikoff	?	Vista exterior	
	T. Coloniais	3.2	VIAGEM Á NOVA GUINÉ		Continuação dos tópicos anteriores.	44-49						
s/ indicação		3.2.1				44	INTERIOR D'UMA CABANA EM AMBERBAKI	/	E. Mésplés	Bertrand	Vista interior	
s/ indicação		3.2.2				45	CASA AREIA EM MEMIAUA	/	E. Mésplés	F. Méaulle	Vista exterior	
s/ indicação		3.2.3				48	PAPUS KARONS (ANTHROPOPHAGOS)	/	E. Mésplés	C. Laplante	Retrato pessoas	
s/ indicação		3.2.4				49	PAPOS OUOSAONIS	/	E. Mésplés	Barbant	Retrato-tipos	
	História Ciência Tecnologia Opinião	3.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco	Continuação dos tópicos anteriores.	50-52						
			NUMERO 4.									
	T. Coloniais	4.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Um vao no Cuchibi - O rio Chicului- Caçada - Feras - O rio chalongo (...)	53-59						
texto		4.1.1				53	QUEBRAMOS UM VELHO BARCO	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	?	Cena personagens	
	T. Coloniais	4.2	VIAGEM Á NOVA GUINÉ		Continuação tópicos anteriores.	60-65						
s/ indicação		4.2.1				60	AS PIROGAS EM QUE FUI DE DOREY A AMBERBAKI	/	E. Mésplés	Barbant	Cena rio	
s/ indicação		4.2.2				61	AVE DO PARAIZO ( <i>Cinnamolegus magnus</i> )	/	E. Mésplés	Lévy?	Pássaro	

s/ indicação	4.2.3				64	UMA PAISAGEM DA ILHA DE KORIDO /		E. Mésples	/	Paisagem
s/ indicação	4.2.4				65	DOUS TYPOS PAPUS OUANDAMEN /		E. Mésples	/	Retrato-tipos
História Ciência Tecnologia Opinião	4.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1574-1620, DA MINA AO CABO NEGRO, Segundo Garcia Mendes Castello Branco (Fim.)  1593-1631, TERRAS E MINAS AFRICANAS, segundo Balthazar de Rebello de Aragão (Início)	V - 1621 Loango - Commercio e produções - Holandezes. (Fim)  1593 - 1631, TERRAS E MINAS AFRICADAS, segundo Baltazar Rebello de Aragão. Introdução sobre o autor e manuscrito.	66-68					
NUMERO 5.										
T. Coloniais	5.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Uma jornada atroz - As nascentes do Ninda - O tumulo de Luiz Albino - A planície do Nhengo - Trabalhos e fome - O Zambeze final. Cap IX - No Baroze No alto Zambeze - O rei Lobossi - O Reino de Barôze - Lui ou Ugenge	69-75					
texto	5.1.1				69	ENCONTRO D'UM EUROPEU	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena personagens
T. Coloniais	5.2	VIAGEM Á NOVA GUINÉ		Continuação tópicos anteriores	76-82					
s/ indicação	5.2.1				76	UMA CASA NA ILHA MAFOR /		E. Mésples	A. Gusman	Vista exetrior
s/ indicação	5.2.2				77	PIRATAS BIAKS NA ILHA MAFOR /		E. Mésples	Hildibrand	Cena personagens
s/ indicação	5.2.3				80	O INTERIOR DA ILHA KORIDO /		E. Mésples	C. Laplante	Paisagem
s/ indicação	5.2.4				81	POVOAÇÃO LACUSTRE EM SOWEK /		E. Mésples	?	Paisagem
História Ciência Tecnologia Opinião	5.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1593-1631, TERRAS E MINAS AFRICANAS, segundo Balthazar de Rebello de Aragão	I - 1618 Angola - O Coanza - Mochima - Massangano - Cambabe - Ilamba - Administração e fazenda publica - Quiçama - Minas de sal - Fertilidade do solo - As feiras de escravos - Abusos dos governadores - Pinda (Congo) - Commercio no Zaire - Benguella - Minas de cobre - Tentativa de travessia - O sertão - Minas de prata - Povos diversos - Informação de um grande lago - Missões religiosas - Os lacas.	82-84					
NUMERO 6.										
T. Coloniais	6.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Os conselheiros do rei - Grande audiencia - Audiencias particulares - Parece que tudo me correr bem - Eu explicando Geographia a Gambela - Volta-se a face aos negocios - Intrigas - Os Bihenos querem voltar - Uma embaixada a Benguella - Quibundos e Quimbares - A preta Marianna - Tentativa de assassinato	86-95					
fotografia	5.3.1				85	MR. E MADAME COLLIARD	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma photographia	Yvan Pranishnikoff	Hildibrand	Retrato
T. Coloniais	6.2	VIAGEM Á NOVA GUINÉ	Fim.	Conclusão. Regresso de Tenate a Paris a bordo dos vapores das <i>Messageries maritimes</i> , "apenas uma viagem de recreio, um pouco longa é verdade, pois que só entrei em Paris no dia 5 de dezembro de 1877."	96-99					
s/ indicação	6.2.1				96	PAPU ALFURO DA ILHA MAFOR /		E. Mésples	AB	Retrato-tipos
s/ indicação	6.2.2				97	INTERIOR D'UMA HABITAÇÃO EM KORIDO /		E. Mésples	/	Vista interior
s/ indicação	6.2.3				98	SEPULTURA DA ILHA MAFOR /		E. Mésples	/	Vista exterior
s/ indicação	6.2.4				98	DOIS TYPOS PAPUS DA ILHA JOBIA /		E. Mésples	/	Retrato-tipos
História Ciência Tecnologia Opinião	6.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1593-1631, TERRAS E MINAS AFRICANAS, segundo Balthazar de Rebello de Aragão	Continuação tópicos anteriores.	99-100					
NUMERO 7.										
T. Coloniais	7.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		6 de setembro - Incendio e combate - Retiro para as montanhas Cap X - A Carabina d'El Rei A traição - Perdido - A Carabina d'El Rei - Miséria - Novas scenas com o rei Lobossi (...)	101-108					
desenho	7.1.1				101	OS CINCO TUMULOS	Desenho de A. de Bar, segundo uma gravura da edição ingleza	A. de Bar	E. Meunier	Paisagem
Outras Regioes	7.2	AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO	M. Eduardo de Laveley	Referência às várias descrições e estudos dos Estados-Unidos da America por eminentes viajantes (nomeadamente New York a sua cidade mais conhecida, e Niagara, uma das maravilhas da natureza). "Labouay e Simonin fallaram da New-York d'alguns annos atraz e Chateaubriand phantasiou, mais do que descreveu, o Niagara de ha um seculo; mas apenas alguns mezes bastaram para construir os caminhos de ferro aéreos no centro de New-York e poucos viajantes, creio eu, téem visto a queda gigante apertada n'um estorjo de gelo comprimindo-lhe o desenvolvimento d'uma das forças naturaes, a mais gigantesca e a menos compressivel." Justificação de novas perspectivas para relatar da cidade coberta pela nova rede ferroviária e a contemplação de Niagara no Inverno. Visita como engenheiro da America, exploração dos Estados do Far-West e minas recentemente descobertas no Colorado; regresso aos Estados de Este e visita das quedas de Niagara em Dezembro de 1878. I - New York	109-113					
fotografia	7.2.1				109	NEW-YORK - COMBOIO PERCORRENDO A TERCEIRA AVENIDA	Desenho de Deroy, segundo uma photographia	Deroy	Bertrand	Vista cidade
fotografia	7.2.2				112	DUPLA VIA NO CAMINHO DE FERRO DA SETIMA AVENIDA	Desenho de Deroy, segundo uma photographia	Deroy	A. Kohl	Vista cidade
fotografia	7.2.3				113	PILAR DA PONTE BROOKLYN	Desenho de Taylor, segundo uma photographia	Taylor	?	Vista ponte e cidade
História Ciência Tecnologia Opinião	7.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1593-1631, TERRAS E MINAS AFRICANAS, segundo Balthazar de Rebello de Aragão	Continuação tópicos anteriores.	114-116					
NUMERO 8.										
T. Coloniais	8.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		(...) Partida - No Zambeze - Caça - Moangana - O Itufa - As pirogas-Sioma (...)	117-123					
texto	8.1.1				117	A PESCA	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	/	Cena personagens

	Outras Regiões	8.2	AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO	Continuação do número antecedente	Continuação da descrição da cidade e linhas construídas. Outra novidade no momento da chegada a New-York: o telephone; a figura "estrella" de Edison	124-129					
fotografia		8.2.1				124	PASSAGEM PROVISÓRIA NA PONTE BROOKLYN	Desenho de Taylor, segundo uma photographia	Taylor	A. Kohl	Vista ponte e cidade
fotografia		8.2.2				125	A PONTE BROOKLYN	Desenho de Taylor, segundo uma photographia	Taylor	A. Kohl	Vista ponte e cidade
fotografia		8.2.3				128	O NIAGARA NO TEMPO DOS GELOS - Queda d'agua americana	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	A. Kohl	Paisagem
fotografia		8.2.4				129	BLOCOS DE GELO AO PÉ DA QUEDA D'ÁGUA	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	?	Paisagem
	História Ciência Tecnologia Opinião	8.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	1593-1631, TERRAS E MINAS AFRICANAS, segundo Balthazar de Rebelo de Aragão	II - 1621 Minas de Benguela - Sua exploração	130-132					
					III - 1623 Minas de Pemba (Congo) - Sua exploração						
					NUMERO 9.						
	T. Coloniais	9.1	COMO EU ATRAVESEI A AFRICA		Cataratas de Gonha - Bellezas natuares - O basalto - A regio das cataractas superiores - Balle - Bombué - Na foz do rio Góco - Cataracta de Nambue - Os rapidos - Viagem vertiginosa - Catima Moriro - Quisque - Eliazar - Carimuque - O rio Machila - Muita caça - Tragedia - Embarira	133-130					
texto		9.1.1				133	PARTIDA DE CARAVANA	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	E. Meunier	Cena personagens
	Outras Regiões	9.2	AS NOVIDADES DE NEW-YORK E O NIAGARA NO INVERNO	Fim.	II - o Niagara Partida de New-York para o Niagara "por entre neves e gelos". Industria florescente da exploração do gelo nos Estados-Unidos. Descrição espectacular e hiperbólica das cataratas do Niagara: "Que penna poderia descrever os esplendores do Niagara? Trilope analiza-a, discute-a e poe em relevo todas as suas belezas. Dickens descreve-a em algumas palavras n'um acesso d'entusiasmo. Chateaubriand vê-a talvez com olhos d'inspirado, mas as suas palavras e as suas imagens não podem desenhar estes prodigios, principalmente com os mil contrastes que a mão do inverno lhe prodigalisa. Eu só encontro a palavra ingleza <i>unearthly</i> que pode traduzir a impressão com que fiquei. sim, na verdade, aquillo é um espectáculo que não é deste mundo".	140-146					
fotografia		9.2.1				140	ILHAS DE GELO NO MEIO DA QUEDA D'AGUA	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	A. Kohl	Paisagem
fotografia		9.2.2				141	O NIAGARA - A GRUTA DOS VENTOS	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	Hildibrand	Paisagem
fotografia		9.2.3				145	O NIAGARA - VISTA DA ILHA DAS CABRAS	Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia	Th. Weber	Barbant?	Paisagem
	História Ciência Tecnologia Opinião	9.3	MEMÓRIAS DO ULTRAMAR	Fim.	IV - 1631 Serviços de Balthasar Rebelo	146-148					
	História Ciência Tecnologia Opinião	9.4	OS DOZE DE INGLTERRA, Estudo Crítico-Historico	João T. Soares	Continuação de artigo no Volume II. Referência à narrativa de Mariz ( <i>Dialogos de Mariz</i> de 1758) onde aparece o catálogo dos <i>Doze</i> em nota marginal, mas apenas são identificados 4 nomes dos 12 cavaleiros.	148					
					NUMERO 10.						
	T. Coloniais	10.1	COMO EU ATRAVESEI A AFRICA		Capitulo Suplementar	150-156					
texto		10.1.1				149	A CARAVANA NA PARTE LEGUMINOSA DA FLORESTA	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	/	Cena paisagem
	Outras Regiões	10.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	M. T. Choutzé <i>Pekin et le Nord de la Chine</i> , 1873, originalmente publicado no equivalente jornal francês <i>Le Tour du Monde, nouveau journal des voyages</i> (1857-1914), no ano de 1876.	Registo em formato de Diário na primeira pessoa, da experiência de viagem a Pekin. Partida de M.T.Choutzé a bordo do vapor Americano <i>Sinnan-tzing</i> ; introdução com referência ao trabalho de G. Morache.  A embocadura do Pei-ho - A provincia de Tchely - A barra - No Pei-ho - Um missionario catholico e um negociante chinês - Os fortes de Takou - Os soldados chineses.  O pagode do Genio do mar - Os juncos - Questões entre marinheiros - As povoações - Mau acolhimento - Uma recordação de 1867 - As concessões americana e ingleza.	157-162					
fotografia		10.2.1				157	FORTE DE TAKOU (MARGEM ESQUERDA)	Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia do doutor Morache	H. Clerget	Laplant	Vista exterior
fotografia		10.2.2				160	ARCHEIROS CHINESES	Desenho de A. Marie, segundo photographias de M. Thomson	A. Marie	Barbant	Retrato grupo
fotografia		10.2.3				161	ARTILHEIROS CHINESES (NOVO ARMAMENTO)	Desenho de F. Bassot, segundo uma photographia de M. Thomson	F. Bassot	Hildibrand	Retrato grupo
fotografia		10.2.4				162	CAMELLO DO NORTE DA CHINA	Desenho de E. Roujat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Roujat [Ronjat]	Hildibrand	Retrato
	História Ciência Tecnologia Opinião	10.3	OS DOZE DE INGLTERRA, Estudo Crítico-Historico		A erudição histórica de D. Fernando de Menezes e continuação da análise dos poucos elementos deste estudo que informam sobre os <i>Doze</i> . Identificação de quatro figuras dos cavaleiros: Álvaro de Almada; Alvaro Gonçalves Coutinho; Alvaro Mendes Cerveira; Alvaro Vaz de Almada.	163-164					

	Portugal	10.4	HOMENAGEM Á INDUSTRIA NACIONAL, atelier photographico do ex.mo ser. Carlos Relvas, na Golegã	Artigo referente a uma lacuna na publicação sobre o atelier de Carlos Relvas, fazendo menção e horando os executantes do edificio: os honrados e briosos industriaes de Lordello do Ouro, no Porto, os srs. L. F. de Souza Cruz e Filhos". É feito o louvor da industria nacional que luta contra dificuldades e falta de protecção (por parte do governo e dos estabelecimentos de credito). Obra de ferro começada em 1872 e concluída em 1875. Os mesmos industriaes fizeram a estufa da quinta da Lavadeira, a publicar em um proximo número.	164					
NUMERO 11.										
	T. Coloniais	11.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	Continuação do capítulo anterior; o Alto do Zambeze.	165-171					
texto		11.1.1		<i>FIM DO PRIMEIRO VOLUME</i>	165	WAGON TRANSPONDO A RIBEIRA	Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena personagens
	Outras Regioes	11.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	cont. tópicos anteriores..						
				Tiem-tsin - Os compradores - Estatística do commercio de Tien-tsin e da China.	172-178					
fotografia		11.2.1		O palacio consular francez - o abbdade Favier - Usos - O viso-rei Li - Historia d'un tambor francez.	172	CHEGADA D'UMA METRALHADORA, ARTILHEIROS CHINEZES	Desenho de F. Bassot, segundo uma photographia de M. Thomson	F. Bassot	Bertrand	Retrato grupo
fotografia		11.2.2			173	ANTIGO CONSULADO DE FRANÇA	Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache	Taylor	Bertrand	Vista exterior
fotografia		11.2.3			176	VISTA TIRADA DO ANTIGO CONSULADO DE FRANÇA EM TIEN TSIN: O Pei-jo e os seus dois confluentes	Desenho de J. Moynet, segundo uma photographia do doutor Morache	J. Moynet	Brabant	Vista exterior
fotografia		11.2.4			177	ALDEÃO DAS MARGENS DO PEI-HO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Hildibrand	Retrato
	História Ciência Tecnologia Opinião	11.3	OS DOZE DE INGLTERRA, Estudo Critico-Historico	Referência a outros escritos relacionados com a história dos Doze. Identificação dos restantes cavaleiros: Lopo Fernandes Pacheco; Luiz Gonçalves Malafaia; Martim Lopes de Azevedo; Pedro Homem (da Costa); Ruy Mendes Cerveira; Soeiro da Costa.	179-180					
NUMERO 12.										
	T. Coloniais	12.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	SEGUNDA PARTE - A Familia Coillard Cap II- Mozioa-Tunia Viagem às cataractas - Tempestades - A grande cataracta do Zamzebe (...)	181-187					
desenho		12.1.1		cont. tópicos anteriores..	181	CAMPO DE MASSAROUAS	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um croquis	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Retrato grupo
	Outras Regioes	12.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	A rua das Lanternas e a rua da Roupa usada - Um estuario - O restaurante da Harmonia e da Amizade - o r'Hoan-kié - Casamentos posthumos - As autoridades administrativas - Os magistrados - O pastelleiro do general Montauban.	188-194					
				De Tsien-tin a Tong-tcheou - Os barcos do Pei-ho - Os barqueiros - O grande canal imperial - As <i>estrellas diffusas</i> - Cincoenta contra cincoenta - O meu patrão - Como se servem de duas varinhas para comer - O nosso junco.						
				A questão do opio.						
fotografia		12.2.1			188	BURGUEZ DE TIEN-TSIN	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	C. Laplante	Retrato
fotografia		12.2.2			189	FALCOEIRO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Hild	Retrato
fotografia		12.2.3			192	O VISO-REI LI	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia de M. Thomson	E. Ronjat	Hildibrand	Retrato
fotografia		12.2.4			193	MENDIGO	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache	A. Marie	/	Retrato
	História Ciência Tecnologia Opinião	12.3	OS DOZE DE INGLTERRA, Estudo Critico-Historico	Identificação dos "supranumerarios": João Fernandes Pacheco; Vasco Annes Corte Real.	195-196					
NUMERO 13.										
	T. Coloniais	13.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Abusos dos Macalacas - Regresso - Patamatenga - mr. Gabriel Mayer - Tumulos de europeus - Chego a Deica - A familia Coillard Cap III - Trinta Dias no Deserto O Deserto (...)	197-203					
texto		13.1.1			197	CORA ATROPELADA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	?	Cena

	Outras Regiões	13.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	cont. tópico anterior (sobre o opio). AS CINCO VIGILIAS DO OPIO (la-pi-ien-ou-tching). De Tsien-tsin a Tong-Tcheou - Quatro aldeias - A estrada - O palanquin d'un funcionario - Jangadas - Lentidão da navegação. Aves da margem - O pagode de Tong - Tcheou - Desembarque - A ponte de Pali-kiao.  Pekin - O que d'elle diz Marco Polo - As duas cidades - A população - A porta Chakao-méne - Formalidades - A porta Hata-méne - Entrada da cidade tartara - A rua Hata-méne - A legação de França.	204-211					
desenho		13.2.1			204	OS BARCO DO PEI-HO	Desenho de Th. Weber, segundo uma aquarella do auctor	Th. Weber	Laplante	Vista barcos
fotografia		13.2.2			205	FUMADORES D'OPIO	Desenho de Kauffmann, segundo photographias de M. J. Thomson	Kauffmann	Hild	Retrato / cena
fotografia		13.2.3			208	PALANQUIM D'UM ALTO FUNCIONARIO	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache	A. Marie	Hildibrand	Cena
fotografia		13.2.4			209	PICADOR TARTARO	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia do doutor Morache	A. Marie	Bertrand	Retrato / cena
História Ciencia Tecnologia Opinião		13.3	OS DOZE DE INGLTERRA, Estudo Critico-Historico	Conclusão	211-212					Conclusão dos excertos da história.
NUMERO 14.										
	T. Coloniais	14.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		214-219					(...) Florestas - Planicies - os Macaricaris - Os Massaruas - O grande Macaricari (...)
texto		14.1.1			213	AS ABERTURAS DA FLORESTA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Hild.	Cena
	Outras Regiões	14.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA		220-226					cont. tópicos anteriores.  Residencia da legação franceza - Sou de Cima - Foram os chinezes que na realidade conquistaram os Mantchoux - Para que serve o rabicho - Como se constitui a população de Pekin.
fotografia		14.2.1			220	CARROÇA CHINEZA	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	AB	Retrato / cena
fotografia		14.2.2			222	VISTA GERAL DAS FORTIFICAÇÕES DE PEKIN	Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Vista cidade
fotografia		14.2.3			224	PEKIN - INTERIOR D'UM BASTIÃO	Desenho de Taylor, segundo uma photographia do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Vista cidade
fotografia		14.2.4			225	PORTA TEIENE-MENE	Desenho de Taylor, segundo photographias do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Vista cidade
	Portugal	14.3	CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES	João Teixeira Soares	227-228					I - Se a ilha Terceira é a verdadeira ilha de Venus do poema <i>Os Lusíadas</i> ? Opinião de Jeronymo Emiliano de Andrade, e Moniz Barreto.  II - Se Luiz de Camões, regressando do Oriente, passou com efeito pelos Açores em Março de 1570? (...)
NUMERO 15.										
	T. Coloniais	15.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA		230-235					(...) Os rios no deserto - Morte da Córa - Falta de agua - O ultimo chá de Madame Coillard - Xoxom (Shoshong) CAP IV - No Manguato Doença grave - Um Stnalely que não é o Stnalely - O rei Cama - Os inglezes em Africa - A libra esterlina (...)
desenho		15.1.1			229	CASAS EM CHOCHON	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um croquis	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Vista exterior
	Outras Regiões	15.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA		237-242					cont. tópicos anteriores.  Os penteados das mulheres cinezas e tartaras - Com se pintam - as unhas.  Os pés pequenos.
fotografia		15.2.1			236	PORTA D'ENTRADA DA LEGAÇÃO DE FRANÇA	Desenho de Taylor, segundo photographias do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Vista exterior
fotografia		15.2.2			237	PEKIN - GRANDE RUA HATA-MENE-TA-KIÉ	Desenho de H. Clerget, segundo photographias do doutor Morache	H. Clerget	Barbant	Vista cidade
fotografia		15.2.3			240	RUA DA LEGAÇÃO DE FRANÇA	Desenho de Taylor, segundo photographias do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Vista cidade
fotografia		15.2.4			241	PAVILHÃO ESTE NO PATEO DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN	Desenho de H. Clerget, segundo photographias do doutor Morache	H. Clerget	Bertrand	Edificio exterior
	Portugal	15.3	CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES	Fim.	242-244					(cont. II)  III - Se Camões partiu de Moçambique na não Fé ou na Santa Clara? Sentido histórico da palavra matalote, com que Diogo de Couto designa o poeta.

NUMERO 16.									
T. Coloniais	16.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Mr. Taylor - os Banmaguatos a cavallo - Cavallos e cavalleiros - Despedidas - Parto para Petroria - Acontecimentos nocturnos - Volto a Xoxom - Pararam os chronometros? Cap V - De Shoshong a Pretoria Catraio - Aparece o wagon - Despedida de M. Coillard - Tempestades - O wagon tombado (...)	245-251					
desenho	16.1.1		ccont. tópicos anteriores.. Oculos - Estojos das orelhas - Guarda-sol - Leque - Ventarolias O principe Kong O ministerio dos negocios estrangeiros - Illusões patrioticas dos chinezes - As visinhanças do Palacio - Uma creança terrivel de Pekin - Verdadeiros sentimentos dos chinezes a respeito dos diabos - Formalidades d'uma apresentação - O principe Kong - O seu caracter. Relações do Japão com a China - Processos diplomaticos do Oriente - Um traço da politica japoneza: as ilhas Lieou-tsieou - Instincto d'imitação dos japonezes. A escola das sciencias occidentaes - O doutor Martin - Os seus trabalhos - Creacções importantes - Inspeção das alfandegas - Serviços prestados aos chinezes por esta administração.	245	O MAJOR EXPERIMENTA FLY	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição inglesa	Yvan Pranishnikoff	AB	Cena
Outras Regioes	16.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA		252-260					
fotografia	16.2.1			252	KIOSKE NO JARDIM DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN	Desenho de Taylor, segundo photographias do doutor Morache	T. Taylor	Laplante	Edifício exterior
fotografia	16.2.2			253	CAPELLA DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN	Desenho de H. Clerget, segundo photographias do doutor Morache	H. Clerget	A. Bertrand	Edifício exterior
fotografia	16.2.3			256	INDIGENA DA CORÉA	Desenho de E. Roujat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Roujat	/	Retrato
fotografia	16.2.4			257	PORTA DO PATEO PRINCIPAL DA LEGAÇÃO DE FRANÇA	Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache	H. Catenacci	Barbant	Edifício exterior
NUMERO 17.									
T. Coloniais	17.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Trabalhos de novo genero - Chuvas - O Limpôpo (...)	261-264					
texto	17.1.1		cont. tópicos anteriores.. [fragmentos de conversa entre chinezes na tentativa de explicar o que não entendem, relativo ao processo das fotografias: "Ha uma grande caixa de madeira, dizia um dos do grupo, na qual o diabo estrangeiro colloca uma placa de vidro e depois olha com o instrumento, recommendadando que não se mexam. Durante este tempo resa, olhando para o relógio e prompto! - Nada, não é isso, acrescenta um outro; ha uma droga com que lava a placa. - Enfim, tudo isso não é claro, diz um terceiro, e para que esta caixa possa por si só ver e pintar, é decerto necessario que as lentes ou as drogas empregadas sejam feitas com olhos humanos, e voces sabem que os christãos vêem aqui, á sua custa, recolher as crianças chinezas abandonadas. Ninguem me fará acreditar que eles são tão desinteressados como querem inculcar". p34	261	UMA VEGETA DO REI CAMA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena personagem
Outras Regioes	17.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	O observatorio - As suas origens - Um concurso entre musulmanos e jesuitas - O padre Verbiest - Os instrumentos do observatorio - O principe Toune - Chronica de Pekin - O mont-de-piété chinês. Uma vista das muralhas - Encontro de guardas - Uma partida de xadrez - Desafio de jogadores - O barbeiro de Pekin. Misérias do bairro do observatorio - A grande rua de Ha-taméne - Scenas populares - Conversa entre dois pedreiros - Explicação d'un aparelho photographico - Para que recolhem as creanças os <i>diabos estrangeiros</i> - Enterro segundo os ritos. Extrema difficuldade em obter uma audiencia do imperador da China - o meu guia no palacio: como eu o encontrei; o seu cargo; a sua historia; a sua morte. A cidade prohibida - A porta da Grande Pureza - As pontes da Onda d'Ouro - As portas da Tranquilidade celeste e do Principe - O templo dos antepassados - O templo do Che e Tsi - A cidade imperial - O pavilhão do Esplendor Rubro - O pavilhão da Soberana Concordia - As genuflexões - Anecdotas - As mesquitas dos musulmanos de bonnés vermelhos.	265-273					
fotografia	17.2.1			265	TIBETANO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Hildibrant	Retrato
fotografia	17.2.2			268	CHINEZ LETTRADO	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Hildibrant	Retrato
fotografia	17.2.3			269	MANDARIM	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Barbant	Retrato
fotografia	17.2.4			273	DAMAS CHINEZA E TARTARA	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson	A. Marie	Bertrand	Retrato
Outras Regioes	17.3	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Viriato Silva Diplomata que cumpria missão do Brazil em Paris e, consequência do inverno rigoroso de 1875, dirige-se a Italia "buscando na sombra das copadas laranjeiras e dos myrtos que crescem na terra do Lacio, o conforto que me negavam as habitações de Paris."	274-276					
			Percuso até Itália com passagem pela Suissa, nova travessia de França a Hespanha e Portugal - onde foram escritas as "ligeiras" impressões da viagem, publicadas no jornal. Novembro: Lyon; 1 Dezembro: trem em direcção a Turim (travessia de Ain, Saboia, troca em Culoz para a linha do Monte-Cénis. A cidade de Turim.						

NUMERO 18.										
T. Coloniais	18.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Fly - Caçadas - No Ntuani - Um Stanley que não presta - Augusto furioso - Adicul - Os leões - Stanley desanima - Os boers nomadas - Novo wagon - Pericipcias - Doenças graves (...)	277-280						
Portugal	18.2	PORTUGAL PERANTE A CIVILIZAÇÃO (Ao Meu Ex.mo Amigo João Eduardo da Motta Junior)	Manoel Antonio Coelho Zilhão Artigo sobre constituição da nacionalidade portuguesa, pós "memoráveis campinas de Ourique" empreendidas por d. Afonso Henriques, momento a partir do qual principiam as "responsabilidades de nacionalidade constituída". Esforços dos primeiros reis portugueses; Século XV e as descobertas; portugueses como os primeiros marinheiros dos séc. XV e XVI; período de perda de nacionalidade para as "garras leoninas" de Filipe II e posterior libertação. Reflexão sobre o enfraquecimento recente do "robusto braço lusitano" no que concerne ao actual imperio colonial contudo exaltação do carácter indiscutível da nação: "Somo pequenos, é verdade, mas sendo pequenos já fomos grandes, e tão grandes que cingimos em estreito amplexo nos braços prometheanos o globo do oriente ao occidente, e collocamos balisas nas regiões boreaes e nas plagas do meio dia." cont. tópicos anteriores..	280-283						
Outras Regioes	18.3	PEKIN E O NORTE DA CHINA	Banquetes officias - Palacio da Concordia Média e da Concordia Protectora - Terraços e galerias - O throno imperial - Musica - O conselho do imperio - A Porta Florida - Os negociantes - O Tchouane sine tiène - A biblioteca; os livros.	285-290						
fotografia	18.3.1			284	MENDIGOS	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson	A. Marie	Hildibrant	Retrato grupo	
fotografia	18.3.2			285	MULHER TARTARA	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Barbant	Retrato	
fotografia	18.3.3			288	DAMA TARTARA D'ALTA SOCIEDADE	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Bertrand	Retrato	
desenho	18.3.4			289	A ÇUCENA DOIRADA	Gravura de M. Rapine, segundo uma pintura chinesa emprestada pelo doutor Morache	M. Rapine	/	cópia de pintura?	
desenho	18.3.5			290	COLLOCAÇÃO DO APARELHO NOS PÉS	Gravura de M. Rapine, segundo uma pintura chinesa emprestada pelo doutor Morache	M. Rapine	/	cópia de pintura?	
Outras Regioes	18.4	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Descrições museu, palácio capella; galeria Subalpina: palacio da Academia das Sciencias; outros monumentos, tetaros e centros publicos de recreo, cafes ...	291-292						
NUMERO 19. (separação entre numeros imprecisa)										
História Ciencia Tecnologia Opinião	19.1	ESTUFA NOTAVEL	Duarte de Oliveira, Junior Descrição feita pelo "presado collega do <i>Jornal de Horticultura Practica</i> " sobre a notável estufa que o sr. Conde Silva Monteiro adquiriu para a sua quinta no sitio da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, onde possui admiravel colecção de plantas. Exaltação da estufa como "documento eloquente do progresso que a arte e a industria teem feito em Portugal" como sendo uma obra de género novo, bem executada entre nós. [Longa nota de A. Souza Pinto em nome da redacção que discorda do autor, ao afirmar que o governo tem protegido as artes e industrias entre nós, afirmando e justificando pelo contrário que infelizmente estes são temas esquecidos pela Nação!] Descrição técnica da estufa, seus elementos e execução.	293-295						
s/ indicação	19.1.1			293	ESTUFA DO EX.MO SR. CONDE DA SILVA MONTEIRO	no sitio da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, construida na fabrica da fundição do Ouro, no Porto	Alberto?	/	Edifício exterior	
T. Coloniais	19.2	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Um Christophe de mil diabos - Madame Gonin - O ultimo tumulo - Magaliesberg - Pretoria. cont. tópicos anteriores..	295-299						
Outras Regioes	19.3	PEKIN E O NORTE DA CHINA	O Kiang-tzigne-kong - Um festim de sexagenarios - As marcas de esmeralda - O Tiao-taé-tiène - A manhã do imperador - Habitação da imperatriz - O palacio da Meditação - Dote das princezas - O palácio da Primavera Eterna - As mulheres do imperador - Diversos palacios - A administração - Os eunucos - O seu cemiterio.	300-304						
fotografia	19.3.1			300	CHINEZA RECEM-CASADA	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Laplante	Retrato	
fotografia	19.3.2			301	MENINA CHINEZA D'ALTA SOCIEDADE	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Laplante	Retrato	
fotografia	19.3.3			303	DAMA CHINEZA NA SUA TOILETTE	Desenho de A. Marie, segundo uma photographia de M. Thomson	A. Marie	Bertrand	Retrato grupo	
Outras Regioes	19.4	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Partida em direcção a Milão; cenas do tracto. A cidade de Milão e seus monumentos.	304-307						
História Ciencia Tecnologia Opinião	19.5	GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO	Ashavero Breve resenha acerca do livro <i>O Homem Primitivo</i> , publicado pela <i>Empreza Litteraria Luso-Brasileira</i> , de Louis Figuer, que traça a epopeia das lutas do Homem desde a época das cavernas à idade do ferro; valorização da <i>Sciencia</i> e dos seus estudos sobre a Humanidade.	307-308						

s/ indicação	19.5.1		"É a esse excelente livro, um dos mais uteis e curiosos ultimamente publicados em Portugal, que pertence a bella gravura que acompanha este artigo. Graças a um trabalho consciencioso e admirável, estão ali fielmente reconstituídos os guerreiros da época de ferro. As diferentes peças de adorno do cavalleiro guerreiro a pé, assim como do cavallo foram deduzidos dos objectos que figuram no Museu de Saint-Germain, e que proveem dos modelos executados em Halstad"	308	GUERREIROS DA ÉPOCA DO FERRO		Émile Bayard	?	Retrato / cena
NUMERO 20.									
T. Coloniais	20.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Cap VI - No Transvaal Rapido esboço da historia dos Boers- O que são os Boers - Sus emigrações e trabalhos - Adriano Pretorius - Pretorius - As minas de diamantes - Brand - Burgers (...)	309-316					
texto	20.1.1			309	CATRAIO DÁ AO MAJOR A CAIXA DOS CHRONOMETROS	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Hildibrand	Cena personagens
texto	20.1.2			312	PASSAGEM DO RIO NTOUANI	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Cena personagens
desenho	20.1.3			313	VISITA AO ACAMPAMENTO DOS BOERS	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um esboço	Yvan Pranishnikoff	Hildibrand	Cena personagens
Outras Regioes	20.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	O imperador reinante - A sua infancia - A sua adolescencia - Um decreto das suas imperatrizes - A noiva do imperador - Presente de nupcias - Cerimonias.  Cortejo da nova imperatriz da China no dia do seu casamento (15 d'outubro, 1873?).  Declaração da maioridade do imperador - Abuso de gulodices - Recepção do corpo diplomatico - Phisionomia e vestuario do imperador.	317-322					
fotografia	20.2.1			317	GRUPO DE MUSICOS	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Laplante	Retrato grupo
s/ indicação	20.2.2			320	VISTA D'UM DOS EDIFICIOS DO ESTYLO ITALIANO DO PALACIO DE YUANE-MIGNE-YUANE	/	/	Barbant	Edificio exterior
fotografia	20.2.3			321	TORRE FUNERARIA Á MEMORIA D'UM BONZO	Desenho de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache	H. Catenacci	?	Edificio exterior
Outras Regioes	20.3	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	A cidade de Veneza; descrições românticas das praças e canais.	323-324					
NUMERO 21.									
T. Coloniais	21.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	Juizo errado acerca dos Boers - O que eu vi e o que eu penso. Cap VII - No Transvaal (continuação) M. Swart - Dificuldades - Dr. Risseck - Eu gastronomo! - Sir Bartle Frere e o consul portuguez Mr. Carvalho - O secretario colonial Mr. Osborn - Jantares e saraus - O missionario Rev. Gruneberger (...)	325-332					
texto	21.1.1			325	CREANÇAS BOERS COMENDO HERVA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	AB	Cena personagens
texto	21.1.2			328	O SUSTO DE CHRISTOVÃO	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Hildi.	Cena personagem
desenho	21.1.3			329	CAFRES E BOERS DOS ARREDORES DE PETRORIA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um esboço	Yvan Pranishnikoff	AB	Cena personagens
Outras Regioes	21.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	cont. tópicos anteriores..  O pagode dos marceneiros - O sacerdote - A nossa refeição - O buddhismo - Dois cantores.	333-338					
fotografia	21.2.1			333	VASOS DE PORCELLANA DA DYNASTIA DOS MINGS	Desenhos de B. Bonnafoux, segundo photographias de M. Thomson	B. Bonnafoux	Laplante	Objecto
fotografia	21.2.2			337	VASOS DE PORCELLANA DA DYNASTIA DOS MINGS	Desenhos de B. Bonnafoux, segundo photographias de M. Thomson	B. Bonnafoux	Laplante	Objecto
Outras Regioes	21.3	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Continuação da descrição de Veneza e monumentos visitados.	339-340					
NUMERO 22.									
T. Coloniais	22.1	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	(...) Mr. Fred Jeppe - O jantar de 80 de infantaria - major Tyler e capitão Saunders - Insubordinação - Mr. Selous - Monseigneur Jolivet - O que era Pretoria - Uma photographia de pretas - Episodio burlesco da guerra trágica dos Zulus.	342-348					
desenho	22.1.1			341	VISTA DE PETRORIA	Desenho de Taylor, segundo uma gravura do <i>Graphic</i>	T. Taylor	A. Kohl	Paisagem
desenho	22.1.2			344	MULHERES INDIGENAS DAS CEREANIAS DE PETRORIA	Desenho de Y. Pranishnikoff, segundo um esboço	Yvan Pranishnikoff	A. Kohl	Retrato grupo
texto	22.1.3			345	O MAJOR E A FORMOSA AMAZONA	Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Hildibrand	Cena personagens
Outras Regioes	22.2	PEKIN E O NORTE DA CHINA	cont. tópicos anteriores..  A cidade chinesa - Uma estação de trens - Pequenos negociantes - A consulta dos oraculos - A ponte dos Mendigos - Bazares - Um restaurante; a cosinha do templo da Felicidade celeste - Apresentação; fórmulas de informações - O almoço - O serviço - A cosinha na China - Manjares mais procurados em Pekin - A musica.  A rua Ta-cha-la-eurl - O celebre negociante de curiosidades - Kiu-hp-tcheng - Esmaltes - Mau comprador - A rua Leao-li-tchang - Pintores.	348-355					

fotografia	22.2.1				349	TRAGICOS DE PEKIN	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia de M. Thomson	E. Ronjat	Laplante	Retrato grupo
fotografia	22.2.2				353	KIOSQUE NO PATEO DA MESQUITA DE NICOU-KIÉ, EM PEKIN	Desenhos de H. Catenacci, segundo uma photographia do doutor Morache	H. Catenacci	?	Edificio exterior
	22.3	Outras Regioes	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Sistema de viação pelas <i>Calli</i> ; materiais e configurações das <i>Piazzas</i> ...	355-56					
	23.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	Cap VIII - O fim da Viagem A chegada do coronel Lanyon - Parto de Pretoria - Heidelberg - Um <i>dog-cart</i> - O Tenente Barker - Dupuis - Periepcias d'uma viagem no Transvaal - Newcastle (...)	358-363					
texto	23.1.1				357	NOS DESFILADEIROS DOS BRAKENBERGS	Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena
texto	23.1.2				361	ORAÇÃO DA TARDE EM CASA D'UM BOER	Composição de Y. Pranishnikoff, segundo o texto	Yvan Pranishnikoff	Barbant	Cena
	23.2	Outras Regioes	PEKIN E O NORTE DA CHINA	cont. tópicos anteriores.. As religiões da China - O culto civil official - Filosofia de Confucius - Visita a um templo - Laotzé.	363-369					
fotografia	23.2.1				364	ALTAR DO TEMPLO DO CEU	Desenhos de H. Catenacci, segundo uma photographia de M. Thomson	H. Catenacci	Bertrand	Vista exterior
fotografia	23.2.2				365	RETABULO NO TEMPLO DE CONFUCIUS	Desenho de B. Bonnafoux, segundo photographias de M. Thomson	B. Bonnafoux	Laplante	Edificio interior
fotografia	23.2.3				368	STHOUPI INDIANO OU MONUMENTO ERGUIDO Á MEMORIA DO PRIMEIRO GRÃO-LAMA VINDO A PEKIN	Desenho de M. Catenacci, segundo uma photographia	M. Catenacci	Barbant	Edificio exterior
	23.3	Outras Regioes	UMA EXCURSÃO ARTISTICA POR ITÁLIA	Fim. Os numerosos cafes nas arcadas; os gelados; os ramos de flores. A basílica de S. Marcos. Referências históricas. Conclusão da viagem.	369-372					
	24.1	T. Coloniais	COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA	Conclusão (...) A diligencia - Episodios burlescos - Pietermaritzburg - Durban - Volto a Maritzburg - Didi Saunders - Episodios em Durban - O Consul portuguez Mr. Snell - O Danubio - O commandante Draper - Regresso á Europa. Conclusão: Resultado das observações astronomicas calculadas em Africa durante a viagem. "E com isto concluo a relação d'esses trabalhos, que eu devia ao meu paiz e ao publico em geral."	374-379					
fotografia	24.1.1				373	VISTA DE PIETERMARITZBURG	Desenho de Taylor, segundo uma photographia	T. Taylor	/	Vista cidade
fotografia	24.1.2				377	UMA VISTA DE DURBAN	Desenho de D. Lancelot, segundo uma photographia	D. Lancelot	Ruhfel	Vista cidade
	24.2	Outras Regioes	PEKIN E O NORTE DA CHINA	FIM. O buddhismo - A sua introdução na China - O culto - A sua decadencia - Indifferença chinesa - Lels respectivas aos bonzos. A reforma lamaica - Tioug-Kaba - Monumentos budhicos em Pekin - o Grão-Lama. As missões christãs - O padre Ricci - Dissenções lastimaveis - Os tumulos dos padres jesuitas - O padre Shall - Estado actual das missões. Conclusão do relato, terminando com apela à França da continuação da protecção do christianismo no extremo Oriente.	380-384					
fotografia	24.2.1				381	BONZOZ OU SACERDOTES BUHISTAS DO CULTO INDICO	Desenho de O. Mathieu, segundo uma photographia de Mr. Thomson	O. Mathieu	/	Retrato grupo / cena
fotografia	24.2.2				384	GRÃO-LAMA, EM PEKIN	Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia do doutor Morache	E. Ronjat	Brabant	Retrato
	24.3	História Ciencia Tecnologia Opinião	O DELTA DO TONG-KING	A Redacção? Introdução sobre a exploração franceza da bacia do Mé-Kong (rio que sai das montanhas do Tibete, atravessa a China central e a península indo-chineza, passa pelo Cambodje e Conchichina francesca e desagua no mar da China), impossibilidade de uso desta grande artéria fluvial e reconhecimento da via mais cómoda do rio Tong-King. Início da exploração do rio Tong-king em 1870. Opinião sobre a questão do Tong-King e o envolvimento da França em conflito com o Celeste império, a quem "não lhe resultarão senão consequências desastrosas" pela falta de vontade de concessões por parte da China. Referência à "loucura" de França por um "pretexto fútil".	384-386					